

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**CIDADANIA E IDENTIDADE  
NA SOCIEDADE TEUTO-BRASILEIRA:  
José Deeke e os embates  
culturais interétnicos no Vale do Itajaí**

Dissertação apresentada como exigência parcial  
para a obtenção do título de Mestre em História  
da Universidade Federal de Santa Catarina, sob  
a orientação do Professor Dr. João Klug.

**Cristina Ferreira**

Florianópolis - SC  
Dezembro de 1998

**CIDADANIA E IDENTIDADE NA SOCIEDADE TEUTO-  
BRASILEIRA: JOSÉ DEEKE E OS EMBATES INTERÉTNICOS  
NO VALE DO ITAJAÍ**

**CRISTINA FERREIRA**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Klug (Orientador) (UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marionildes Brehol de Magalhães (UFPR)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Amélia Schmidt Dickie (UFSC)

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Bernardete Ramos Flores (UFSC)

Florianópolis, 03 de dezembro de 1998.

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>i</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>ii</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>iv</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>001</b>
<b>Capítulo I – José Deeke: conflitos e desejos</b> .....	<b>007</b>
1.1 – Infância revelada sob a ótica da memória reconstituída .....	<b>007</b>
1.2 – Juventude: em busca da tão sonhada liberdade .....	<b>024</b>
1.3 – Entra em cena o homem, desaparece o menino .....	<b>031</b>
1.4 – Sociedade Colonizadora Hanseática e a influência colonizadora de José Deeke .	<b>040</b>
<b>Capítulo II – Manifestações historiográficas na obra de José Deeke</b> .....	<b>051</b>
2.1 – Historiografia: pluralidades e entendimentos .....	<b>051</b>
2.2 – História política enquanto prática de cidadania .....	<b>058</b>
2.3 – Literatura e Cotidiano: a contribuição teuto-brasileira .....	<b>076</b>
2.4 – A construção da sociedade pelo viés da literatura: contos de José Deeke .....	<b>098</b>
<b>Capítulo III - Identidade Catarinense: teuto-brasileiros em busca da cidadania ....</b>	<b>105</b>
3.1 – Os descaminhos da etnia: germanidade X açorianidade .....	<b>105</b>
3.2 – Combates pela Cultura: identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira ..	<b>122</b>
3.3 – O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: a etnia enquanto fator determinante da produção historiográfica .....	<b>137</b>
<b>4 – Considerações Finais</b> .....	<b>149</b>
<b>5 – Índice de Ilustrações</b> .....	<b>152</b>
<b>6 – Fontes e Bibliografia</b> .....	<b>153</b>
<b>7 – Locais pesquisados</b> .....	<b>165</b>
<b>8 – Anexos</b> .....	<b>166</b>

## AGRADECIMENTOS

A dedicação à pesquisa histórica impõe desafios, confrontos e faz travar batalhas, que muitas vezes seduzem o indivíduo a ponto de fazê-lo mergulhar no trabalho com obstinação e teimosia pelo tema escolhido.

A construção deste estudo contou com a participação de muitas pessoas, a quem agradeço pela amizade e espírito de colaboração com que se envolveram, possibilitando a concretização do texto que adiante se apresenta.

Primeiramente, deixo minha gratidão ao Prof. Dr. *João Klug*, que orientou esta atividade intelectual e contribuiu de maneira decisiva para a finalização da mesma, fornecendo-me a segurança necessária ao longo do percurso trilhado. Importante mencionar que seu estímulo e disposição acompanharam-me desde o período da graduação, apontando caminhos e sugerindo possibilidades para a pesquisa histórica.

Ao Prof. Dr. *Élio Cantalício Serpa*, orientador inicial desta pesquisa, cuja valiosa contribuição e solicitude foram fundamentais para o progresso gradual da mesma, especialmente pelas inúmeras sugestões bibliográficas que, em sua maioria, constituíram-se em preciosos referenciais teóricos, sobretudo na etapa de confrontação com as fontes documentais.

A todos os professores do mestrado na UFSC: Maria Bernardete Ramos Flores, Joana Maria Pedro, Arthur Isaia, Valberto Dirksen, Élio Serpa, pelo estímulo ao aperfeiçoamento e contribuição para o aprimoramento na área da História.

Aos professores da pré-banca: Cristina S. Wolff e Ana Lúcia, pelas sugestões e importantes comentários, visando o aprimoramento do texto.

Aos amigos da turma do mestrado, pelos debates e trocas de experiências em aula, que foram fundamentais para o desenvolvimento das idéias iniciais desta pesquisa.

Aos ex-presidentes da Fundação Cultural de Blumenau, Sra. Elke Hering (*in memoriam*) e Sr. Altair Carlos Pimpão, pelo reconhecimento e liberação de minhas atividades profissionais, para frequentar as aulas do mestrado em Florianópolis.

A todos os colegas que compõem a equipe da Fundação Cultural de Blumenau, sobretudo meus companheiros diretos, vinculados ao Arquivo Histórico e Museu.

Aos colegas do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau - FURB, pelo apoio e constantes cobranças visando o término da pesquisa. Em especial ao Prof. Salvio A. Müller, pela leitura dos textos e incentivo.

Aos responsáveis pelo trabalho de tradução: Sra. Edith S. Eimer, Sr. Werner H. Tönjes, Sra. Gertrudes Scheltzke, pela conversão de alguns textos do alemão para a língua portuguesa.

Ao amigo e excelente tradutor, Sr. *Curt Willy Hennings* que, numa demonstração de desprendimento e amizade, traduziu diretamente a grande maioria dos textos, lendo em alemão e ditando em português para serem digitados, meus profundos agradecimentos e eterna amizade.

A família Deeke, na pessoa do Sr. Niels Deeke, que gentilmente cedeu documentos pessoais de seu avô, permitindo assim a construção da imagem de José Deeke e as incursões biográficas do primeiro capítulo.

À amiga Méri Frotscher pela leitura dos textos, fornecendo-me sugestões e sobretudo dicas relacionadas às etapas da pré-banca e banca.

À Profa. *Sueli Petry*, mestre e diretora do Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”, responsável pela minha iniciação nas áreas da documentação e História, a quem atribuímos incentivo, ensinamentos e questionamentos, que muito contribuíram para o enriquecimento e aprimoramento na vida profissional. Além disso, contamos com seu apoio direto nos momentos mais difíceis e decisivos e, por este motivo, deixamos nosso agradecimento especial pela amizade e carinho.

Aos meus irmãos Carlos Alberto e Cláudio Luiz, pelas entregas dos textos na UFSC e principalmente pela amizade e companheirismo.

Aos meus pais, José e Laudelina, que desde o início não pouparam esforços e proporcionaram um incentivo constante na opção pela área da História, lutando conosco para possibilitar a conquista desta nova etapa na vida profissional e pessoal, meu carinho e dedicação.

## RESUMO

A dissertação procura estudar categorias como identidade, relações étnicas, cidadania, política e cotidiano, presentes no imaginário da comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí, através da produção histórico-literária de José Deeke: cartógrafo, agrimensor e diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática de Ibirama (1909 - 1929). A literatura escrita por José Deeke expressa relações sociais e modela formas de agir e pensar, possibilitando um diálogo entre o discurso do autor e o cotidiano. O eixo central da pesquisa é a análise das controvérsias e conflitos étnicos entre os luso-brasileiros e teuto-brasileiros, os quais geraram polêmicas e criaram estereótipos em torno do direito à cidadania e nacionalidade brasileira. Simultaneamente, estes conflitos também permitiram um posicionamento dos teuto-brasileiros frente à sua participação na política brasileira e contribuíram para o debate sobre a questão da identidade no Vale do Itajaí. A discussão sobre a identidade e cidadania é abordada num espaço de sentidos múltiplos, pois as mesmas evocam dimensões de uma cultura plural e conflituosa e estão vinculadas ao coletivo e à diversidade cultural. Na concepção dos teuto-brasileiros, elementos ligados à nação alemã, como raça, língua, índole e cultura, deveriam estar vinculados ao exercício da cidadania brasileira. Para tanto, estuda-se a influência exercida pelos intelectuais teuto-brasileiros no que se refere à participação política dos colonos nas eleições, através do incentivo ao direito de voto e ao aprendizado da língua portuguesa. Os teuto-brasileiros construíram sua identidade cultural através da reelaboração do *Deutschtum* (preservação dos costumes e da cultura alemã) no Brasil, pois as idéias germanistas foram concebidas por alguns intelectuais, à medida que o indivíduo pertencente à comunidade étnica alemã entrou em contato com outras culturas e assimilou novos costumes. Este processo de assimilação aconteceu em meio aos conflitos entre luso-brasileiros e teuto-brasileiros, sendo que estes últimos, conforme se estabelecia a "miscigenação" cultural, criavam e recriavam os costumes e tradições de seus antepassados, esculpindo uma identidade própria.

## ABSTRACT

This dissertation attempts to study categories such as identity, ethnic relationships, citizenship, politics and the daily present in the imaginary of the teuto-brazilian community of Itajaí Valley, through José Deeke's historical-literary production: cartographer, surveyor and director of the Sociedade Colonizadora Hanseática de Ibirama (1909 - 1929). The literature written by José Deeke expresses social relationships and it models forms of acting and thinking, therefore facilitating a dialogue between the author's speech and the daily. The central axis of the research is the analysis of the controversies and ethnic conflicts among the luso-brazilians and teuto-brazilians, which generated polemics and created stereotypes around the citizenship and brazilian nationality rights. Simultaneously, these conflicts also allowed a positioning of the teuto-brazilian about their participation in the brazilian politics and contributed to the debate on the subject of the Itajaí Valley identity. The discussion about the identity and citizenship is approached in a space of multiple senses, because these characteristics evoke dimensions of a plural and conflicting culture and are linked to the collective and the cultural diversity. In the teuto-brazilians' conception, elements linked to the German nation, such as race, language, nature and culture, should be linked to the exercise of the brazilian citizenship. Therefore, it is studied the influence exercised by the teuto-brazilians intellectuals over the colonists' political participation in the elections, through the incentive to the vote right and the learning of the portuguese language. The teuto-brazilians built their cultural identity through the elaboration of *Deutschtum* (preservation of the habits and of the German culture) in Brazil, because the germanists' ideas were conceived by some intellectuals, as the individual belonging to the German ethnic community entered in contact with other cultures and assimilated new habits. This assimilation process happened at the same time as the conflicts among luso-brazilians and teuto-brazilians. These last ones, as the "cultural miscigenation" was settled, created and then created again their ancestors' traditions and habits, sculpting an identity of their own.

## INTRODUÇÃO

“Mesmo para os homens dos nossos dias  
pode-se afirmar que os episódios cotidianos  
em que eles percebem conscientemente  
as semelhanças são apenas uma  
pequena fração dos inúmeros casos  
em que a semelhança os determina,  
sem que eles tenham disso consciência”.<sup>1</sup>

A produção historiográfica e literária dos primeiros intelectuais blumenauenses, descendentes de imigrantes alemães, esteve sempre vinculada a um processo cultural, seja de tradições herdadas dos seus antepassados germânicos, ou de contatos com outras etnias, especialmente a luso-brasileira, para construção de sua sociedade local.

O eixo central desta pesquisa é a análise das manifestações historiográficas contidas na obra do historiador e romancista José Deeke, que vinculava suas pesquisas ao trabalho de colonização e medição de terras na Colônia Hansa-Hammonia (atual município de Ibirama-SC), fundada no final do século XIX e pertencente ao município de Blumenau-SC até a década de 1930.

Deeke era autodidata e construiu seu “intelecto” a partir da leitura e estudo intensivo das obras dos autores clássicos europeus, em especial: Schiller, Goethe, Shakespeare e Heine, inspirando-se neles e, ao compor seus trabalhos, deixando-se influenciar pelos mesmos.

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. Doutrina das Semelhanças. In: **Obras Escolhidas**, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.

Sua produção literária e historiográfica tornou-se referência para a pesquisa do cotidiano da comunidade teuto-brasileira, visto que abordava temáticas variadas, voltadas à orientação dos leitores do meio rural e urbano de sua época.

Nossa proposta é fazer uma leitura da sociedade teuto-brasileira, retratada nos trabalhos de José Deeke no período da Primeira República, através de categorias como identidade, relações étnicas, cidadania, política e cotidiano.

É importante destacar que os textos de José Deeke são os instrumentos através dos quais buscamos uma identificação da experiência cultural da comunidade teuta do Vale do Itajaí. Portanto, partimos do pressuposto de que suas práticas pessoais estavam inseridas em um contexto social e evocavam sentimentos repletos de pontos de referências, palavras, idéias e linguagens advindas de seu meio comunitário.

Com isso, queremos afirmar que não buscamos privilegiar o papel dos grandes indivíduos, mas sim trabalhar as especificidades sociais, levando-se em conta que “a especialidade da história é o *particular*, mas o particular é diferente do individual e o particular específica, quer a atenção, quer a investigação histórica...”<sup>2</sup>

O processo de investigação histórica nos atinge diretamente, em função de nosso envolvimento com documentos e fontes relacionadas à história de Blumenau, fruto de trabalho arquivístico realizado no Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” de Blumenau.

No entanto, havia um suposto obstáculo, tanto para cumprir o papel de agilização da informação, como para desenvolver trabalhos de pesquisa: a maioria das fontes documental estava escrita em alemão gótico e, portanto, havia sido pouco explorada por pesquisadores e, por conseqüência, condenadas a permanecer nas prateleiras do Arquivo Histórico.

---

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p. 35.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que representava um entrave, também aguçava nossa curiosidade e nos trazia uma série de questionamentos, que se transformaram em fundamentos para a futura análise histórica. A partir de então, começamos a investigação, partindo do princípio de que o próprio interesse pela leitura de textos históricos está fundado na figura de um leitor que se fascina pelos procedimentos de investigação e desvendamento de problemas, através do método de análise das pistas.

Carlo Ginzburg expressa bem a motivação pela qual o pesquisador se sente atraído ao iniciar uma pesquisa, quando nos propõe: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la...”<sup>3</sup>

A vivência e convivência direta com o mundo documental nos levaram a pensar a História enquanto reflexo da experiência humana, construída por homens reais e suas relações sociais.

O procedimento inicial de levantamento de fontes nos surpreendeu, pois à medida que pesquisávamos, surgiam mais artigos, contos, novelas e mapas desenvolvidos por José Deeke, fornecendo-nos um arsenal de material para começar a pesquisa.<sup>4</sup>

Como os trabalhos estavam escritos em alemão, providenciamos a tradução, etapa que se desenvolveu lentamente e com o auxílio de vários tradutores. O processo de tradução pode ser considerado como um desdobramento do texto original, pois envolve transformações lingüísticas, que evidenciam a produção de um novo texto. No entanto, mesmo o texto original envolve tradução, levando-se em conta que “nenhum texto é inteiramente original porque a linguagem mesma, em sua essência, é uma tradução: primeiro, do mundo não-

---

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 177.

<sup>4</sup> Confira a listagem com o índice parcial de obras do autor no Anexo.

verbal e, depois, porque cada signo e cada frase são a tradução de outro signo e de outra frase”.<sup>5</sup>

Portanto, considerando que o texto traduzido, tanto quanto o original, torna-se passível de análise historiográfica, sugerimos aos tradutores que evitassem a “literalidade”, uma vez que, conforme nos sugere Walter Benjamin:

“... a tradução, ao invés de se fazer semelhante ao sentido original, deve, muito mais e cuidadosamente, chegar até o detalhe, trazendo para a forma de sua própria língua o modo-de-significar do original. Do mesmo modo que os cacos tornam-se reconhecíveis como fragmentos de uma língua maior. Mesmo por isso a tradução deve, em grande parte, abdicar da intenção de comunicar algo do sentido, o original apenas lhe é essencial na medida em que liberou o tradutor e sua obra do esforço e da ordem da comunicação”.<sup>6</sup>

A tradução, desta maneira, exerce o poder de garantir forma à informação através das línguas, acessando o conhecimento por intermédio dos *ecos do original*.

A partir de então, fixamos nosso objetivo: trabalhar consonâncias e conflitos contidos no interior da sociedade teuto-brasileira, por intermédio do discurso de José Deeke, enfatizando sua função de *construtor de mentalidades*, pois à medida que desenvolvia seus textos, conscientizava-se das características de seu público leitor e da possível influência que exerceria sobre o mesmo.

Trabalhamos o primeiro capítulo pelo viés da Psicologia, a quem recorremos para delinear a figura do autor, seus desejos e conflitos, componentes fundamentais de suas emo-

<sup>5</sup> PAZ, Octavio. *Traducción: Literatura y literalidad*. Tusquets. Barcelona, 1971. p. 9. **Apud:** PUFF, Lia Carmen. *O Processo de Tradução do Conto “Uma Enteadada da Natureza” de Gertrud Gross Hering*. Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) UFSC. p. 39.

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor*. Cadernos do Mestrado/Literatura. UERJ, 1994. p. 25-26. **Apud:** PUFF, L. *O Processo...* op. cit. p. 39.

ções privadas que, aliados ao seu meio social, esculpiram sua personalidade pessoal e profissionais. Enfatizamos que o uso da Psicologia na construção deste texto é decorrente das idéias de interdisciplinaridade e sua aplicação no processo de escrita da História.

Portanto, não procuramos fazer uma abordagem puramente biográfica, visto que compartilhamos da idéia de que as lembranças individuais permanecem coletivas, trazendo à tona elementos culturais incrustados na memória.

Imbuídos deste propósito, construímos o segundo capítulo, cuja abordagem essencial refere-se à literatura, que serve de instrumento para expressar relações sociais e modelar formas de agir e pensar. A obra literária é parte integrante do social, portanto não a encaramos apenas como reflexo da vida do autor e de suas concepções pessoais, mas sim enquanto objeto privilegiado para alcançar transformações sociais, em virtude dos “momentos de tensão” por ela engendrados.<sup>7</sup>

Antes de passarmos a estudar as manifestações literárias propriamente ditas, fizemos uma abordagem sucinta da “história da história” do século XIX e XX, a fim de justificarmos a ampliação da noção de documento, empreendida pelos historiadores da chamada *Escola dos Anales*.

Em seguida, apresentamos uma amostragem dos assuntos explorados por Deeke em seus trabalhos histórico-literários e, devido à complexidade em abordar todos os aspectos e momentos de sua produção, apontamos caminhos mais abrangentes dessas temáticas, com o intuito de possibilitar um diálogo entre as obras produzidas e as condições sociais em que as mesmas se desenvolveram.

---

<sup>7</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e a criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Introdução)

Caminhamos então para o terceiro capítulo, onde trabalhamos a questão da identidade teuto-brasileira objetivando analisar as controvérsias e conflitos entre etnias, notadamente entre os luso-brasileiros e teuto-brasileiros, os quais geraram intensas polêmicas e criaram estereótipos em torno do direito à cidadania e nacionalidade brasileira aos alemães e seus descendentes no Vale do Itajaí.

Cabe ressaltar que nossa abordagem sobre a identidade e cidadania não estará centralizada na figura de José Deeke. Apenas utilizaremos sua produção intelectual, para trabalhar um tema que compunha a mentalidade coletiva das populações teuto-catarinenses.

Os caminhos engendrados pela tentativa de definição da Identidade Nacional dos intelectuais brasileiros, motivaram-nos a levantar assuntos referentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que abrigava intelectuais interessados na produção de discursos que inserissem o Estado em um contexto nacional, marcado pela tentativa de uniformização das diferenças culturais da Nação.

Novamente descentralizamos a abordagem da figura de José Deeke que, a exemplo dos descendentes de africanos, alemães e italianos, mesmo diante de uma intensa produção intelectual, não participava desta Academia, que por sua vez procurava construir uma *História Oficial* para Santa Catarina, sob a perspectiva dos costumes luso-brasileiros, revelando assim, uma tendência à exclusão das demais etnias.

## CAPÍTULO I

### JOSÉ DEEKE - CONFLITOS E DESEJOS

*“Precisamente como os psicanalistas, embora por razões profissionais próprias, os historiadores encontram-se traçando o fio da individualidade na tapeçaria da sociedade. Não importa quão incerto um historicista da história moderna possa ser, ele tende a comprometer-se com o individualismo, a procurar o que é único em cada personagem histórico, em cada evento histórico, em cada época histórica”.<sup>1</sup>*

#### 1.1 – Infância revelada sob a ótica da memória reconstituída

Na nossa concepção, todo historiador já utilizou biografias para a realização de seus trabalhos de pesquisa. Seja para desmistificar um herói, para crucificar ou enaltecer sua existência e sua obra em determinada sociedade.

Peter Gay, em seu livro *Freud para Historiadores*, comentando sobre a distinção entre história e biografia nos revela:

“... o historiador traz para a vida sobre a qual está escrevendo, ou para as passagens biográficas que ajusta à sua narrativa ou análise, um comprometimento com o meio social relevante, uma sensibilidade informada e treinada sobre os mundos nos quais o seu objeto viveu. Espera-se que possua, e exiba, um sentido firme, pro-

---

<sup>1</sup> GAY, Peter. *Freud para Historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 142-143.

fissionalmente disciplinado sobre o espaço e o tempo, sobre as possibilidades e coerções públicas”.<sup>2</sup>

Neste sentido, esta pesquisa encontra-se além da biografia de José Deeke, uma vez que pretende fazer uma leitura da sociedade teuto-brasileira a partir do discurso do autor, enfatizando sua função de *construtor de mentalidades*, à medida que trabalhou categorias como identidade, relações étnicas, cidadania e política. O comprometimento com o meio social, proposto por Peter Gay, assinala o fio condutor do trabalho, onde espaços e lugares do final do século XIX aparecem retratados nos textos de José Deeke, cuja fértil produção transformou-se em fontes inéditas que nos motivaram a olhar o passado e a História enquanto elementos vivos e ativos.

Podemos acrescentar que a discussão que permeia as relações da biografia com a história nos remetem a um posicionamento definido: as emoções privadas vivenciadas pelo autor em questão estão investidas em sua vida pública, ou seja, na construção da história mental do indivíduo a experiência cultural reivindica um lugar importante e mais que isso, alimenta suas ações.

Metaforicamente, é possível comparar a história da vida humana a um rio que nasce como um fino filete, que se alarga e se aprofunda na medida em que vai recebendo os tributários ao longo do seu curso<sup>3</sup>.

É importante destacar que não exaltamos a chamada psico-história, nem tampouco pretendemos cair naquilo que poderia ser considerado como *reducionismo*, ou seja, “reduzir

---

<sup>2</sup> Idem. p. 125.

<sup>3</sup> Idem. p. 132.

as complexidades de um adulto individual (ou de um conflito entre adultos) ao relacionamento de uma criança pequena com seus pais”.<sup>4</sup>

Apenas pretendemos apontar para comportamentos e conflitos vivenciados por De-  
eke durante toda sua vida, destacando aspectos sociais que contribuíram para a sua constru-  
ção intelectual e concepção de mundo.

O que importa dizer é que existem controvérsias para este tipo de explicação histó-  
rica, porém, este debate sobre os outros usos na História “não é mais conduzido segundo as  
regras”, pois o acordo tradicional a respeito daquilo que corresponde a uma boa explicação  
histórica foi rompido.<sup>5</sup>

Portanto, segundo Peter Burke, estamos vivendo uma *fase de transição*, onde:

“... a área do que pode ser chamado de ‘psicologia histórica’  
(psicologia coletiva) provavelmente será de particular importância,  
visto que ela vincula os debates sobre a motivação consciente e in-  
consciente àqueles sobre as explicações individuais e coletivas. É es-  
timulante perceber um interesse crescente nesta área...”.<sup>6</sup>

Nesse sentido, destacamos, a exemplo da maioria dos *historiadores atuais*, o ele-  
mento *cultura* como essencial tanto para análise da vida quotidiana, quanto dos momentos  
diretamente ligados à noção de “hábito” de um grupo que, na concepção de Peter Burke,  
“tem a grande vantagem de permitir que seus usuários reconheçam a extensão da liber-  
dade individual dentro de certos limites estabelecidos pela cultura”.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 32.

<sup>5</sup> Idem. p. 33.

<sup>6</sup> Idem. p. 33-34.

<sup>7</sup> Idem. p. 34.

No decorrer deste estudo, o leitor perceberá que nosso objetivo não é simplesmente trazer à tona determinadas obras e assuntos pesquisados pelo autor que se encontravam *escondidos* em arquivos públicos ou privados.

Pretendemos ir além do desvendamento das fontes, buscando encontrar respostas e explicações para o *estranhamento*<sup>8</sup> que nos causou o fato de que suas obras nunca foram divulgadas e nem mesmo criticadas pela imprensa catarinense, foram simplesmente ignoradas e muitas vezes utilizadas sem a devida citação bibliográfica.

José Deeke nasceu em Blumenau-SC, no dia 12 de maio de 1875. Nesta fase, Blumenau era uma Colônia que pertencia ao Governo Imperial e sua administração estava a cargo do fundador, Dr. Hermann Blumenau. A colônia passava por muitas dificuldades e ainda estava caminhando com passos lentos, porém a chegada de mais imigrantes viria a fortalecê-la e a partir de 1883, tornar-se-ia município, depois de uma devastadora enchente no ano de 1880.

Seus pais, Carl Friedrich Ferdinand Georg August Deeke e Christianne Krohberger Deeke, eram imigrantes alemães e se conheceram no navio, durante a viagem para o Brasil. Ambos chegaram à Colônia Blumenau em 03 de setembro de 1858, ano em que o empreendimento particular começava a receber imigrantes com mais frequência e devido à ausência de uma estrutura administrativa, enfrentava problemas econômicos que levaram o fundador a vendê-la, dois anos mais tarde, para o Governo Imperial.

---

<sup>8</sup> Esta categoria pode ser concebida como força motriz num trabalho de pesquisa e uma vez que o historiador desperta para isso, aguça seus sentidos e intuições, torna-se um caçador em busca de respostas e indícios que possam quebrar paradigmas e regras preestabelecidas.

Frederico Deeke nasceu em 25 de março de 1829 em Stangerode - Prússia e em virtude de ser o filho primogênito, deveria herdar do pai a profissão de “Couteiro”<sup>9</sup>, encargo que lhe favoreceria boa remuneração e até status social na Alemanha, em função de estar intimamente ligado à distribuição das terras. Conforme relatos da família<sup>10</sup>, Frederico Deeke não aceitava certas formalidades sociais e, em virtude de seu desejo de aventura e liberdade, resolveu emigrar para o Brasil. Também seu irmão Theodor Deeke, que morava em Limeira - Brusque, exerceu enorme influência em sua decisão, pois enviava cartas contendo descrições a respeito da exuberante floresta brasileira.

Após sua chegada a Blumenau, Frederico Deeke<sup>11</sup> estabeleceu-se em Brusque<sup>12</sup>, onde comprou terras e mais tarde veio buscar em Blumenau a jovem Christianne Krohberger, nascida em 24 de abril de 1839, em Bayreuth - Baviera, para com ela constituir família.

Após o casamento<sup>13</sup>, ambos passaram a residir na Colônia Brusque, numa propriedade isolada na mata. Frederico Deeke era apaixonado pela caça e ficava fora de casa durante muitos dias, deixando sua propriedade sob os cuidados dos peões que, durante sua ausência, não trabalhavam e produziam o mínimo possível.<sup>14</sup>

Esta situação não era comum entre os primeiros colonos, pois os agregados, mensalistas ou diaristas causavam despesas e, normalmente, a mão-de-obra utilizada era familiar.

---

<sup>9</sup> Couteiro - título do funcionalismo público do Regime Imperial Alemão, cujas atribuições eram administrar terras públicas do Estado.

<sup>10</sup> DEEKE, Niels. *Família Deeke: Crônica Genealógica Extensiva*. Blumenau, Edição do Autor, 1998. p. 43.

<sup>11</sup> **Carl Friedrich Ferdinand Georg Deeke**, era conhecido no Brasil como Frederico Deeke e familiarmente denominado **Fritz**.

<sup>12</sup> Brusque - colônia governamental fundada em 1860. Antes mesmo de ser oficializada, a Família Deeke já havia se estabelecido naquela região.

<sup>13</sup> Casamento realizado em Blumenau, na Comunidade Evangélica Luterana, em 03 de janeiro de 1860.

<sup>14</sup> DEEKE, José. *Ein Kind der Kolonie* (Uma criança da Colônia). Blumenau, 1904. p. 10.

Trata-se de uma autobiografia do autor escrita no início de sua carreira de escritor (provavelmente 1914), narando sua trajetória de vida através de nomes fictícios. *Tradução*: Edith Sophia Eimer (E.S.E.), 1991.

E, no caso dos filhos ainda não estarem aptos para o trabalho, a presença do pai era fundamental para o bom andamento da propriedade.

Para a família Deeke, esta situação não se verificou e gerou insatisfação à esposa que, sozinha, estava incumbida de governar a casa e a família. Outro agravante foi o incêndio da casa onde moravam, que trouxe conseqüências desastrosas e a família apenas pôde salvar a própria vida, perdendo todos os bens que possuíam no local. Este episódio ocasionou a transferência da família para a Colônia Blumenau, exigência de Christianne Deeke, segundo a qual estaria mais perto de seus parentes, onde se sentiria mais segura, e poderia proporcionar aos filhos uma vida melhor, porque considerava Blumenau mais próspera e desenvolvida.<sup>15</sup>

Brusque foi um local decisivo para a formação da família, pois cinco dos sete filhos do casal viriam a nascer naquela localidade, uma vez que ali permaneceram de 1860 até aproximadamente 1869.

Também em Brusque nasceu a primeira filha do casal, falecida logo após o nascimento e sem referências documentais a respeito do nome ou causa mortis.<sup>16</sup> Além desta primeira, José Deeke teve mais 5 irmãos, cuja ordem de nascimento foi a seguinte:

1) Maria Gisela Deeke, nascida em Brusque - 29 de abril de 1862;

2) Fides Deeke, Brusque - 06 de dezembro de 1863, mais tarde ingressou no setor judiciário, onde se tornou titular do Tabelionato de Blumenau;

3) Félix Deeke, Brusque - 17 de maio de 1866;

---

<sup>15</sup> DEEKE, José. *Ein Kind...* op. cit. p. 21-22.

<sup>16</sup> DEEKE, Niels. *Família...* op. cit. p. 61.

4) Caetano Deeke, Brusque - 08 de outubro de 1868;

5) Frederico Deeke Júnior (Fritz), Blumenau - 18 de agosto de 1870<sup>17</sup>.

José Deeke era o sétimo filho do casal e, quando nasceu, seu irmão Frederico Deeke Junior já contava 5 anos. Por este motivo, ao nascer foi rejeitado pela mãe, que o considerava “uma carga mais do que suficiente”. A mãe preocupava-se com o futuro da criança, seu sustento, suas roupas e principalmente sua educação, demonstrando não desejar que seu filho se tornasse um simples *colono*, almejando para ele algo “mais alto, mais nobre”.<sup>18</sup>

O pai estava muito contente com o nascimento do filho e achava que seria perfeitamente capaz de sustentá-lo. Além do mais ele viera da Alemanha para o Brasil com a intenção de “tornar-se um camponês, um colono, e esta profissão podia ser considerada nobre aqui, pois imigrantes de todas as classes, burgueses e nobres, vinham de além-mar para aqui se tornarem colonos. Neste caso, porque seus filhos também não poderiam ser colonos?”<sup>19</sup>

Frederico Deeke era um verdadeiro explorador da floresta brasileira e, além de exercer a função de “Capitão do mato”, ou seja, integrar os pelotões de vigilância do “Serviço de Proteção contra os Índios”, era encarregado ainda de realizar estudos topográficos para a diretoria da colônia, compondo relatórios para o Governo Provincial e ao próprio diretor da Colônia, Hermann Blumenau.<sup>20</sup> Naturalmente suas atividades no Brasil estavam relacionadas às suas práticas de coureiro, herdadas de seu pai na Alemanha.

<sup>17</sup> Idem p. 61-90.

<sup>18</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 13.

<sup>19</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 12.

<sup>20</sup> DEEKE, Christiana Elisa. *A Família Deeke*. In: *Centenário de Blumenau*. Blumenau, Comissão dos Festejos, 1950. p. 405.

A tia, Carolina Krohberger, foi incumbida de escolher o nome para o recém-nascido e apresentou como sugestão o nome do irmão, Josef Krohberger, que morrera afogado no Rio Itajaí-Açu durante a enchente de 1872, que alcançou o nível de 11 metros.

No entanto, seu registro de batismo na Igreja Evangélica de Blumenau era *Maximilian Joseph Deeke*, sendo que o primeiro nome havia sido escolhido em homenagem ao rei da Baviera, local de origem de onde veio sua mãe.

Mas, sempre usou o nome do registro oficial<sup>21</sup>, onde constava *José Deeke*, embora em família o chamassem de *Josef*.<sup>22</sup>

A tendência em se adotar nomes “brasileiros” é decorrente de um certo prestígio que a língua portuguesa começava a alcançar entre os imigrantes e teuto-brasileiros. Esta era uma prática combatida pelas instituições que defendiam o patrimônio cultural dos imigrantes, pois era interpretada como fenômeno de *desgermanização*.<sup>23</sup>

No decorrer de sua vida, Deeke precisou enfrentar algumas críticas por referir-se a si próprio como **José** e muitas vezes dar explicações aos pangermanistas, que o acusavam de renegar a raça germânica, de que seu nome civil era brasileiro e assim continuaria sendo.<sup>24</sup>

José Deeke desenvolveu-se até os dois anos “pequeno, magro e pálido e muitas vezes adoentado...”, conforme sua própria descrição autobiográfica.<sup>25</sup> Por este motivo, sua

<sup>21</sup> Na Diretoria da Colônia Blumenau, os pais procediam a um registro de nascimento, o qual era lavrado num livro onde constavam os mesmos dados do registro religioso. Este “registro civil” era promovido pelo próprio Dr. Blumenau e visava atender àqueles que não possuíam culto religioso definido, formalizando desta maneira a existência do indivíduo. Neste caso, este ato foi realizado pelo seu pai, Frederico Deeke, que o registrou simplesmente como **José Deeke**.

<sup>22</sup> Depoimento de Christiana Elisa Deeke Barreto - filha, ao seu neto Niels Deeke. Apud: DEEKE, N. **Família...** op. cit. p. 105.

<sup>23</sup> WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1980. p. 225.

<sup>24</sup> Depoimento de Christiana Elisa Deeke Barreto - filha, ao seu neto Niels Deeke. Apud: DEEKE, N. **Família...** op. cit. p. 105.

<sup>25</sup> DEEKE, J. **Ein Kind...** op. cit. p. 16.

mãe sempre lamentava com a irmã Carolina o “terrível desgosto” que lhe causara a vinda de seu último filho.

Como se tornaram freqüentes estas lamentações, Carolina Krohberger resolveu propor à Christianne Deeke a adoção de seu filho, sendo que de imediato a sugestão foi aceita, sem haver qualquer espécie de consulta ao pai do menino. Os tios Henrique e Carolina eram solteiros e, para os padrões da época, já estavam em idade avançada para o casamento, por isso, Christianne Deeke, fez um acordo com os irmãos, os quais transformariam seu filho no herdeiro imediato e lhe concederiam estudo para futuramente exercer a profissão de arquiteto, como seu tio Henrique.<sup>26</sup>

Não podemos deixar de mencionar a reação de seu pai, que não concordava com a “doação” de seu filho, no entanto, aparentemente nada fez de positivo para evitar que a mesma se concretizasse.

Acrescente-se também, a tendência de José Deeke em minimizar a indiferença do pai na obra autobiográfica que escreveu, atribuindo justificativas na tentativa de convencer a si mesmo de que o pai o amava.

No início, o garoto ficou contente com os mimos que recebia na casa dos tios, porém sentia saudades dos irmãos e queria voltar, ainda mais que seu pai o incentivava, no entanto, os argumentos fortes da mãe dominavam a situação!

O próprio Deeke descreve seus sentimentos e o estado de confusão que tal situação provocava:

“Estes foram os dias mais tristes que o pequeno *Franz* passou na sua infância. Com palavras ásperas e ameaças de surras era

---

<sup>26</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 24-26.

enxotado de casa e quando chegava outra vez junto aos *Kleintaler* era recebido com rostos zangados e palavras repreensivas”.<sup>27</sup>

Estes problemas desencadearam um processo de rejeição e insegurança na pequena criança, para quem era incompreensível a atitude da mãe e a falta de coragem do pai, sempre ausente em suas incursões de caça pela mata, para enfrentar sua esposa e solucionar estes problemas.

O pai era visto como única possibilidade de ruptura no desencadeamento da situação, no entanto, não correspondeu aos apelos do filho.

A infância é uma época mágica para a maioria das crianças que têm um lar, afeto, carinho e educação, mas este mundo pode se tornar cruel a partir do momento em que a criança entra em contato com a realidade e faz certas descobertas.

Peter Gay, ao analisar Freud, explica os sentimentos da infância da seguinte maneira:

“Sem dúvida, a infância tem os seus prazeres intensos! (...) Mas o principal é a sobriedade da escola da vida, cheia de desapontamentos, renúncias e conflitos. O Sim do seio materno que alimenta é inseparável do Não da mão materna que pune (...)”.<sup>28</sup>

As regras da sociedade para civilizar a criança submergem seus desejos e raivas no inconsciente, “onde ela os recalca ou armazena, abrindo caminho para as suas dificuldades posteriores na vida profissional ou política”.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 27. O pseudônimo *Franz* refere-se a José Deeke e *Kleintaler* a Krohberger.

<sup>28</sup> GAY, P. op. cit. p. 134.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

José Deeke aprendeu desde muito cedo a entender a situação: voltar para a casa dos pais era seu desejo mais ardente e com o tempo tornava-se cada vez mais inalcançável. Portanto, além de estar proibido de pensar na realização deste desejo, havia a agravante de que os pais encaravam aquilo que para ele era uma necessidade, como algo ruim e prejudicial à sua vida futura.

Neste caso, passou a “absorver os comandos e as proibições paternas, seus desejos e ansiedades, e os traduziu em exigências estritas e de padrões aceitáveis de conduta, sem importar o quão incompreensíveis ou mesmo injustas elas podiam parecer”.<sup>30</sup>

Aqui, entra em cena a *obediência*, um valor que acaba se transformando em fonte de recompensas e proteção contra punições. A criança sabia que deveria agir de acordo com a vontade da mãe e da tia, para não sofrer as conseqüências.

O próprio Deeke explica este comportamento e a conflituosa arte de conciliar a obediência com seus desejos:

“Os *Kleintaler* não estavam de todo sem razão quando se zangavam, pois tinham as melhores intenções com *Franz* e apesar de tudo o garoto sentia saudades de casa e ofendia-lhes em sua honra paterna. Porém, eles não pensavam como tais atitudes [grosseiras] refletiam na pequena alma infantil. Não sabiam o que sentia o coraçãozinho do pequeno *Franz*! Se eles sequer tivessem imaginado o sentimento de abandono que se apoderava dele, a incrível dor que se alastrava em seu peito, talvez tivessem agido de forma diferente”.<sup>31</sup>

Neste caso, o autor busca uma justificativa para perdoar seus pais, alegando que os mesmos não estavam cientes de seu *sentimento de abandono*, por isso não o compreendiam.

---

<sup>30</sup> Idem. p. 133

<sup>31</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 28.

Estas observações levam o espectador a uma reflexão sobre o sentimento de resignação e autopiedade que se apoderou do autor, ao lembrar certas passagens de sua infância. Este ato de *lembrar* estava permeado de imagens e experiências do passado, a partir de sua memória presente. Isto nos leva a refletir a respeito de que é impossível para o indivíduo a sobrevivência do passado tal como aconteceu, pois “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”.<sup>32</sup>

Ressaltamos que estas passagens descritas na obra *Ein Kind der Kolonie* (Uma Criança da Colônia), evocam lembranças carregadas de valores e julgamentos feitos por José Deeke-adulto.

Ecléa Bosi ao questionar-se sobre a forma predominante de memória de um indivíduo, afirma que a única maneira de saber se é uma *memória pura* ou de lembranças refeitas pelos valores do presente, é “através da autobiografia, porque a narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.<sup>33</sup>

José Deeke escreveu sua autobiografia *Ein Kind der Kolonie* (Uma Criança da Colônia) através de pseudônimos para os personagens e lugares. Neste caso, foi necessário um trabalho de pesquisa, através de pistas indicativas em outras fontes documentais, para relacionar certos nomes, pois se trata de um trabalho que utiliza a memória “reconstituída” pelo estágio atual de sua mente.

Esta obra relata com detalhes passagens de sua vida (nascimento até casamento),

---

<sup>32</sup> BOSI, Ecléa. *Lembranças de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz; EDUSP, 1987. p. 17.

<sup>33</sup> Idem. p. 29.

porém demonstra que o autor não gostaria de se comprometer, pois certas cidades e nomes de pessoas tornaram-se difíceis de serem identificados.

Provavelmente foi escrita no início de sua carreira (1914), em função do estilo despojado do autor e de sua intenção óbvia em revelar fatos e acontecimentos, resguardando a intimidade da família. Para Deeke, sua auto-imagem deveria ser fundamentalmente preservada, evitando tornar público, opiniões e episódios particulares, por isso não permitiu a publicação da história, solicitando à família que aguardasse seu falecimento para tal procedimento.

O ato de revelar nomes implicaria em tolher sua liberdade para escrever certas passagens de sua vida. Este comportamento nos remete à sua infância conturbada, repleta de desejos e raivas submersas em seu inconsciente, local de armazenamento e recalque, dificultando então a definição de posturas em sua vida adulta.

Os primeiros contatos de José Deeke com a vida escolar foram em 1882 (aos 7 anos), quando ingressou na Escola São Paulo, mais tarde Colégio Santo Antônio, coordenado pelo Padre José Maria Jacobs. Em seu artigo *Aus meiner Schulzeit* (Do meu Período Escolar) descreve suas primeiras impressões a respeito dos colegas e do professor, conforme segue:

“... Meus colegas de sala fizeram uma baderna, fato que estranhei muito, pois em casa haviam me dito que na Escola deveríamos ser bem comportados. De repente a porta se abriu e o professor entrou. Olhei-o admirado, pois a meu ver, deveria ser velho ou no mínimo ter uma barba, mas este era bem novo. Além do mais, não tinha uma vara, muito menos uma torquês na mão. Por isso não entendi como a aula iria começar sem as varadas e sem arrancar orelhas, conforme meu tio Johann havia me contado...”<sup>34</sup>

<sup>34</sup> DEEKE, J. *Aus Meiner Schulzeit* - Do meu período Escolar. In: *Polyanthea do Colégio Santo Antônio*. Blumenau, 1927. Tradução: Curt Willy Hennings, p. 1.

José Deeke deixa transparecer que sua família criou em torno da escola e dos professores, uma grande expectativa, gerando nele medo e ansiedade. No entanto, procurou superar e, com o passar do tempo, começou a copiar as primeiras letras e para ele, uma criança de 7 anos, seu progresso era suficiente, “mas em casa eles tinham outra opinião, diziam que não aprendia nada e por vezes afirmavam que as letras escritas na lousa estavam erradas”.<sup>35</sup>

Aqui, o autor se refere aos seus tios, que eram implacáveis e extremamente exigentes com o sobrinho. Eis a chave para justificar a sua imensa produção científica<sup>36</sup>: provar para si mesmo e à família que era inteligente e capaz.

Com isso, não estamos querendo sugerir que a condição para que um indivíduo se torne um adulto intelectualizado seja a repressão na infância, mas sim apontar para o caso específico de José Deeke, cuja infância e adolescência foram períodos determinantes de suas opções futuras.

Aos 10 anos de idade, quando já havia se acostumado com a escola, porém seu professor havia mudado - era mais enérgico e exigente -, sem querer José Deeke bateu com o pé no colega da frente, fazendo com que o mesmo deixasse cair seu tapanco. O barulho irritou o professor, que fez o garoto-Deeke pagar um preço bastante alto. Empurrou-lhe ao chão e pisoteou-lhe, em seguida bateu nele com o bastão e, prosseguindo sua tortura, fez com que ele andasse pelo corredor do começo ao fim e, no instante em que passava em frente ao professor, apanhava mais uma vez.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Idem. p. 02

<sup>36</sup> Conforme Anexo, classificação de artigos, novelas, contos, romances e mapas do autor, separados por assunto.

<sup>37</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 59.

No dizer do próprio autor “este monstro de professor era agressivo e maltratava as crianças, quase sempre sem motivo e de tal maneira que seria necessária a intervenção da polícia”.<sup>38</sup>

Este episódio demonstra o método educacional utilizado por uma pequena parcela dos professores de Blumenau, no final do século XIX, onde as crianças eram submetidas a humilhações e violências, na maioria das vezes com o aval dos pais, que usavam muito mais as mãos do que a cabeça na educação de seus filhos.

Estes acontecimentos marcaram profundamente a vida de alguns destes futuros adultos que, possivelmente, vieram a se transformar em seres humanos insensíveis e exclusivamente preocupados com o lado material e produtivo-financeiro da vida, situação que posteriormente evoluiu para disseminação ou construção da ordem social de Blumenau sob o estereótipo de *cidade do trabalho*.<sup>39</sup>

A figura mais marcante de sua infância foi seu tio, Heinrich Krohberger, que se transformou num modelo de admiração e respeito para o menino, situação que se modificou bastante durante sua adolescência, conforme poderemos verificar mais tarde.

Henrique Krohberger trabalhou como engenheiro, arquiteto, agrimensor e cartógrafo na Colônia Blumenau e, praticamente, planejou todos os prédios de grande porte construídos até 1890, na região central de Blumenau.<sup>40</sup>

Seus serviços eram constantemente solicitados e a medição de terras aumentava a cada dia, juntamente com a inspeção de obras públicas, atividade também realizada por ele.

---

<sup>38</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 58.

<sup>39</sup> Veja mais dados in: FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e Trabalho Alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História).

<sup>40</sup> CENTENÁRIO DE BLUMENAU. Blumenau, comissão dos festejos, 1950. p. 417.

Sua vida solitária, aliada à dedicação extremada às ocupações profissionais, transformaram-no num homem severo, exigente e radical. Afirmamos isto em função das inúmeras passagens descritas por José Deeke em seu livro *Ein Kind der Kolonie*, naturalmente, escritas sob a influência da consciência presente das lembranças passadas.

Na reconstituição de seu passado, Deeke menciona um exemplo de repreensão aplicado a ele, que trouxe como conseqüência o desejo de *suicídio*<sup>41</sup> para o menino: com aproximadamente 10 anos, ganhou da mãe uma pasta já velha e usada para levar seu material à escola. Porém não gostava muito dela e, com o apoio do irmão Frederico Junior, resolveu vendê-la para um colega por 500\$ reis. Com o dinheiro comprou foguetes e doces.<sup>42</sup> Num dia de chuva, sua tia descobriu o acontecido e juntamente com seus outros tios, Henrique e Jean, reuniram-se em conselho e julgaram-no culpado por roubo. Isto lhe causou uma dor muito grande e imediatamente fugiu para a beira do rio. Então, aflorou um forte desejo de tirar sua própria vida afogando-se no rio. Desistiu da idéia porque ouviu uma canoa se dirigindo em sua direção e escapou pelo mato.<sup>43</sup>

Este episódio foi narrado no livro *Ein Kind der Kolonie*, que muito vagamente menciona a preocupação dos tios em encontrá-lo rapidamente para evitar outra tragédia na família, relacionada com a morte, por afogamento, de seu tio Josef Krohberger no Rio Itajaí, que morrera em 1872 numa grande enchente. A coincidência de nomes não é mero aca-

---

<sup>41</sup> Mediante a quantidade de casos registrados nos jornais locais (“A Cidade de Blumenau”, em especial), podemos afirmar que no início do séc. XX, a região do Vale do Itajaí sofreu vários casos de suicídio. Ainda não foram realizadas pesquisas mais aprofundadas sobre este problema, no entanto, arriscamos afirmar que o ato de suicidar-se poderia estar intimamente ligado à educação castradora e moralista aplicada por algumas famílias da cidade.

<sup>42</sup> Neste episódio, divertimento e lazer foram os agravantes, pois de acordo com a concepção de algumas famílias, eram elementos que não deveriam fazer parte do cotidiano de uma criança “alemã”, pois poderia “corromper o espírito”.

<sup>43</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 82-85.

so, pois José Deeke assim era chamado em homenagem ao tio (irmão mais velho de sua mãe) e a família não estava disposta a conviver com esta trágica possibilidade.

A infância de José Deeke foi extremamente dolorosa por inúmeras razões: insegurança, rejeição, chantagem emocional, violência física e sobretudo moral. Com isso, o personagem ativou aquilo que Freud denominava *mecanismo de defesa*, em resposta e como forma de sobrevivência aos desafios que a realidade lhe apresentava. Essas defesas protegiam contra a dor ou o perigo das fontes externas e mais ainda das internas, procurando reduzir os sentimentos de culpa, as fantasias e os impulsos proibidos, elementos estes que foram canalizados para o seu subconsciente.

## 1.2 – Juventude: em busca da tão sonhada liberdade

A passagem da infância para a juventude não aconteceu de forma muito bem definida, em virtude da variedade de atividades quotidianas que exercia na casa de seu tio Henrique Krohberger. Ele próprio se considerava um peão e, lentamente, começava a articular planos para deixar a casa dos tios e poder viver livremente.

O ponto de partida para esta reação foi a perspectiva da *Confirmação*<sup>44</sup>, ato religioso que exigia a preparação de dois anos do adolescente e constituía-se numa espécie de exame para garantir o ingresso do indivíduo na vida adulta.

Para Cristina S. Wolff e Bernardete Ramos Flores, a confirmação ocasionava mudanças comportamentais para o jovem, que variava de acordo com o gênero:

“Em primeiro lugar, deixava-se de freqüentar a escola dominical para assistir o culto junto com os demais adultos; também a escola era abandonada em troca de trabalho, pelo menos entre as classes populares. Para os rapazes, esse momento significava tornar-se homem, vestir pela primeira vez calças compridas, ingressar legitimamente no mundo do trabalho. Para as moças havia, após a confirmação, a expectativa do casamento. A partir daí, podiam ir aos bailes e outras ocasiões festivas onde os namoros podiam começar...”<sup>45</sup>

Esse foi um costume que perdurou na Blumenau do séc. XIX e de certa forma estende-se até os dias atuais, trazendo em seu bojo também um forte significado social,

<sup>44</sup> A Confirmação é um ritual luterano e equivale à 1ª. Comunhão e à Crisma na Igreja Católica. Ambas têm objetivos próximos, ou seja, o indivíduo precisa declarar por si mesmo sua fé, reiterando os votos do Batismo.

<sup>45</sup> WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 217.

porque depois de confirmado o jovem poderia vestir-se mais adequadamente e freqüentar bailes, ganhando o “status” de adulto.

Para o jovem José Deeke, a confirmação<sup>46</sup> representava o início da vida adulta, o fim dos seus dias de infância, seu passaporte para um futuro melhor, conforme se evidencia na sua própria descrição:

“... O certificado de Confirmação mudou completamente a vida de Franz. Encheu-lhe o peito e os tristes dias de sua infância ficaram bem longe atrás de si. Um sentimento de segurança e autoconfiança invadiu-lhe e refletia-se em seu rosto feliz...”<sup>47</sup>

Essa nova maneira de encarar a vida, incluía também esforço para tentar abandonar o sentimento de autopiedade que, lentamente, começou a dar espaço à responsabilidade e à autoconfiança.

O amadurecimento dos seres humanos se dá através de um processo, que encontra na natureza uma parceria, pois diante de tantas provações, o indivíduo desenvolve um quadro de estratégias defensivas, que evolui com o passar do tempo e acaba se transformando numa armadura, que garante sua própria sobrevivência. Os caminhos que a vida lhe apresentou ofereceram chance de escolha, cabia a ele optar pelo que julgasse ser a melhor oportunidade.

Deeke tinha um desejo, cumprir o objetivo de vida fixado pelos seus pais e tão sonhado por ele mesmo. No entanto, a experiência como aprendiz no escritório de arquitetura e engenharia do tio, havia lhe mostrado que copiando mapas, cálculos e orçamentos não

---

<sup>46</sup> Confirmação ocorreu em 1890, na Igreja Evangélica de Blumenau, pelo Pastor Hermann Faulhaber.

<sup>47</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 102-103.

aprenderia muitas coisas concretamente. Isto porque praticamente tudo que copiava não compreendia, embora intimamente, pela sua descrição autobiográfica, demonstrava sentir que havia nascido para exercer aquela profissão.

Várias vezes também os Krohberger exigiam dele um comportamento resignado à obediência. Com o objetivo de manter-se no controle da situação, previam que seu futuro seria como operário<sup>48</sup>, que segundo eles não pertencia a uma classe social distinta e tão pouco merecia qualquer distinção, pois pertencia à chamada *segunda classe*.

A discriminação social fez parte da educação moral do jovem futuro agrimensor e certamente ajudou-lhe a lutar para não se tornar um operário. Esta mentalidade lhe fora incutida e mais tarde, quando adulto, também começou a discriminar, mas não os “operários” e sim os alemães-novos (recém-imigrados), pela superioridade com que olhavam para os nascidos no Brasil. Este comportamento pode ter sido originário de uma opressão causada pelos tios, que resultou numa revolta contra a “classe” dos seus próprios educadores.

Os momentos de lazer também faziam parte do seu cotidiano, mas aconteciam somente quando sua mãe visitava os tios, levando consigo seu irmão Frederico Júnior. Os dois se reuniam para jogar cartas e víspera<sup>49</sup>, bem como folhear revistas ilustradas e fantasiar visitas aos lugares visualizados nas imagens. Este ato de conhecer o mundo através das revistas, desenvolveu nele um espírito de curiosidade, e sua mente ficou povoada pela imaginação e desejo de conhecer novas terras e apreender novos costumes, decorrentes dos contatos com outras pessoas.

---

<sup>48</sup> Este conceito, na mentalidade preconceituosa de certas famílias da elite, a maioria delas alemãs imigradas recentemente, refere-se aos sapateiros, alfaiates e tecelões, funções remanescentes das corporações de ofício na Idade Média.

<sup>49</sup> Jogo de loto, com cartões numerados e sorteio de pedras com números para marcar os cartões.

José Deeke estudou no Colégio São Paulo, fundado pelo Padre Jacobs em 1877, dos 07 aos 14 anos e mesmo durante alguns meses depois de confirmado, ainda freqüentava a classe mais adiantada, pois os tios insistiam que desta maneira ele poderia reforçar seu estudo.

A escola já não lhe servia, porque era forçado à convivência com crianças menores, que por sua vez o rotulavam de *atrasado*. Diante das insistências da mãe, Christianne Deeke, seu tio Henrique resolveu prepará-lo para os estudos e, antes de sair em viagem para medição de terras, deixou-lhe um livro de geometria e cálculos para que o mesmo fosse estudado, pois quando regressasse faria com ele um exame, cujo resultado seria a continuidade ou não de seus estudos.

Obviamente o resultado não foi satisfatório, pois o jovem precisou decorar os conceitos e fórmulas para, com muito esforço, apresentar um mínimo de aprendizagem. No entanto, segundo o próprio autor, o tio lhe atribuiu capacidade e inteligência para aprender sozinho pelo livro, exclusivamente para não precisar pagar aulas a um professor particular<sup>50</sup>.

É importante destacar novamente que as lembranças se adaptam a um conjunto de percepções atuais, ou seja, o homem José representa e avalia seu passado de acordo com aquilo que pensa no presente. Naturalmente seu tio, ao evocar na mente o mesmo episódio, sem dúvida recordaria de maneira diferente. Para Maurice Halbwachs, as lembranças que permanecem são sempre coletivas<sup>51</sup>, no entanto, quando confrontadas com o depoimento de outras testemunhas, cada indivíduo tende a confiar mais na exatidão de suas próprias lembranças e creditar às mesmas o mérito de “verdadeiras”.

---

<sup>50</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 115-118.

<sup>51</sup> HALBSWACH, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 26.

Sua perseverança com relação aos estudos foi mais forte que seu tio, e este, acabou se convencendo a levá-lo para um professor particular, que deveria ensinar matemática avançada, trigonometria e geometria. O professor chamava-se Carl Hertel<sup>52</sup> e foi o responsável pelos progressos do jovem aluno nestas áreas, fornecendo-lhe inclusive aulas práticas com teodolitos e outros instrumentos de medição trigonométrica.

José Deeke admirava muito seu professor particular e, sentia um orgulho especial, por contar com este privilégio. Mas aos poucos se desfez o encanto, pois o professor Hertel deixou transparecer sua convicção de que o sul do Brasil deveria ser anexado à Alemanha, declarando desta forma sua simpatia às idéias pangermanistas. O jovem de então não era favorável a estes ideais, porque julgava que isto traria muitos prejuízos ao Brasil, cujo resultado imediato seria a destruição das Colônias, pois seus produtos não teriam mais como se manter nos mercados nacionais.<sup>53</sup>

Logo que encerrou suas aulas particulares começou a prestar serviços de demarcação de terras nas localidades do interior da Colônia Blumenau (1894), trabalhando como auxiliar de seu tio Henrique Krohberger.

Quando realizou seu primeiro trabalho, surpreendeu-se sabendo exatamente os passos que deveria seguir, e isto lhe garantiu segurança para continuar na profissão que havia escolhido, profissão esta que poderia lhe render um bom dinheiro em função da grande quantidade de terras a serem demarcadas não só nas Colônias, mas também em todo o Estado de Santa Catarina.

---

<sup>52</sup> Carl Hertel era professor da “Neue Deutsche Schule” (Escola Nova Alemã), cujo currículo escolar e quadro docente figurava entre os melhores do Estado.

<sup>53</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 146-147.

Trabalhou também como “ajudante-técnico” da Comissão de Terras e Colonização, podendo reunir uma boa soma em dinheiro, a fim de realizar seu sonho e sair a campo.

Neste período da juventude, sentia a falta de amigos para trocar idéias, participar da vida social, freqüentar bailes, enfim, envolver-se mais com a comunidade, mas a falta de liberdade na casa dos tios, aliada às suas constantes viagens, não lhe permitia.

Praticamente não existem indícios que contemplem aspectos da vida sexual, dos sentimentos de prazer e desejo nas relações amorosas. Mas, isto não significa que houvesse uma ausência destes sentimentos, pelo contrário, eles estavam latentes nos jovens, que conscientemente sabiam ser a família a base para seu sucesso e o alento para seu espírito.

Entretanto, no caso do jovem Deeke, a convivência familiar lhe foi tirada e a troca de experiências, atividade comum entre os irmãos, não era uma constante em sua vida, colocando-o numa situação de isolamento. Outra vez buscamos dialogar com a Psicologia, que a partir de seus estudos nos mostra ser a adolescência, uma etapa de escolha para o indivíduo. Deeke, através dos mecanismos de defesa da mente, procurou optar pelo caminho do trabalho, elemento de orgulho para o teuto-brasileiro, certamente com o intuito de provar a si mesmo e à sua família, sua capacidade de auto-superação.

Depois de trabalhar durante um ano como “ajudante-técnico” e ter exercido várias vezes a função de chefe em exercício, adquiriu grande experiência e viajou para Florianópolis, com o objetivo de prestar exames na Diretoria Geral de Terras, onde foi habilitado pelo Governo para o exercício da atividade de *agrimensor-autônomo*.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> DEEKE, José. *Crônica da Família Deeke*. Apud: DEEKE, N. *Família...* op. cit. p. 108.

Com esta habilitação, rumou para a região de Campos Novos e Curitibanos, onde executou diversos serviços, aprimorou seus conhecimentos na língua portuguesa e criou oportunidades para novas sociabilidades.

### 1.3 – Entra em cena o Homem, desaparece o menino

A caminho do planalto, sentia-se livre, um sentimento que nos faz lembrar o “mito do paraíso”, da terra prometida, vinculada a uma esperança de futuro econômico promissor, num sentido semelhante à sensação que inspirou os imigrantes europeus na sua vinda para o Brasil.

Falando num sentido psicológico, o planalto era a oportunidade para uma vida nova, para “enterrar” o passado e sobretudo, buscar uma auto-afirmação no presente.

Na região de Campos Novos, em 1897, conheceu o amigo *Georg Knoll*, poeta que sem dúvida influenciou Deeke em sua carreira de romancista e historiador. Knoll imigrou para Blumenau em 1880 e tornou-se colaborador literário dos primeiros jornais blumenauenses - *Blumenauer Zeitung* e *Immigrant* - como também de jornais editados em língua portuguesa, como *Lageano* e *O Trabalho*.

Georg Knoll era um imigrante alemão que amava a serra catarinense, e refletia este sentimento nos contos e poesias que escrevia para os almanaques teuto-brasileiros. Dedicou-se também a traduzir para a língua alemã os trabalhos de importantes escritores brasileiros como José de Alencar e Monteiro Lobato.

Em seu artigo *Recordações - Georg Knoll*, Deeke descreve seus primeiros contatos em Campos Novos com o amigo: “De repente aparece uma pessoa com uma vasta barba descuidada, chinelos de couro e um olhar sonhador - será que é este o repórter enérgico, o escritor fogo”?<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> DEEKE, José. *Georg Knoll. Hausfreund* (Encarte do Jornal *Der Urwaldsbote* – Blumenau, 23/9/1921. p. 3-4. Tradução: Curt W. Hennings.

Realmente, a partir da descrição, percebemos que Knoll tinha uma aparência despojada para a imagem que se fazia dos escritores no início do século XX, no entanto, para Deeke este parâmetro físico não media sua capacidade intelectual, pela qual todos o respeitavam. Os dois tornaram-se grandes amigos e sempre que José Deeke viajava para Campos Novos, visitava-o para trocar idéias e relembrar os bons momentos da vida no planalto.

Knoll descrevia sua vida como escritor com a seguinte frase:

“Não há profissão mais espinhosa do que ser, no sul do Brasil, escritor ou autor literário de obras para publicação. Estas, como dois couros de hipopótamo esticados e superpostos não são suficientes para proteção contra as setas envenenadas da calúnia e da difamação, que é preciso suportar quando alguém se esforça para apenas mostrar aos queridos compatriotas alemães, que existem ideais mais nobres que simplesmente ambicionar toucinho e feijão preto”.<sup>56</sup>

Com estas palavras enérgicas, Knoll referia-se às acusações por parte dos pangermanistas de “nativista” e “traidor” da pátria alemã, em função de seus textos referenciando o planalto catarinense e incentivando o exercício da cidadania brasileira.

Certamente esta convivência com Georg Knoll desde sua juventude, influenciou Deeke, possibilitando-o delinear bases intelectuais e posicionar-se enquanto escritor *teuto-brasileiro*.

Quando começaram seus primeiros contatos com os habitantes do planalto catarinense, seu sotaque alemão o denunciava e várias vezes foi confundido como tal. Isto não lhe

---

<sup>56</sup> DEEKE, N. *Família...* - Vórtex. op. cit. p. 23.

agradava e inclusive foi elemento decisivo para a escolha do local, onde o convívio com *lusso-brasileiros* lhe seria útil, com relação à pronúncia das palavras. Deeke era contrário aos lusso-brasileiros assumirem para si o privilégio da nacionalidade brasileira em função de falarem português, pois segundo ele “quem nascia no Brasil, dizia claramente a lei, era brasileiro, não importava a língua ou a aparência do indivíduo...”<sup>57</sup>

O desprezo do autor com relação ao idioma e aspecto físico do indivíduo para defini-lo enquanto elemento pertencente ao povo brasileiro, representa a tentativa de evitar que a língua portuguesa atingisse o status de *língua superior*, ou seja, falada pelo grupo dominante. Neste caso, os brasileiros que falavam português pressionavam àqueles que falavam alemão - considerada como *língua inferior* - para que os mesmos aprendessem e dominassem a língua portuguesa.<sup>58</sup>

O exposto acima apenas reforça a idéia de que o português cada vez conquistava mais seu espaço enquanto *idioma oficial* do Brasil e, quanto mais resistência os adeptos da língua alemã ofereciam, mais evidências encontravam da necessidade de aprendê-lo. Motivo: o exercício da cidadania e a participação na vida política dependiam essencialmente do conhecimento ou não da língua portuguesa.

Alia-se a essa conjuntura o fato de que, falar português, para um teuto-brasileiro da classe dominante, tanto num sentido social quanto político, simbolizava uma forma de exercer o poder, principalmente sobre alemães-novos, criando entre ambas as partes um vínculo de dependência.

<sup>57</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 182.

<sup>58</sup> WILLEMS, E. op.cit. p. 225.

Nossa intenção não é o aprofundamento da discussão referente a infiltração da língua portuguesa na construção do linguajar teuto-brasileiro. Apenas pretendemos apontar caminhos para a resistência teuto-brasileira no processo de assimilação da língua portuguesa, que encontrou respaldo no apego às palavras da infância, cujas lembranças criavam vínculos de retorno aos laços familiares e rememoravam sentimentos passados e presentes, enfim, definiam o pertencimento a um grupo.

Dentro desta perspectiva podemos considerar a língua como o principal elemento diferenciador e ao mesmo tempo definidor de uma comunidade étnica. A *Muttersprache* - língua materna, no contexto do nacionalismo alemão do final do século XIX, visava manter o espírito alemão e garantir a existência de uma “comunidade nacional alemã” fora da Alemanha.<sup>59</sup>

Herder<sup>60</sup> coloca a *língua* como o mais significativo dos fenômenos culturais e destaca o idioma como um “autêntico repositório da mentalidade e da herança particular de cada povo”.<sup>61</sup>

José Deeke, ao declarar-se brasileiro acima da língua ou aparência, estava propondo que estas categorias não eram suficientemente fortes para definir o direito à nacionalidade brasileira. Assim, preservava sua *Muttersprache* e ao mesmo tempo, aprendendo melhor o português, preparava-se para o futuro, que se delineava cada vez mais “luso-brasileiro” no tocante à fixação de uma normalizada *língua brasileira*.

<sup>59</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo...* op. cit. p. 47.

<sup>60</sup> Herder - escritor, filósofo e teólogo alemão. Criador do Nacionalismo literário, referindo-se às diferentes vozes nacionais dentro de uma Europa até então apenas considerada em conjunto. Herder também criou a História Literária Comparada, segundo a qual a história não seria apenas uma sucessão de acontecimentos diplomáticos e militares, mas resultado das condições particulares das diversas nações e raças, combinadas com o espírito específico de cada época.

<sup>61</sup> Apud: SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 38.

Esta breve incursão pelo planalto, durante o ano de 1897, trouxe-lhe saudades de Blumenau, para onde voltou e começou a trabalhar nas medições das terras particulares do Dr. Blumenau<sup>62</sup>, situadas no centro do município. Após a execução deste serviço, esteve incumbido de realizar trabalhos como agrimensor, no Comissariado de Terras do município de Blumenau.

Depois rumou para o sul do Estado - Tubarão - onde trabalhou na medição de terras e, devido a uma incompatibilidade de métodos no exercício da profissão de agrimensor e à falta de pagamentos, retornou, depois de 3 meses, a Blumenau.<sup>63</sup>

Neste período, passou a trabalhar no tabelionato de seu irmão Fides Deeke, lavrando escrituras públicas e executando outros registros cartorários. Entrementes, recebia propostas para trabalhar como agrimensor em pequenas medições.

Finalmente, em 1900, recebeu proposta para voltar ao planalto e, primeiramente em Curitiba, depois em Campos Novos, assumiu as funções de agrimensor, medindo terras nas fazendas do planalto.

Sobre os dois anos em que permaneceu no planalto catarinense escreveu a obra *Am Lagerfeuer - Ao redor da Fogueira do Acampamento*, através da qual narra suas impressões sobre os costumes e *modus vivendi* dos habitantes da região serrana.

Esta sua experiência em Campos Novos trouxe-lhe amigos e, a vida saudável nos campos, evocava agradáveis lembranças:

---

<sup>62</sup> Dr. Hermann Blumenau deixou o município em 1884 e nomeou procuradores (Heinrich Probst e Avé-Lallemant) para administrar seus negócios.

<sup>63</sup> DEEKE, José. *Crônica da Família Deeke*. Apud: DEEKE, N. *Família...* op. cit. p. 108.

“Como era agradável vagar pelos campos verdes! O peito estufava prazerosamente satisfeito quando aspirava o ar puro do planalto. Vi as mais lindas flores, entre as quais espécies nativas e selvagens conhecidas como *Verbenas* e tantas outras, que exalavam perfume a valer - e ainda neste clima sadio havia muito para deliciar o paladar e satisfazer o estômago em variedades de frutas. Bastava sair para uma coxilha, olhar em volta e imediatamente se era possuído por um sentimento de liberdade muito confortante, que despertava na pessoa uma consciência indescritível de sua própria existência sobre a terra e agradecia-se apenas por sentir-se vivo e poder, extasiado, apreciar a imensidão do horizonte...”<sup>64</sup>

As palavras estão carregadas de um significado de alegria de viver e liberdade, além disso, a natureza torna-se responsável pela harmonia entre o espírito e o corpo. O planalto era uma representação da “terra prometida” e lá Deeke sentia-se livre dos problemas enfrentados na infância e adolescência. Por isso, o sentimento de rejeição que o acompanhara até então, cedia espaço para uma sensação de conforto e segurança.

A vida adulta começava a apresentar compensações, o trabalho era um grande aliado e servia para esquecer os dias passados. O contato com os habitantes do planalto serrano revelou ao jovem agrimensor, através das conversas ao redor da fogueira do acampamento, histórias folclóricas e contos que geralmente anotava em suas cadernetas, com o objetivo de dar vida aos personagens em futuras obras literárias.

O fascínio dos campos inspirava sua produção intelectual, a ponto de levá-lo a escrever sua única poesia:

---

<sup>64</sup> DEEKE, José. *Am Lagerfeuer*. Blumenau, 1925. Original datilografado em língua alemã. In: DEEKE, José. *Ao Redor da Fogueira do Acampamento*. Blumenau, 1995. p. 38. - Tradução: Edith Sophia Eimer.

## Serenata de Tropeiro

Acord' e escuta.  
Os passarinhos cantam,  
Olhe - lá surge no deserto a Luz!  
É o sol vermelho  
Que acordou do leito,  
Banhando as fontes dos regatos nus.

Acord' e escuta:  
O tropeiro fala  
Trina a viola na canção gentil  
E as borboletas,  
Despertando fogem  
Dos seus refúgios da manhã de abril.

Amor é onda  
Que descai serena,  
Amor - as notas de cantiga vã  
Amor é infância,  
É adoração ao berço,  
Amar - O sonho da gentil irmã.

E eis, - Desperta!  
Que a luz se espalha,  
Aurora volve, reclamando o céu!  
- Tu és a rosa,  
Ao soprar da brisa  
Acord' e escuta! Venha ouvir: sou eu!<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> DEEKE, J. **Serenata de Tropeiro**. Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" - Coleção **Famílias** - Família Deeke - 3.D.7.3 - doc. 27.

O original foi escrito em língua portuguesa, demonstrando um domínio da escrita, um estilo próprio e voltado para o romantismo, em função do destaque dado à natureza: sol, borboletas, amor e rosas. Renato Ortiz, ao estudar os românticos, nos revela que Herder fez uma distinção entre *poesia de natureza* e *poesia de cultura*, ambas contrapondo-se entre si. A *poesia de natureza*, estilo de José Deeke, “tem um cunho intuitivo, é parte da sabedoria que não se adquire com o conhecimento formal; ela integra um gênero que atualiza o frescor do passado, resistindo ao impacto da degradação civilizatória”.<sup>66</sup>

A poesia resultou das noites em volta da fogueira, onde os serranos cantavam suas melodias harmoniosas e composições criativas versando sobre a vida nos campos. No início, Deeke não compartilhava e criticava o gosto pelas danças e divertimentos, comportamento que provavelmente se revelava como fruto de sua educação castradora. Porém, rendeu-se ao costume e passou a acompanhar de perto todas as noitadas.

Acrescentamos a essa teia de sentimentos, o fascínio que o tropeiro exercia aos olhos dos espectadores e visitantes do planalto. O uso do cavalo, as roupas exóticas, o amor à liberdade, a bravura, o manejo do laço, eram características que conferiam ao tropeiro uma certa *superioridade* cultural.<sup>67</sup>

O comportamento do tropeiro imprimiu-se no imaginário do colono teuto-brasileiro como uma espécie de estereótipo, remodelando desta maneira a sua conduta.

O contato com o planalto reavivou seu espírito e a volta para Blumenau, segundo ele mesmo, foi devido a um desentendimento com o chefe das medições, ex-oficial prussiano de nome Gischkow. Depois deste episódio não encontrou trabalho e, em 1902, retornou a

---

<sup>66</sup> ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**. São Paulo, Olho d'Água, 1992. p. 23.

<sup>67</sup> WILLEMS, E. op. cit. p. 135.

Blumenau através de Caxias do Sul, seguindo até Porto Alegre - RS, ou seja, fazendo uma viagem inversa e mais longa do que o necessário. Finalmente, chegando a Blumenau estabeleceu-se como operário nas obras de medição das terras do Alto Vale do Itajaí, pertencentes à Sociedade Colonizadora Hanseática.

#### 1.4 – Sociedade Colonizadora Hanseática e a influência colonizadora de José Deeke

A Sociedade Colonizadora Hanseática<sup>68</sup> foi organizada por duas das maiores companhias alemãs de navegação: *Norddeutsche Lloyd* (Bremen) e *Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft* (Hamburg), que se aliaram às Casas Comerciais alemãs ligadas ao Brasil<sup>69</sup>, visando obter lucros com a remessa de imigrantes alemães para o Brasil, mais especificamente à região sul.

Esta região vinha sendo pesquisada por agentes, adeptos da política imperialista e nacionalista alemã, cujo principal objetivo era formar apêndices da Alemanha em outros países, através de colônias agrícolas, onde as famílias imigradas pudessem manter a etnia, cultura, língua e nacionalidade alemãs, constituindo assim verdadeiros *quistos étnicos*.<sup>70</sup>

Enfatizamos que nosso objetivo não é analisar as intenções desta Sociedade Colonizadora, portanto os resultados que obtiveram serão pouco explorados no decorrer desta explanação. Nosso interesse maior ficará restrito à importância da Cia. Colonizadora na vida de José Deeke, durante o período em que exerceu o cargo de diretor da mesma.

Ao iniciar as atividades na chamada Colônia Hansa, atual município de Ibirama, ele atuava com contratos avulsos para medição de lotes coloniais no Rio Sellin.

---

<sup>68</sup> Sociedade constituída mediante união com a antiga “Sociedade Colonizadora de 1849 - Hamburgo”, responsável pelo processo colonizatório de Joinville a partir de 1851.

<sup>69</sup> RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis: Ed. UFSC. Blumenau: Ed. FURB, 1986. p. 13.

<sup>70</sup> RICHTER, K. op. cit. p. 24.

Os trabalhos exercidos por Deeke no planalto resultaram no acúmulo de uma vasta experiência em medições de terras, incluindo elaboração de traçados e planos para demarcação de lotes.

Neste ínterim, em março de 1903, empreendeu viagem à Alemanha com o “objetivo de conhecer um pouco do mundo e para consultar um especialista-médico, pois devido aos sintomas, calculava estar sofrendo do estômago”.<sup>71</sup>

Após a consulta, o médico diagnosticou que o estômago, coração e pulmão estavam em ótimo estado, porém apontou “anemia crônica” como causa de suas dores e recomendou internação num sanatório para tratamento, advertindo que caso contrário, sua vida não duraria além de dois anos. Obviamente o conselho médico não foi seguido, embora tivesse permanecido lá para visitar alguns parentes.

Esta doença aparenta ser remanescente de sua infância, quando uma epidemia de febre amarela<sup>72</sup> vitimou algumas pessoas em Blumenau, dentre elas José Deeke, que ficou por 2 meses adoentado, resultando num enfraquecimento geral de seu organismo e impedindo-lhe inclusive de continuar seus estudos com o professor particular.<sup>73</sup>

Não temos a pretensão de encontrar a causa ou denominação para a doença que mais tarde acarretaria sua morte, mas levantar questões em relação às descrições encontradas nos documentos de famílias, que apontam a vida nas florestas, a má alimentação e a ausência de conforto como fatores responsáveis pelo “abalo irremediável de sua saúde”.<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> DEEKE, José. *Crônica Família Deeke*. In: DEEKE, N. *Família...* op. cit. p. 109.

<sup>72</sup> **Febre tifóide** - doença infecciosa causada pela *Salmonella Typhi*, e que se prolonga por várias semanas, incluindo em seu quadro clínico: cefaléia, febre contínua, apatia, erupção cutânea e perfuração intestinal.

<sup>73</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 131-135.

<sup>74</sup> DEEKE, N. *Família...* op. cit. p. 107-108.

Podemos considerar esta viagem como um divisor de águas em sua vida profissional e pessoal. Na vida profissional, porque participou ativamente da Assembléia Geral da *Hanseatische Kolonizations Gesellschaft - HKG* (Sociedade Colonizadora Hanseática), onde fez explanação detalhada sobre as condições das Colônias por ela financiadas, declarando aos sócios que a idéia de formar uma Colônia puramente alemã, em território brasileiro, era impossível:

“... De antemão, toda a instalação na Colônia é brasileira. O administrador policial, correio, justiça e tudo mais. Se a Colônia se tornar maior, pode eleger seu administrador, mas somente podem votar aqueles que obtiverem a cidadania brasileira. Ou seja, os eleitores também devem ser brasileiros - natos ou naturalizados...”<sup>75</sup>

Estas colocações fizeram-se necessárias em função das severas críticas feitas pelo engenheiro Karl Alexander Wettstein<sup>76</sup>, cujo discurso nacionalista alemão acusava os teuto-brasileiros de se deixarem influenciar cada vez mais pela cultura *mestiça* do Brasil, aconselhando que os filhos das colônias fossem “vigiados constantemente pelos alemães natos, para que a colonização alemã não revertesse exclusivamente para o bem do Brasil e apenas servisse de *adubo cultural* para a América Latina”.<sup>77</sup>

Com este Engenheiro, Deeke se desentendeu várias vezes devido à incompatibilidade de pensamentos ideológico-culturais, aliado ao fato de que não concordava com as práticas militares empregadas pelo mesmo, para cobrar o pagamento das terras compradas pelos colonos. Deeke entendia que a Cia. Colonizadora não podia esperar retorno imediato do

<sup>75</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 388.

<sup>76</sup> Karl Alexander Wettstein escreveu a obra *“Mit Deutschen Kolonistenjungen durch den Brasilianischen Urwald”* (Com os jovens colonos alemães através da floresta brasileira), onde narra uma expedição exploratória ao Rio Hercílio (Alto Vale do Itajaí). José Deeke participou desta expedição e posteriormente fez uma narrativa da mesma em seu livro *“Am Lagerfeuer”* (Ao Redor da Fogueira do Acampamento), no ítem “A Viagem Exploratória”.

<sup>77</sup> DEEKE, J. *Ein Kind...* op. cit. p. 385. (*Grifo meu*)

capital investido, pois os imigrantes primeiro precisavam estabelecer-se, para depois, com o tempo, saldar suas dívidas. Quando a situação fugiu de seu controle, resolveu voltar para o planalto catarinense, onde exerceu medições em terras particulares.

Novamente, o planalto entra em sua vida como representação do belo, saudável e, sobretudo, agente desproblematizador de situações desencadeadas no Vale do Itajaí.

Wettstein serviu de inspiração para alguns trabalhos escritos por José Deeke, personificado como representante dos alemães-novos, adepto de hábitos de superioridade e até desrespeito para com os descendentes de alemães.

Para persuadir os sócios<sup>78</sup> da Cia. Hanseática, Deeke precisou utilizar todos os seus argumentos, valendo-se de um discurso veemente e enfático, apoiado pelo ex-diretor da Sociedade no Brasil, Sr. Alfred W. Sellin. O resultado destas Assembléias foi a nomeação de José Deeke para exercer a função de *Diretor Técnico* na Colônia Hansa-Hammonia, para onde foi transferida a sede da Sociedade Colonizadora Hanseática (1904).

A viagem à Alemanha, além de um emprego novo, rendeu-lhe também uma noiva! Alguns anos antes de viajar, já havia conhecido Emma Rischbieter e os dois se apaixonaram. Mas, o empecilho era o pai da moça, Sr. Carl Rischbieter, proprietário de uma Cervejaria em Blumenau. Carl conhecia Deeke e até simpatizava com seu estilo sério, mas quando soube de suas intenções para com sua filha, proibiu terminantemente o namoro, alegando que primeiramente precisava “ser alguém na vida”.

Na noite do discurso, por ocasião da Assembléia Geral mencionada anteriormente, casualmente Carl Rischbieter estava presente e, diante do sucesso de Deeke, viu-se obrigado

---

<sup>78</sup> Banqueiros, empresários, donos das Companhias de Navegação, comerciantes e industriais alemães.

a elogiá-lo e a partir de então, permitiu que sua filha “cultura” e de “boa família” fosse cortejada por ele.

Já de volta ao Brasil, noivou com Emma em 20 de fevereiro de 1904 e casou-se em 29 de agosto do mesmo ano, fixando residência em Ibirama.

O casamento representava uma dupla vitória para Deeke: sua esposa era educada e intelectual, ou seja, não estava ligada à vida apenas pelo trabalho de “dona de casa”, apresentava o “algo mais” que José tanto desejava, atraía-lhe sua beleza e seus dotes intelectuais.

No entanto, o casamento unia não apenas pela afetividade, mas pelo trabalho, cujo progresso dependia da constituição familiar.

Cristina Scheibe Wolff, referindo-se ao cotidiano das mulheres na Blumenau do séc. XIX, conclui:

“A vida das mulheres de Blumenau não era só de trabalho... Sua vida tinha lazeres, amores, brigas, casamentos, separações, filhos, religião e arte... Estabeleciam relações de poder e participavam deste poder... Eram excluídas de alguns lugares, mas tinham seus poderes e influências, seus espaços próprios e driblavam por vezes a autoridade. Só o fato de sobreviverem a uma vida árdua e trabalhosa, pontuada por numerosos partos, aos quais tantas sucumbiam, mostra sua resistência, mas também sua submissão...”<sup>79</sup>

Emma Deeke também exercia relações de poder, principalmente porque assumiu com toda dedicação as funções de orientadora dos colonos recém-chegados e sua receptividade e incentivo colaborou muito para a permanência destes imigrantes na Colônia Hansa-

---

<sup>79</sup> WOLFF, Cristina S. *As Mulheres da Colônia Blumenau - Cotidiano e Trabalho (1850-1900)*. São Paulo, PUC,1991. (Dissertação de Mestrado).

Hammonia. Sua formação “erudita” e espírito de liderança tornaram-na uma escritora de contos e poesias, dedicados ao tema da imigração e vida nas colônias. Suas atividades literárias também foram intensas e chegou a dirigir o jornal “Der Christenbote” - Mensageiro dos Critãos - jornal que circulava entre as comunidades evangélicas alemãs de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O município de Dona Emma, situado no Alto Vale do Itajaí foi assim nominado em homenagem à esposa de José Deeke, Sra. Emma Deeke, com quem teve cinco filhos:

- 1- Christiana Elisa Deeke: \*05/6/1905;
- 2- Raul Adolfo Deeke: \* 26/5/1907;
- 3- Ilse Margarida Deeke: \* 12/6/1909;
- 4- Hercílio Arthur Oscar Deeke: \*15/7/1910;
- 5- Victor Felix Deeke: \*08/12/1911.

Os alemães e seus descendentes sempre pautaram sua vida social promovendo agrupamentos, construindo seus espaços de sociabilidades, através da criação de associações recreativas, educacionais e religiosas.<sup>80</sup>

Enfim, a pedra angular das sociedades e comunidades teuto-brasileiras foi esculpida de acordo com o grau de união em associações promovida por seus componentes.

Emma Deeke enquadrava-se nesta sociedade supostamente “civilizada” e, diante de várias tentativas do marido para convencê-la a morar no planalto catarinense, a esposa ne-

---

<sup>80</sup> ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969. p. 643 - 2º. Volume.

gava-se, alegando que seu alimento espiritual, a conversa agradável com suas visitas, tudo perderia o sentido se precisasse viver na solidão dos campos. Seu marido argumentava, alegando vários bons motivos para que ele se tornasse um fazendeiro. Mas o poder de decisão de sua esposa falou mais alto e conseguiu dissuadi-lo desta idéia. Entrementes, José apelidou-a de *herdentier* - bicho que vive em bando -, para classificar sua intensa necessidade de convivência social.<sup>81</sup>

Foto: Acervo Arquivo Histórico de Blumenau



**Família Deeke**

**No centro, Emma e José Deeke**

<sup>81</sup> DEEKE, N. **Família...** op. cit. p. 117-118.

José Deeke exerceu a função de Diretor técnico da Sociedade Colonizadora Hanseática no período de 1904 a 1908, tendo como atribuições coordenar os trabalhos de medições dos lotes no interior e mapear as áreas já trabalhadas.

Nesta época, começou a trabalhar intensivamente com Mapas cartográficos. Possivelmente, os motivos que o levaram a iniciar esses trabalhos minuciosos, foram os extensivos relatórios que escrevia à Sociedade Colonizadora Hanseática, que eram acompanhados por demonstrativos dos lotes já ocupados e devidamente legalizados.

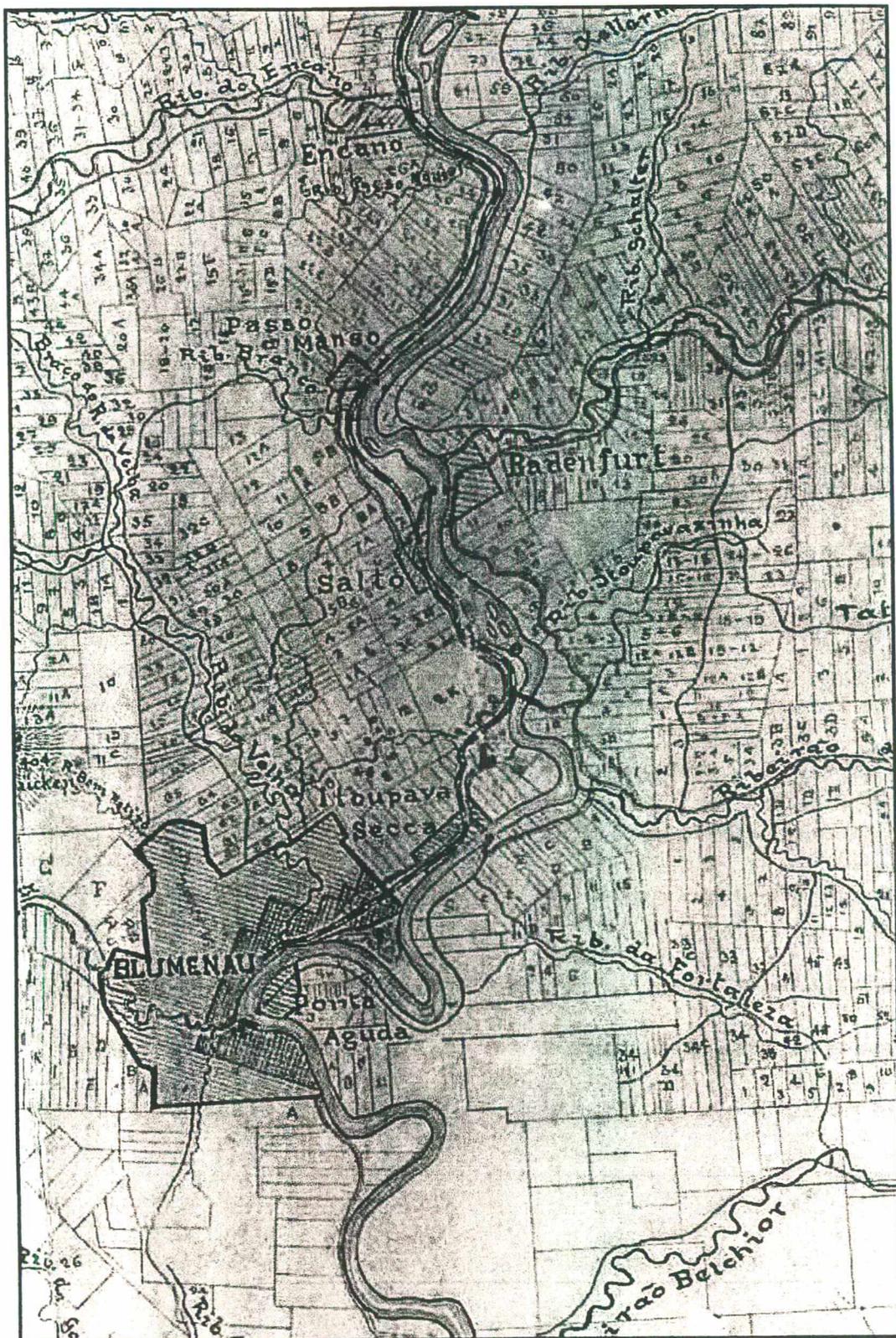
A intensidade de sua produção cartográfica era imensa e constitui-se em objeto de estudo para geógrafos e cartógrafos que pretendem concentrar sua área de trabalho no Estado de Santa Catarina, especialmente se o recorte estiver ligado ao Vale do Itajaí.

Alguns destes mapas foram impressos, a saber: Mapa em Cores de Blumenau e Municípios Vizinhos - 1905 (Leipzig); Mapa da Colônia Hansa - 1920 (Soc. Colonizadora Hanseática); Mapa das Terras Colonizadas e não-colonizadas da parte nordeste de Santa Catarina - 1920 (Blumenau, Tip. Baumgarten); Mapa do Município de Blumenau - 1924 (Leipzig).

De todos os mapas classificados<sup>82</sup>, consideramos o *Mapa Cadastral e Estatístico dos Municípios do Vale do Itajaí, Vale do Itapocu, Vale do Itajaí Mirim e Vale do Rio Tijucas* - 1928, com as dimensões de 2,42 m de comprimento e 1,05 m de largura, envolvendo aproximadamente 30.000 km<sup>2</sup>, especificando detalhadamente rios, ribeirões e números de lotes, um dos documentos mais importantes para a pesquisa da colonização em Santa Catarina.

---

<sup>82</sup> Estes mapas foram classificados por Cristina Ferreira e Niels Deeke, durante a preparação para a edição em língua portuguesa do livro de José Deeke "O Município de Blumenau e a História de seu desenvolvimento", em 1995. A pesquisa resultou em aproximadamente 57 mapas listados e devidamente "endereçados", conforme pode ser verificado nos números 83 a 139 do Anexo.



Mapa Cadastral e Estatístico do Vale do Itajaí, Itapocu, Itajaí-Mirim:  
Acima, região referente Vale do Itajaí, com destaque para Blumenau.

A partir de 1909 até 1929, José Deeke foi nomeado pela administração de Hamburgo, Diretor Geral da Sociedade Colonizadora Hanseática no Brasil, cuja área territorial compreendia 174.874,75 hectares, composta pelos seguintes distritos: 1- Colônia Hansa Hammonia (sede), Hansa Blumenauense; 2- Parte da Colônia Hansa Humboldt (hoje Corupá), Hansa Joinvilense; 3- Colônia Piray-Piranga; 4- Núcleo Colonial São Bento.<sup>83</sup>

Deeke envolveu-se em todas as áreas da Colônia: agricultura, política e administração e desta forma centralizou decisões e governou de maneira enérgica, normalmente escolhendo caminhos favoráveis, que convergiam para o beneficiamento dos imigrantes estabelecidos nestas terras, com o objetivo óbvio de assentá-los na região, em busca do sucesso da colonização, preservando assim, sua função como diretor.

Nesse sentido, escrevia também constantemente sobre os indígenas do Alto Vale do Itajaí, sobre quais posicionava-se como *colonizador*, ou seja, era favorável ao aldeamento dos índios, descrevendo como um sucesso para a melhoria do movimento migratório, a “pacificação” dos botocudos, efetuada por Eduardo de Lima e Silva Hoerhann em 1914.<sup>84</sup>

Os indígenas constituíam-se “entraves” para o processo colonizador europeu e, num mundo de “superioridade” branca, eram encarados enquanto seres “incivilizados”, portanto, carentes de “pacificação”. Deeke compartilhava desse pensamento, especialmente pelo fato de dirigir a Colônia Hansa Hammonia, local de constantes “ataques” dos índios.

A maior parte de sua vida, José Deeke dedicou à Colônia Hansa Hammonia. Seu objetivo era mantê-la funcionando a qualquer custo e seu trabalho tornou-se mais difícil du-

<sup>83</sup> DEEKE, N. *Família...* op. cit. p. 131.

<sup>84</sup> DEEKE, José. *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*. Blumenau, Nova Letra, 1995. (Tradução: Edith S. Eimer) p. 249-252.

Apesar de alguns estudos já existentes, a pesquisa sobre os Indígenas do Vale do Itajaí ainda é um campo pouco explorado e necessita de novas abordagens.

rante a 1ª. Guerra Mundial, pois temia interferências por parte do Governo Brasileiro. Para isto, procurou trazer para “sua” colônia, imigrantes italianos, russos, poloneses, como também luso-brasileiros. Esta estratégia manteve estável a economia e sociedade na Colônia. Mas, terminada a Guerra, os sócios da Cia. Hanseática começaram a desconfiar das ações do seu diretor e, passaram a enviar “fiscais” para averiguar seu trabalho. Estas pressões atormentavam seu espírito, mas continuou na direção da Colônia até 1929, quando foi informado que Bruno Meckien estava sendo enviado para ocupar o cargo de Diretor Geral, a fim de ajudá-lo com os trabalhos colonizadores.

Então, Deeke escreveu à Sociedade pedindo demissão e declarando não precisar dirigir a direção da Colônia com ninguém. Em seguida, voltou para Blumenau, onde intensificou seus trabalhos literários e envolveu-se com outros projetos.

Durante toda sua vida, Deeke esteve acompanhado por uma doença que lhe causou muitas dores na região abdominal. Fez vários tratamentos médicos, mais intensivamente entre 1929 e 1931, no entanto, seu organismo debilitado começou a sucumbir e em 24 de agosto de 1931, após 56 anos, faleceu sob os cuidados de sua esposa Emma Deeke.

Através do personagem aqui focado, procuramos nos manter sensivelmente ligados ao comprometimento com o meio social catarinense, vivenciado por José Deeke.

Constatamos que as emoções privadas estão completamente inseridas na vida pública e as mentes individuais, estudadas tão intensivamente por Sigmund Freud, possibilitaram-nos fazer um estudo histórico, trilhando caminhos que convergem para além da pura biografia.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> GAY, P. op. cit. p. 129.

## Capítulo II

### MANIFESTAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS

#### NA OBRA DE JOSÉ DEEKE

“... Com mais ou menos resistência, o público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico), torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se *imprimir* pelo texto e como o texto lhe é imposto... O leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo... Como o caçador na floresta, ele tem o escrito à vista, descobre uma pista, ri, faz “golpes”, ou então, como jogador, deixa-se prender aí”.<sup>1</sup>

#### 2.1 – Historiografia: Pluralidades e entendimentos

Falar de historiografia pressupõe analisar não apenas métodos e concepções pessoais de autores, mas também confrontar as idéias da sociedade em relação à sua realidade vivida. O estudo das sociedades pelo historiador geralmente contém uma contextualização, marcada por uma incursão aos antecedentes referenciais dos acontecimentos, normalmente não contemplados pelo discurso.

O século XIX é considerado pelos teóricos o *Século da História*, caracterizado pela concepção de que “História não é uma arte, é ciência pura”.<sup>2</sup> Esta concepção cientificista e fatual de História estava intimamente ligada às idéias positivistas, cujos preceitos principais

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994. p. 269.

<sup>2</sup> COULANGES, Fustel de. *Monarquia Franca* (1988). Apud: CARBONELL, Charles-Olivier. *Historiografia*. Lisboa: Teorema, 1992. p. 106.

eram a exaustão das fontes e a objetividade do historiador, contrapondo-se à Historiografia romântica<sup>3</sup>.

A crítica ao método subjetivo e à interpretação dos fatos, encontra nas palavras de Fustel de Coulanges, as idéias mestras e os requisitos básicos para ser um bom profissional da História, no século XIX:

*“A única aptidão do historiador consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não acrescentar nada que eles não contêm. O melhor dos historiadores é aquele que menos se afasta dos textos e os interpreta com maior justeza, aquele que não escreve nem sequer pensa senão em conformidade com eles...”*<sup>4</sup>

Esta dedicação aos documentos e fatos começou a encontrar oposição no séc. XX, especialmente a partir da Escola dos *Annales*, surgida na França em 1929 e, propagada na revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, iniciada por Marc Bloch e Lucien Febvre.

As principais idéias da chamada “Nova História” foram sumariadas por Peter Burke, em seu livro *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)* e, conforme segue, nos servem de referência:

1) A *Tradicional narrativa dos acontecimentos* é substituída por uma *História-problema*<sup>5</sup>, que se preocupa em fazer a análise das estruturas e mudanças sociais e econômicas.

<sup>3</sup> Segundo Carbonell, a historiografia romântica dava lugar à intuição, à imaginação e por vezes era um método mais poético do que erudito.

<sup>4</sup> COULANGES, Fustel de. *Monarquia Franca* (1988). Apud: CARBONELL, C. op. cit. p. 107.

<sup>5</sup> BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 11-12.

2) A *História política* deixa de ser o eixo central dos estudos historiográficos e a *história de todas as atividades humanas*<sup>6</sup> passa a ser objeto de estudo.

3) A interdisciplinariedade dá o tom e a *colaboração com outras disciplinas*<sup>7</sup>, como sociologia, antropologia, psicologia, surge para ampliar as fronteiras da História e evitar uma compartimentalização. No dizer de Braudel, “provar que a história pode fazer mais do que estudar jardins murados”.<sup>8</sup>

As propostas para a construção de uma *Nova História* revelaram muitas facetas ao historiador. Conceitos foram reelaborados, teorias aperfeiçoadas e sobretudo surgiram novas ferramentas, aliadas indispensáveis no processo de ampliação da visão de mundo dos historiadores.

Nessa perspectiva, elegemos a “dessacralização dos fatos” como o principal elemento responsável pela mudança de atitude do historiador para com os documentos, onde a imparcialidade cede espaço aos questionamentos, que por sua vez se tornam o problema fundamental da história.

Ao historiador cabe a tarefa de desmistificar a informação expressa nos documentos e principalmente, “analisar as circunstâncias da sociedade em que os mesmos foram produzidos”<sup>9</sup>, considerando que é preciso relacioná-los com outras fontes, a fim de ampliar a compreensão dos significados neles contidos.

Este ato de fazer a co-relação entre fontes e o desejo de ampliar os caminhos da História, conduziu alguns historiadores a alçar vôo em outras realidades, na tentativa de re-

---

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> CAPELATO, Maria Helena-R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994. p. 24.

criar a sua própria. Esta incursão nos campos da antropologia, sociologia, psicologia e literatura busca subsídios para uma releitura do passado, e assim, reveste a História com novas roupagens e amplia suas fronteiras.

Neste final de século, a “crise dos paradigmas” da História nos apresenta questionamentos e, sobretudo, aponta caminhos para o aprimoramento dos métodos de escrita da História. Este processo desafia os historiadores, porque formula diferentes formas de abordagens do passado e estabelece uma relação de tensão na construção do saber histórico, contrapondo conceitos e métodos.

Maria de Lourdes Mônaco Janotti, refletindo sobre as posturas atuais do discurso historiográfico, revela que:

“... A História é referencial teórico obrigatório para a organização de qualquer tipo de pensamento social, e o discurso historiográfico dificilmente deixará de se ligar às formas literárias, à filosofia, bem como às demais disciplinas sociais”.<sup>10</sup>

Este contato com as “disciplinas sociais” modificou também as concepções relacionadas à matéria prima do historiador: o documento textual, que durante muito tempo foi estudado numa perspectiva de comprovação da autenticidade, a partir da *Nova História*, tem seu campo de abordagem revalorizado, passando a ser visto com menos desconfiança pelos historiadores. Por isso, neste rol de documentos escritos revalorizados, incluímos os documentos literários.

---

<sup>10</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *O Diálogo Convergente: políticos e historiadores no início da República*. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 120.

Jacques Le Goff, um dos principais expoentes da nova história, nos mostra que a noção de documento necessitava ser ampliada, para fazer falar as “coisas mudas”, pois se pode fazer História,

“...sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos, Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua..., os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises dos metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem...”<sup>11</sup>

Sem dúvida a crítica ao documento continua sendo necessária no processo de escrita da História; no entanto, não apenas obras consideradas “verdadeiras” podem ser exploradas. Imagens fotográficas, textos jornalísticos, biografias e memórias, daqui adiante chamados de “manifestações historiográficas”<sup>12</sup>, bem como outras produções literárias ou não, precisam ser trabalhadas nas análises historiográficas, especialmente na etapa de confrontação das fontes históricas com as jornalísticas, literárias e outras.

Esta breve incursão no campo teórico da História não pretende oferecer um balanço exaustivo das discussões que permeiam o mundo da historiografia, mas sim servir como elemento reforçador, a fim de justificar o uso e análise das obras literárias e jornalísticas, enquanto fontes históricas, produzidas por José Deeke em suas atividades intelectuais.

Atualmente, praticamente não existem mais fronteiras entre as chamadas fontes primárias e secundárias, pois ambas conquistaram credibilidade metodológica e necessitam ser historicizadas em sua própria produção enquanto fontes para a história<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p. 540.

<sup>12</sup> JANOTTI, op. cit. p. 120.

<sup>13</sup> FLORES, Maria Bernardete. *Páginas de Vida Pulsante*. In: *Revista “Blumenau em Cadernos”* - Tomo XXXVIII (Nr. 11/12). Blumenau, Fundação Cultural de Blumenau, nov./dez. 1997. p. 61.

As práticas sociais de uma época tornam-se fatores determinantes da produção documental, principalmente aquelas vinculadas à imprensa, onde as informações passam a ser concebidas enquanto representação de momentos particulares da realidade, repletas de subjetividade e concepções de mundo dos seus produtores.

Portanto, a análise historiográfica intima o historiador a fazer um trabalho de reconstituição do real em suas múltiplas faces, construindo peça a peça seu objeto de estudo, num esforço para desvendar os artifícios dos *construtores da memória*<sup>14</sup>.

Neste caminho, apontamos para os perigos de uma análise mecanicista, baseada na relação classe social-autor-obra, e trazemos à tona as concepções da Sociologia do conhecimento, sustentadas por Mannheim, quanto à natureza coletiva da produção intelectual<sup>15</sup>, que se encontra intimamente ligada à evocação da memória, cujas lembranças coletivas<sup>16</sup> do passado suscitam conteúdos e concepções no presente.

Se a memória é coletiva, significa que as mensagens e maneiras de pensar reveladas no trabalho de José Deeke, não retratavam apenas suas convicções pessoais, mas também aquelas relacionadas aos grupos sociais aos quais estava vinculado.

Acrescentaríamos ainda que, a “obra comporta o conjunto dinâmico das relações sociais, nem sempre conscientes para o seu próprio criador”<sup>17</sup>, permitindo que a trajetória das criações intelectuais de José Deeke, buscasse adquirir um status de independência perante a vivência do próprio autor.

---

<sup>14</sup> CAPELATO, op. cit. p. 25.

<sup>15</sup> JANOTTI, op. cit. p. 120.

<sup>16</sup> HALBSWACHS, op. cit. p. 26.

<sup>17</sup> JANOTTI, op. cit. p. 120.

As diferentes circunstâncias que revalorizam momentos do passado para adquirir feições no presente devem transformar-se no “métier do historiador”, conforme propõe Walter Benjamin:

“... Nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” no qual se infiltraram estilhaços do messiânico”.<sup>18</sup>

Deeke escrevia a História baseando-se num conjunto de lembranças, situadas num espaço social da coletividade. A criação dos textos se dava a partir de um processo de memorização do passado, auxiliado pelo uso de documentos e outras fontes bibliográficas.

Na seqüência, apresentamos uma espécie de classificação para os textos históricos de José Deeke, agrupando suas abordagens sob a ótica de uma *História Local*, que se pretende próxima da vivência do autor, pois contempla aspectos de sua cidade natal.

---

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 232.

## 2.2 – História política enquanto prática de cidadania

Raphael Samuel, em seu artigo *História Oral e História Local*, nos diz que “a história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos”.<sup>19</sup>

A História Local permite ao autor elaborar a construção dos fatos de maneira mais concentrada, diferentemente de uma história “total”, onde os acontecimentos encontram-se muito difusos e, em determinadas circunstâncias, dificultam a coleta documental.

Deeke, em seu livro *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*, narra o desenvolvimento de Blumenau, com a preocupação constante de situá-lo numa esfera nacional, através dos tópicos destinados ao povoamento brasileiro, à queda da Monarquia e proclamação da República. Porém, esta contextualização nacional é sutil e limita-se à compilação de dados extraídos de livros como, *Die Entdeckung und der Entdecker Brasiliens* (A Descoberta e o Descobridor do Brasil), de Bruno Stysinski.<sup>20</sup> Isso demonstra uma carência de conhecimentos mais aprofundados na área e, sobretudo, um não-envolvimento com o tema, fator que acarretou uma “neutralidade” do autor frente aos acontecimentos narrados.

---

<sup>19</sup> SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*. In: *Revista Brasileira de História* - 19. 1990. p. 222.

<sup>20</sup> DEEKE, J. *O Município...* op. cit. p. 28

Bruno Stysinski era um alemão que pesquisou o Brasil e, devido ao fato de escrever em alemão, obteve a preferência de José Deeke, em detrimento dos autores brasileiros.

Em seu livro *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*, Deeke privilegia dois aspectos básicos: a política e o movimento imigratório, este último, notadamente, relacionado ao papel do *fundador* da cidade:

“O Dr. Blumenau dedicou-se com toda a sua vontade e afinco à administração da Colônia...

Apesar do dinamismo e mesmo do sacrifício a que se submeteu durante tantos anos de árduo trabalho, visando ao desenvolvimento da Colônia, que fundou com tamanho entusiasmo e carinho, o Dr. Blumenau não recebeu do Governo qualquer menção de agradecimento ao se afastar da direção colonial e regressar à Alemanha...”<sup>21</sup>

Este sentimento de indignação para com o governo, que não se articulou para formular homenagens ao fundador quando de seu regresso à Alemanha, advém inicialmente da idéia de “mito fundador”, que povoava o imaginário da população em relação ao Dr. Blumenau, por sua vez transformado no “homem de referência”, no tocante ao desenvolvimento de Blumenau.

Contudo, esta referência permaneceu incrustada nas lembranças dos primeiros habitantes de Blumenau e de certa maneira impedia-lhes de procurar nas entrelinhas da colonização, outros motivos para tanto *dinamismo e sacrifício*.

A antropóloga Sabine Kiefer, que desenvolveu uma tese de mestrado em Köln - Alemanha, sobre a figura do Dr. Blumenau e a fundação de uma colônia no Brasil, nos revela que:

“Os biógrafos falam da grandeza desse homem. Sem dúvida, o ato de fundar uma colônia, que deu certo, seduz um autor a atribuir qualidades extraordinárias a essa pessoa. Sem diminuir os méritos desse ato, uma leitura das cartas querendo captar a realidade de um ser humano, per-

<sup>21</sup> Idem. p. 39.

permite a pergunta: até que ponto a persistência, a tenacidade e a vontade de fundar uma colônia foram acompanhadas pela necessidade interna de se auto-afirmar diante dos pais”<sup>22</sup>

Sob este aspecto, a personificação desta situação por parte de José Deeke nos remete a traçar pontos de convergência entre ele e o Dr. Blumenau:

a) Ambos eram “colonizadores”, portanto estavam determinados a atingir um objetivo claro: desenvolver, com êxito, o processo de colonização. Deeke, ao referir-se à ingratidão do governo para com o fundador de Blumenau, ativava um mecanismo de defesa não apenas contra o fato do governo não agradecê-lo por ocasião de seu retorno à Alemanha, mas também contra uma displicência do governo com o qual ele estava lidando para poder manter “sua” Colônia Hansa-Hammonia em funcionamento;

b) Ambos escreviam obras e textos de cunho pedagógico:

O Dr. Blumenau, com o livro *Indicações úteis aos imigrantes para o sul do Brasil*, onde se refere, detalhadamente, aos objetos e vestimentas a serem trazidas, conselhos para suportar bem a viagem de navio, listagem de profissões e ofícios que melhor se identificariam com as necessidades da região, destacando como característica condicional para o imigrante, sua vontade e capacidade para o “duro trabalho da floresta”.<sup>23</sup>

E José Deeke, com uma grande quantidade de artigos direcionados à “orientação agrícola”<sup>24</sup> dos colonos, aconselhando na escola da época e tipologia dos produtos, além da

<sup>22</sup> KIEFER, Sabine. *Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa*. In: Revista “Blumenau em Cadernos” - Tomo XXXVIII (N. 06). Blumenau, Fund. Cult. Blumenau, junho 1997.

<sup>23</sup> BLUMENAU, Hermann. *Indicações úteis aos imigrantes para a Província de Santa Catarina no sul do Brasil*. Rudolfstadt: Edição e Distribuição G. Froebel, 1851. Tradução: Edith S. Eimer - Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

<sup>24</sup> Conforme diversos artigos publicados no suplemento agrícola do Jornal “Der Urwaldsbote” - *Kolonie, Haus und Hof*, de acordo com o Anexo - item 78.

formação de uma consciência ecológica, conforme seu texto *Reservas Florestais - Reflorestamento*, onde propõe a criação de reservas florestais, orientando os colonos a preservarem, em seus terrenos, áreas com vegetação.<sup>25</sup>

A periodização empregada no livro *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*, fortemente determinada por eventos político-administrativos, se desdobrava em fases que cobriam o período de 1500 a 1916, a saber:

- 1) Blumenau de hoje (1916);
- 2) O início da colonização no Brasil;
- 3) A divisão das terras antes e depois da fundação de Blumenau;
- 4) A fundação de Blumenau;
- 5) Blumenau na condição de Colônia Particular;
- 6) Blumenau na condição de Colônia do Governo;
- 7) A emancipação da Colônia Blumenau: o prólogo e as conseqüências;
- 8) O município de Blumenau até a queda da Monarquia;
- 9) A proclamação da República, causas e conseqüências no município de Blumenau;
- 10) O período da Revolução (1893);
- 11) Após a Revolução.<sup>26</sup>

---

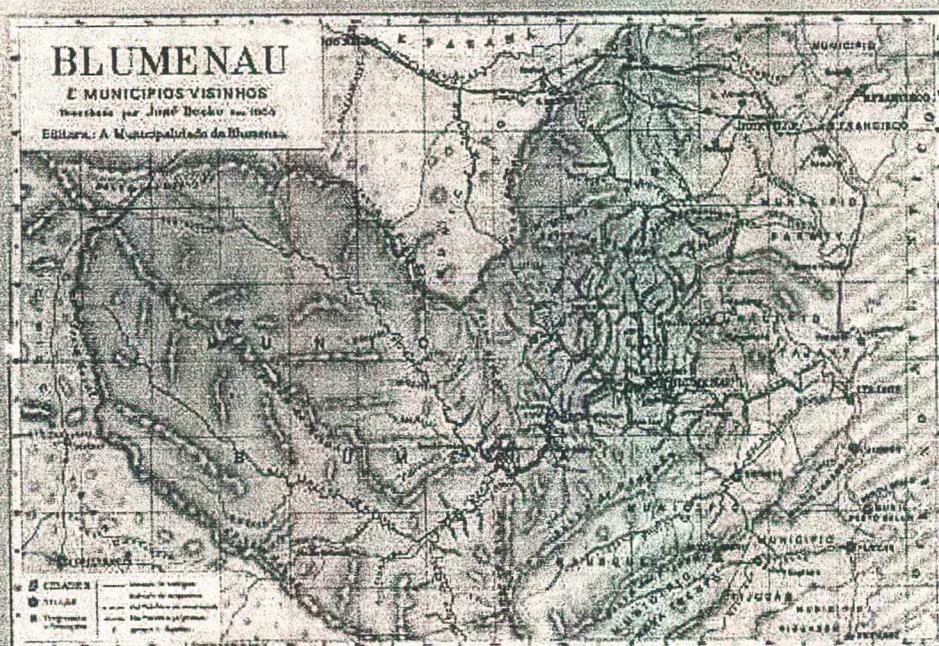
<sup>25</sup> DEEKE, J. *Reservas Florestais e Reflorestamento*. In: "Der Holzmarkt" - Mercado de Madeiras (Periódico da Liga das Serrarias de Blumenau) - Ano 1 - no. 3 - Blumenau, set. 1930. (Bilingüe)

<sup>26</sup> DEEKE, J. *O Município...* op. cit. p. 13.

# O MUNICÍPIO DE BLUMENAU E A HISTÓRIA DE SEU DESENVOLVIMENTO

POR

**JOSÉ DEEKE**



Capa do livro editado em português em 1995.

De acordo com esta periodização, percebemos uma tendência nítida em valorizar o campo político da História de Blumenau. Deeke parecia olhar o passado através dos conflitos sociais nele gerados, conforme seu relato sobre a elevação da Colônia Blumenau à qualidade de município:

“A emancipação da Colônia Blumenau não sobreveio tão rápida e inesperadamente como geralmente se afirmava e é uma matéria que foi anteriormente discutida e esclarecida...

Todavia, os adversários [políticos] passaram a se combater mutuamente num único e mesmo jornal, o *Blumenauer Zeitung*...

Mas os conflitos e desavenças separam até mesmo os melhores amigos... e os adversários derrotados se uniram, fundando um segundo jornal...

A partir deste momento, a discórdia começou a prosperar e os dois jornais cada vez mais se comprometiam com os dois partidos, de tal modo que o *Blumenauer Zeitung* continuou conservador e o *Immigrant* entrou em campo pela causa dos liberais...”<sup>27</sup>

Este comentário aponta para as desavenças políticas entre os conservadores e liberais, sinalizando controvérsias partidárias durante o processo de emancipação da Colônia Blumenau para a categoria de município, salientando que o mesmo não ocorreu naturalmente como se propagava. Então, propôs-se a relatar os acontecimentos, baseando-se nas fontes jornalísticas, de modo a fazer da própria narrativa a explicação para o que tinha acontecido no passado.

Convém mencionar que a valorização do aspecto político está imbricada com os aspectos morais e éticos, aplicados pelo autor com fins instrutivos, de maneira a construir uma “pedagogia do cidadão”<sup>28</sup>, conduzindo-os a uma consciência política no âmbito da cidadania.

<sup>27</sup> Idem. p. 87-102.

<sup>28</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. *Letras de Fundação: Varnhagen e Alencar - Projetos de Narrativa Instituinte*. São Paulo, USP, 1992. (Dissertação de Mestrado) p. 32.

Conforme nos mostra Elias T. Saliba, o romantismo do início do século XIX colocou a política num patamar cultural superior e, “seria tarefa dos mais conscientes realizar os desígnios da história”, pois a eles caberia a função de *messias-coletivo*, com o objetivo de desencadear harmonia e unidade na sociedade.<sup>29</sup>

Essas concepções chegaram aos intelectuais do Vale do Itajaí somente no início do século XX, ou seja, tardiamente, mas fizeram parte das suas abordagens.

Acrescentaríamos ainda que, para Deeke, era necessário olhar o político num sentido de responsabilidade, característica que evidencia uma visão temporal da História, onde passado, presente e futuro determinam o desenvolvimento de uma sociedade. Sob esse ângulo, encontramos-nos diante do “antigo problema da história como mestra da vida, em que se pensaria o passado em função do presente, como um guia de ação para o momento que se vive”.<sup>30</sup>

Nessas maneiras de se pensar a história, o Estado e o poder político são concebidos enquanto atores e sujeitos<sup>31</sup>, revelando claramente algumas formas de dominação sobre o autor e a sociedade.

Outra característica importante das obras historiográficas do autor, é o seu relativo “desprezo” pela área econômica, onde se limita apenas a citar, através de dados estatísticos, as atividades principais: agricultura, pecuária e suinocultura. Referia-se à indústria com poucos dados, demonstrando desinteresse pelo assunto:

---

<sup>29</sup> SALIBA, E. op. cit. p. 67.

<sup>30</sup> BORGES, Vavy Pacheco. *Anos Trinta e Política: História e Historiografia*. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 160.

<sup>31</sup> Idem. p. 159.

“Os estabelecimentos de beneficiamento de madeira são numerosos e além da produção para o consumo da Colônia, exportam-se tábuas e material para caixaria. Há duas tecelagens e fiações de algodão, bem como uma grande malharia e diversas menores”.<sup>32</sup>

Anteriormente mencionamos o significado da preferência pelo aspecto político em detrimento aos demais. Em contrapartida, a historiografia catarinense geralmente aponta o “esforço empreendedor” dos empresários como “mola propulsora” para o desenvolvimento econômico do Vale do Itajaí<sup>33</sup>, característica que não se verifica na produção do autor. No entanto, concebia a imigração alemã enquanto elemento essencial para o povoamento do Brasil, considerando que “cedo se verificou que o alemão estava aprovado como colono, razão por que houve esforço maior para ampliar a quantidade desses imigrantes...”.<sup>34</sup>

Vinculamos este pensamento às suas atividades como *colonizador*, em que pese a responsabilidade de povoamento de uma grande área, 174.874,75 hectares, no Alto Vale do Itajaí, envolvendo as seguintes colônias:

- 1- Colônia Hansa Hammonia, com terras hoje correspondentes a Ibirama, Presidente Getúlio, Vitor Meirelles, José Boiteux, Dalbérgia, Dona Emma, Wittmarsum, Serra dos Índios, Mirador, atual Posto Indígena Duque de Caxias e Alto Rio Dollmann.
- 2- Parte da Colônia Hansa Humboldt, hoje Corupá.
- 3- Colônias Pirai e Itapocuzinho-Schroeder, hoje pertencentes a Joinville.
- 4- Núcleo colonial São Bento, hoje São Bento do Sul.<sup>35</sup>

<sup>32</sup> DEEKE, J. *O Município...* op. cit. p. 26.

<sup>33</sup> WOLFF, Cristina S. op. cit. p. 8-9.

<sup>34</sup> DEEKE, José. *O Município...*, op. cit. p. 30.

<sup>35</sup> DEEKE, Niels. *José Deeke: 1875-1931*. In: DEEKE, J. *O Município...* op. cit. p. 8.

Todo este território pertencia à Cia. Colonizadora Hanseática, empresa empregadora de José Deeke e responsável pela sua nomeação como *Diretor*, no Brasil, dos distritos de propriedade desta Companhia. Levando em conta essas premissas, o autor considerava essencial destacar a função da Cia. Colonizadora Hanseática para o progresso da colonização do Estado de Santa Catarina:

“A Cia. Colonizadora Hanseática foi muito aplaudida quando, mediante um contrato com o Governo do Estado (28/5/1895), se propôs colonizar o Braço do Norte do Itajaí, atual Rio Hercílio e, para satisfação geral, iniciou o assentamento de imigrantes em dezembro de 1897. Esta Cia. Colonizadora manteve-se ativa e prosperou. Malgrado todas as dificuldades financeiras, apresentou resultados expressivos. Blumenau, por obra da Cia. Colonizadora Hanseática, passou a contar com um magnífico distrito, o da Hansa...”<sup>36</sup>

Num sentido unilateral, Deeke atribuía a existência da Colônia Hansa, hoje Ibirama, ao exclusivo trabalho da Sociedade Colonizadora, secundarizando o papel dos colonos, cujas atribuições quotidianas foram os sujeitos do processo desenvolvimentista de Blumenau. A função assumida pelo imigrante camponês, em muitas pesquisas, permaneceu silenciada na História, em detrimento de instituições e empresários, conforme mencionado anteriormente.

O trabalho metuculoso em relação às fontes documentais transforma seu livro num importante referencial para a história de Blumenau, que se viu propagada tanto para os teuto-brasileiros, como para os imigrantes recém-chegados da Alemanha. Lamentavelmente, escreveu a obra em alemão, limitando o acesso às outras etnias colonizadoras do Vale do Itajaí. No entanto, acreditamos que seu principal objetivo, *suprir uma lacuna* para a História

<sup>36</sup> DEEKE, J. O Município... op. cit. p. 187.

de Blumenau, estivesse intimamente ligado a um desejo proposital de atingir o público teu-to-brasileiro, conquanto sua insistência em revelar fatos políticos, implicitamente, insuflando os leitores a definir e exercer a cidadania brasileira.

Não obstante, Deeke não se prendia exageradamente ao uso das fontes e, ao escrever, considerava-se privilegiado por ter participado ao vivo de alguns acontecimentos, conforme se pode verificar no prólogo de sua obra *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*:

“... Seria muito difícil concluir esta obra se eu mesmo não possuísse, na condição de blumenauense nato, lembranças pessoais de fatos, além dos relatos de meus pais e também de parentes, que tinham vasto conhecimento da história de Blumenau...”<sup>37</sup>

Os depoimentos orais tornaram-se um elemento enriquecedor para a obra em questão, principalmente porque resgatam o cotidiano e as formas de viver da Blumenau Colônia, oportunizando ao leitor circular por terras desconhecidas e, para usar uma expressão de Michel de Certeau, como “caçador na floresta”<sup>38</sup>, inventar ou modificar o sistema escrito.

Destacamos trechos do depoimento de um artigo intitulado *Conversa de um Velho Colono Blumenauense* publicado em 1903, no Calendário *Der Volksbote* de Joinville, contendo impressões pormenorizadas de um imigrante chegado na Colônia Blumenau em 1865, e reproduzido por Deeke:

“... Com relação à bebida, só havia aguardente e vinho tinto, que deveria ser preferivelmente denominado de vinho de tinta, pois somente um bom conhecedor de tintas o diferenciaria do verdadeiro corante. Açúcar, farinha de trigo e arroz eram produtos de luxo e muito raros (...)

A maneira como se procurava fazer da necessidade uma virtude era realmente original. Assim, por exemplo, apanhavam-se alguns vaga-

<sup>37</sup> Idem. p. 17.

<sup>38</sup> CERTEAU, op. cit. 269.

lumes, colocando-os sob um copo emborcado e obtinha-se uma sofrível iluminação, mas que não deixava de ser uma solução. Porém, com o fim do verão, esse recurso também desaparecia com a ausência dos vaga-lumes, tornando-se necessário, então, contentar-se com a iluminação do óleo de peixe e de sebo, ou sujeitar-se a ficar na escuridão, o que para muitos era considerado um meio mais prático (...)

Tão simples como a alimentação era também o modo de se vestir. No verão só usavam camisa e calça de algodão, no inverno, um casaco simples de lã de ovelha (...) Sapatos e meias, brevemente, eram dispensados e todos andavam descalços ...”<sup>39</sup>

Este testemunho vivo do passado, emitido pelo *velho colono blumenauense*, permite recapturar um tempo de certa forma submerso na memória, pois “há verdades que são gravadas na memória das pessoas e em nenhum outro lugar. Eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem se lembrar”.<sup>40</sup>

Elegemos levantar alguns pontos para discussão no livro *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*, no entanto, não objetivamos dar conta de toda a obra, visto que é importante trabalhar outros entendimentos e características das pesquisas do autor.

Particularizando ainda mais as temáticas tratadas, adentramos no âmago do município de Blumenau, no distrito de Hansa-Hammonia (Ibirama), para o qual Deeke dedicou sua vida profissional.

A comemoração dos 25 anos da “Colônia Hansa” foi preparada intensivamente pela comissão dos festejos e, para tanto, Deeke escreveu o livro *A Colônia Hammonia no seu*

<sup>39</sup> DEEKE, José. *O Município...* Op. cit. p. 56-57.

<sup>40</sup> SAMUEL, op. cit. p. 230.

25º. ano de fundação, pois a festa deveria exaltar a memória dos pioneiros, dentro da lógica “lembrar para comemorar, documentar para bem festejar”.<sup>41</sup>

Este trabalho pode ser considerado uma *Síntese Histórica*, levando-se em conta que os fatos tornam-se os elementos constituintes do enredo e uma vez “integrados numa trama, os acontecimentos até então privados de sentido, adquirem significação pela sua posição na narrativa”.<sup>42</sup>

Neste caminho, o livro contempla resumidamente o início da colonização em Hansa Hammonia, sem apresentar citações bibliográficas e análise dos fatos, limitando-se a unir dados para compor uma narrativa dos acontecimentos.

Contudo, o autor, apesar de estar ciente desta realidade, não procurou modificá-la, remetendo a responsabilidade para “o curto espaço de tempo em que foi escrito este livreto, impossibilitou-me escrever detalhadamente sobre todos os acontecimentos nestes 25 anos de existência da Colônia...”<sup>43</sup>. E aconselha, a quem se interessar, ler o jornal *Hansabote*, fundado pelo Pastor Dr. Aldinger, editado de outubro/1904 a setembro/1913.<sup>44</sup>

Cabe destacar que, contrariamente ao livro *O Município de Blumenau...*, onde houve grande valorização para o campo político, este trabalho sobre a Colônia Hansa, procurava

<sup>41</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 104.

<sup>42</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história: a Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo, EDUSP, 1992. p. 2.

<sup>43</sup> DEEKE, J. *Die Kolonie Hammonia zu Ihren 25 Jahrgen Bestehen: Auf Veranlassung der Festkommission bearbeitet von José Deeke*. Blumenau, Tip. Baumgarten, 1992. Tradução: Edith Sophia Eimer - *Colônia Hammonia no seu 25º. ano de Fundação*. p. 10. (Anexo - item 07)

<sup>44</sup> A coleção do Jornal “*Der Hansabote*”, editado em língua alemã, encontra-se no acervo do Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” em Blumenau e, mediante pesquisa, constatamos a ausência de participação do escritor José Deeke neste periódico. Portanto, numa análise não aprofundada, afirmamos que o Pastor Aldinger procurava trabalhar aspectos educacionais e religiosos em seu jornal, evitando mencionar as ações políticas e administrativas da direção da Sociedade Colonizadora Hanseática, que estava a cargo de José Deeke.

ênfatizar os aspectos geográficos e toponímicos da região do Alto Vale do Itajaí, conforme se pode verificar no texto que segue:

“Ribeirão da Anna - afluente na margem direita do Rio Dona Emma. Chamava-se primeiro Ribeirão da Fazenda, depois passou a denominar-se, a pedido do Sr. Albert Koglin, que ali possuía terras, Ribeirão da Anna, primeiro nome de sua esposa...

Hammonia - antiga denominação da cidade de Hamburgo - Alemanha. Nome que designa o lugar, a colônia e o distrito municipal. Está localizado na margem esquerda do rio Hercílio, na desembocadura do Taquaras. Constitui-se a sede da direção da Colônia e das autoridades do distrito...”<sup>45</sup>

Deeke era agrimensor e cartógrafo<sup>46</sup> e, em decorrência disso, procurou mesclar seus conhecimentos cartográficos com as lembranças do cotidiano, demonstrando preocupação em documentar, através da linguagem escrita, seus conhecimentos para as gerações futuras, numa clara visão da “História como mestra da vida” e responsável pela formação da consciência humana no indivíduo.

Nesse sentido, o autor procura abrigo para construir uma “*História contínua*”, que segundo Michel Foucault,

“... é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas à distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada”<sup>47</sup>.

O lugar para a “morada” do autor deveria ser resistente ao tempo e acima de tudo constituir-se em elemento perpetuador da memória, fazendo o texto falar por si, unindo a

<sup>45</sup> DEEKE, J. *Colônia Hammonia...* op. cit. p. 14.

<sup>46</sup> Veja lista de mapas elaborados por José Deeke no Anexo - itens 83 a 139.

<sup>47</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forence-Universitária, 1986. p. 14-15.

informação do passado com a vivência do presente e deixando para o futuro um “formigamento de vestígios verbais”<sup>48</sup> em torno de si.

Incumbido pela Comissão dos Festejos, Deeke organizou ainda um quadro estatístico, referindo as entradas dos imigrantes na Colônia Hansa desde 1897 até 1922:

— 37 —

Conf. Nr.	Famili- lienzahl	N a m e	Alter	Religion	Profession	Heimatland oder Stadt
510	6	Kuschel, Kurt	25	kath.	Landarbeiter	Luzern
511	7	Ditz, Wilhelm	11	"	"	Hamburg
512	8	Vander, Horst	15	evang.	"	v. d. H. Bahms.
513	9	Stöckle, Stefan	28	kath.	"	"
514	10	" Veronica	21	"	"	"
515	11	" Stefani	1 1/2	"	"	"
<b>1900</b>						
516	1	Entrod, Georg	35	kath.	Arbeiter	Heggen
517	2	Hermann, Wilhelm	26	evang.	Mähtner	Brandenburg
518	3	Hertenslein, Magdalene	30	kath.	"	Uplingen
519	4	" Verahard	8	"	"	"
520	5	" Duo	1/2	"	"	"
521	6	Hobler, Lito		"	"	Spontan
522	7	Franke, Emil		"	"	"
523	8	Herrwald, Mathias		"	"	"
524	9	Siegerstädter, Georg		"	"	"
525	1	Wiese, Johann	24	evang.	Maurer	Kulmbach
526	2	Danzel, Michael	34	kath.	Bergmann	Hochbilde
527	3	Erdmann, Gustav	17	evang.	Gärtner	Herrswald
528	1	Kensch, Georg	31	"	Landmann	Bautzen
529	1	Voller, Georg	30	kath.	Maurer	"
530	2	" Margaretha	21	"	"	"
531	3	" August	3	"	"	"
532	4	" Johann	1 1/2	"	"	"
533	5	Müller, Karl	39	evang.	Landmann	"
534	6	Schmidt, Paul	48	"	Buchbinder	"
535	7	" Wilhelmine	30	"	"	"
536	1	Anders, Wilhelm	27	evang.	Arbeiter	Berlin
537	2	" Agnes	25	"	"	"
538	3	" Selma	6	"	"	"
539	4	" Friedhof	3	"	"	"
540	5	Weinold, Max	36	"	Lehrer	Großschän
541	6	" Pauline	32	"	"	"
542	7	" Hermann	10	"	"	"
543	8	" Lucie	3	"	"	"
544	9	Risse, Ernst	32	"	Arbeiter	Magdeburg
545	10	" Marie	22	"	"	"
546	11	Wacz, Friedrich	33	"	Arbeiter	"
547	12	" Anna	28	"	"	"
548	13	" Fritz	2	"	"	"
549	14	" Martha	1/4	"	"	"
550	15	Wusterhaus, Albert	26	"	Juniern.	"
551	16	" Martha	24	"	"	"
552	17	" Albert	3	"	"	"
553	18	" Ernst	1/4	"	"	"
554	19	Voller, Willy	24	"	Gärtner	Heinrichsweg

Listagem de imigrantes contida no livro sobre Hansa-Hammonia

<sup>48</sup> Idem p. 27.

Esta listagem periodizada contemplava informações sobre os imigrantes recém chegados, a saber: 1) Número de entrada; 2) Quantidade de pessoas (familiares); 3) Nome; 4) Idade; 5) Religião; 6) Profissão; 7) País ou cidade de origem.

Esta lista já beneficiou inúmeros pesquisadores da área de genealogia, muitas vezes fornecendo informações vitais para a continuidade da pesquisa e em alguns casos, favoreceu aos mesmos conquistar, junto aos consulados, a 2ª. nacionalidade, de acordo com o país de seus antecessores.

Outra comemoração, o centenário da imigração alemã em Santa Catarina, foi responsável por nova criação intelectual de José Deeke. Em 1929, Alberto Entress, de Florianópolis, reuniu alguns autores para compor o *Gedenkbuch zur Jahrhundert-feier Deutscher Einwanderung in Santa Catarina*<sup>49</sup>, ficando Deeke incumbido de escrever metade do livro.

Importante dizer que nesta fase, o autor passava por uma espécie de “maturidade intelectual” e com este espírito “alçou vôo” numa área de âmbito estadual, que posteriormente foi aprimorada na obra inédita *O Estado de Santa Catarina, com destaque à Colonização Alemã*<sup>50</sup>.

Ambos os estudos foram centrados na cronologia e nas localidades, permanecendo o aspecto político e econômico em segundo plano, conforme se verifica nos sub-temas propostos: São Pedro de Alcântara, a primeira Colônia Alemã em Santa Catarina; Colônias

<sup>49</sup> **Gedenkbuch zur Jahrhundert-feier Deutscher Einwanderung Santa Catarina.** /Alberto Entress. Florianópolis, Livraria Central, 1929. Tradução: Gertrudes Scheltzke, 1996. *Livro Comemorativo dos Festejos do Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina.* (Anexo - item 80). Daqui em diante mencionado como “Gedenkbuch”.

<sup>50</sup> DEEKE, J. **Der Brasilianische Bundesstaat Santa Catharina: mit besonderer Hervorhebung der Deutschen Kolonisation.** Original, datilografado. Arquivo Hist. “José Ferreira da Silva” - Coleção Famílias - 3.D.7.3 - doc. 13. (Anexo - item 283). *O Estado de Santa Catarina no Brasil, com destaque para a colonização alemã.* Tradução parcial: Curt W. Hennings.

Alemãs Mafra e Corisco; Antigas Colônias no Rio Itajaí; Colônia Várzea Grande; Colônia Piedade; Colônia Santa Isabel; Colônia Leopoldina; Colônia Blumenau; Colônia Dona Francisca; Colônia São Bento; Santa Thereza, a Colônia Militar; Colônia Theresópolis; Colônia Angelina; Colônia Brusque; Colônia Lucena; Colônias Hanseáticas; Colônia Jaraguá.<sup>51</sup>

Deeke tinha um compromisso com a imigração alemã e a ocupação das terras no Estado de Santa Catarina, portanto, transferia para seus trabalhos este envolvimento com o tema, centralizando e limitando suas análises e excluindo outras etnias do processo de colonização do Estado.

Não objetivamos analisar minuciosamente este trabalho do autor sobre o Estado de Santa Catarina, mas sim apontar caminhos que se revertam em discussões para o aprofundamento do tema. No entanto, sustentamos a convicção de que não é possível encontrar um elemento de unidade que defina este livro, pois entendemos que a “unidade é variável e relativa”, portanto deve ser entendida enquanto feixe de relações, porque “as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede”.<sup>52</sup>

As remissivas a outras fontes utilizadas por Deeke para a criação de *O Estado de Santa Catarina no Brasil, com destaque à colonização alemã*, basicamente, são as seguintes:

- 1) COELHO, Major Manoel Joaquim d’Almeida. *Memória Histórica*, 1856;

<sup>51</sup> DEEKE, J. *O município...* op. cit. p. 281-283 (Lista de obras).

<sup>52</sup> FOUCAULT, M. op. cit. p. 26.

- 2) ROSA, José Viera da. *Chorographia de Santa Catharina*, 1905;
- 3) BOITEUX, Lucas Alexandre. *Notas para a História Catarinense*, 1912;
- 4) MATTOS, Jacintho de. *Colonização*, 1917.<sup>53</sup>

Os autores acima foram pioneiros para a formação do pensamento historiográfico catarinense e, após a definição do território de Santa Catarina (1916), abriram uma discussão voltada para a “busca da identidade, do bairrismo, da defesa de brios”.<sup>54</sup>

Segundo Walter Manoel Gomes, no início do século XX ocorreu intensa movimentação cultural e os intelectuais assumiram um “posicionamento nitidamente catarinense, integrador de toda a sociedade do Estado, apesar de, imediatamente, não terem produzido uma História que se apresentasse explicitamente como ferramenta de mudança”.<sup>55</sup>

Indispensável citar a valorização à natureza nestas obras, onde se nota constante menção à fauna e flora catarinense, não apenas para exaltá-la “num sentido romanesco”, mas principalmente para destacar seus fins utilitários, conforme demonstra seu artigo no *Gedenkbuch*:

“Existem em Santa Catarina grande quantidade de plantas medicinais, mas nem sempre sua utilização é feita corretamente pela população. Por isso, todo aquele que não compreender bem o uso destas plantas, não deve usá-las...

Contra as dores de reumatismo deve-se usar o chá da samambaia (*felix herbacea*), a trepadeira Jaborandy (*Pilocarpus pernotefolium*), pitanga, abacate...

Para estancar o sangue, usa-se a lâ que se encontra junto aos cabos das folhas do xaxim, pois o narcótico que contém esta lâ é muito forte...”<sup>56</sup>

<sup>53</sup> DEEKE, J. *Der Brasilianische...* op. cit. p. 02.

<sup>54</sup> GOMES, Valter Manoel. *Formas do Pensamento Historiográfico Catarinense*. Florianópolis, UFSC, 1985. (Dissertação de Mestrado) p. 178.

<sup>55</sup> Idem. p. 179.

<sup>56</sup> DEEKE, J. *A Flora de Santa Catarina: plantas medicinais*. In: *Gedenkbuch ...* op. cit. p. 39

Neste caso, a estética, relacionada à exuberância na natureza, cede espaço a uma “boa dose” de realismo, usado com fins pedagógicos, num sentido bilateral: orientação para sobrevivência na mata e preservação ecológica. Portanto, havia uma “crença na força da Natureza”<sup>57</sup>, prerrogativa que deveria ser respeitada e cumprida tanto pelo narrador quanto pelos colonos fixados na terra.

A complexidade em abordar todos os aspectos e momentos da produção historiográfica de José Deeke, levou-nos a apontar caminhos mais abrangentes e a optar, muitas vezes num processo de difícil escolha, por temáticas, a fim de possibilitar um diálogo entre a inspiração individual do autor e as condições históricas sob as quais sua obra historiográfica foi produzida.<sup>58</sup>

Além da sociedade, encontramos outra figura importante que, ao mesmo tempo, se transforma em ponto de convergência, tanto para a História quanto para a literatura: o **leitor**.

Neste caminho, damos seqüência, explorando as criações literárias de José Deeke, conscientes de que “toda leitura modifica seu objeto” e de que uma “leitura difere de outra menos pelo texto, que pela maneira como é lida”.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 31.

<sup>58</sup> JANOTTI, M. op. cit. p. 119.

<sup>59</sup> CERTEAU, M. op. cit. p. 264.

### 2.3 – Literatura e Cotidiano: a contribuição teuto-brasileira

Ao utilizarmos a literatura como suporte para criação deste texto, o fazemos com o intuito de decodificar as informações quotidianas contidas nos trabalhos literários de José Deeke, a fim de sustentar nossa leitura de sua obra, bem como sua influência na sociedade teuto-brasileira.

Portanto, concebemos a idéia de que os leitores são os produtores de significado para os textos, utilizando a imaginação, unem fragmentos e integram sua vivência à descrição textual, vivificam momentos, incorporam e codificam dados, enfim, constituem nova visão do mundo ao seu redor.

Os leitores transportam-se para o mundo do texto, apreendem e constroem campos de compreensão, à medida que traçam novos caminhos. Dialogam com o escritor silenciosamente, através das reações e sentimentos desencadeados no seu próprio *eu*.<sup>60</sup>

Pensar essa relação leitor/texto implica trazer à tona um terceiro elemento componente da operação escriturística, a figura do narrador, que utiliza sua própria experiência vivida para construir seu trabalho literário.

O trabalho literário de José Deeke adquiriu uma intensidade tal, que superou, num sentido quantitativo, seus textos históricos. Ao narrar fatos históricos, o autor se prendia num compromisso documental com a *verdade*. Em contrapartida, ao compor textos literá-

---

<sup>60</sup> CERTEAU, M. op. cit. p. 83.

rios, libertava sua imaginação, aguçava seus sentidos e entrava “num espaço isolado das competições cotidianas”<sup>61</sup>, local privilegiado da imaginação e do *maravilhoso*.

Nos contos e romances, Deeke construía uma “possibilidade do real” por meios ficcionais. Expressava desejos, conflitos, preconceitos, enfim, reproduzia fragmentos da sociedade teuto-brasileira, numa perspectiva literária.

Ao comentar sobre o papel do narrador e sua “autoridade” sobre o passado, Ecléa Bosi nos diz que:

“O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.

Uma atmosfera sagrada circunda o narrador...”<sup>62</sup>

Deeke aliava experiência e vivência na construção de seus textos. Falava de si, sua família, amigos, vida profissional, viagens e toda a atmosfera que cercava seu cotidiano social e profissional. Utilizava-se das criações literárias para entreter o leitor, no entanto, seu interesse maior concentrava-se no aspecto *pedagógico*, que prevenia e alertava os colonos para enfrentar melhor seu dia a dia. Era um artesão que tornava visível o interior das coisas.<sup>63</sup>

Walter Benjamin aponta 3 tipos de narrador: o camponês, o marinheiro e o artesão. O cronista, aqui, é o narrador por excelência, porque domina a experiência, porque dela pode falar, porque a conhece, a viveu e a observa. Para ele, aquele que narra é sábio, pois

<sup>61</sup> Idem. p. 84.

<sup>62</sup> BOSI, E. op. cit. p. 49.

<sup>63</sup> Ibidem.

domina não só a experiência vivida, como aquela que se projetará no futuro, articulando visões do passado com as do presente e futuro.<sup>64</sup>

Entrar nas discussões que envolvem a História e Literatura, duas áreas do saber que se entrecruzam nos caminhos do conhecimento, implica trazer à tona a discussão trabalhada no início deste capítulo, a respeito da abertura das fronteiras da historiografia.

As fontes históricas, até então voltadas para os documentos textuais, passíveis de comprovação, cedem espaço a uma nova concepção, peculiar da Nova História Cultural, e passam a ser admitidas enquanto marcos indiciários daquilo que teria acontecido um dia e com os quais o historiador constrói sua versão.

Com isto, não estamos querendo negar ou abdicar do compromisso com a verdade, mas sim permitir a nós mesmas realizar uma leitura “possível” de uma época. Olhar o passado sem a pretensão de encontrar certezas, mas sim possibilidades, desvendando intrigas e recuperando significados.<sup>65</sup>

Para Paul Ricoeur, ficção e história, dando voz ao passado, proporcionam a erupção do ontem no hoje, numa intensidade temporal que, ao mesmo tempo em que justapõe passado e presente, os reinscreve em uma nova instância.<sup>66</sup>

Na obra de José Deeke, a ficção pode ser considerada como instrumento de disfarce do real, pois a maioria de seus personagens nos contos e romances recebeu nomes fictícios, para que os curiosos não desvendassem seus verdadeiros nomes. O enredo tratava de assun-

---

<sup>64</sup> Apud: ANTONINI, Eliana Pibernat. *O Narrador: sujeito da História e da história*. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 25, n. 3, 1990. p.29

<sup>65</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Cidade Maldita*. Porto Alegre, 1994. (Texto) p. 5

<sup>66</sup> RICOEUR, Paul - citado por PESAVENTO, S. op. cit. p. 6.

tos do cotidiano de colônias alemãs no Brasil e surgia da experiência do autor, constituindo-se elementos de inspiração para a criação literária.

O relacionamento entre ficção e realidade foi nos dado a perceber quando da confrontação entre as fontes históricas e literárias, em especial fichas biográficas. Esta operação complexa nos colocou diante do “paradigma indiciário” da história, onde o historiador, diante de fontes enigmáticas, procura pistas, analisa, compara e classifica.<sup>67</sup>

Mas, ocupemo-nos agora com o contexto do surgimento da imprensa e literatura nas comunidades do Vale do Itajaí, para que possamos explorar melhor o uso da literatura na construção de uma realidade social possível.

Esta imprensa teuto-brasileira surgiu à medida que a sociedade tornava-se complexa, apareciam as lideranças e divergências, tornando-se necessária a divulgação dos acontecimentos, motivando os imigrantes alemães a começarem uma produção intelectual.

O espírito comunitário<sup>68</sup> das Colônias alemãs era uma das principais condições para a sobrevivência da cultura teuto-brasileira na região do Vale do Itajaí e tornou-se um dos elementos mais concretos da etnicidade, calcado num passado comum que evoca o sentido da colonização, convergindo para uma “cultura comum”, que atua como fator diferenciador da cultura dos “outros”.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p. 153.

<sup>68</sup> Espírito comunitário das Colônias Alemãs não pressupõe uma homogeneização da cultura teuto-brasileira, porém constitui-se elemento componente de alguns grupos pertencentes a esta sociedade.

<sup>69</sup> SEYFERTH, G. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - São Paulo, n. 26, p. 103-122, outubro 1994. p. 108.

Para preservação deste espírito comunitário, vários fatores precisavam estar em harmonia entre si: conservação da língua alemã, costumes culturais herdados dos antepassados alemães, educação baseada na escola teuto-brasileira e imprensa em língua alemã.

De acordo com Giralda Seyferth, a imprensa teuto-brasileira desempenhava duas funções principais: defender os interesses dos imigrantes alemães perante os luso-brasileiros e manter o sentimento de filiação à nacionalidade alemã.<sup>70</sup>

Este fator aponta para a imprensa como uma espécie de perpetuadora da manutenção da cultura teuto-brasileira e, sua ausência posterior, durante a 1<sup>a</sup>. Guerra Mundial e a Campanha de Nacionalização causaria enorme descompasso na comunidade teuta do Vale do Itajaí.

Vale lembrar que a utilização da Imprensa como fonte de pesquisa pelo historiador, pressupõe levantar questionamentos em relação à imagem da imprensa enquanto “espelho fiel da realidade”, implicando trabalhar na “reconstituição do real em suas múltiplas facetas”, para montar as peças de um complicado quebra cabeças. A imprensa exerce um fascínio sobre o pesquisador e, no dizer de Marc Bloch, à primeira vista, esse espetáculo diverte, seduz a imaginação, toca a sensibilidade, mas é como fonte para o conhecimento que a história ali registrada têm interesse e validade.<sup>71</sup>

A literatura utilizava a imprensa como instrumento para se fazer chegar ao grande público, portanto, acreditamos que a mesma exerceu um papel mais relevante do que a literatura em si. Em certos grupos, a imprensa periódica assumiu um estágio de desenvolvi-

---

<sup>70</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 49.

<sup>71</sup> BLOCH, March. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975, p. 61.

ratura em si. Em certos grupos, a imprensa periódica assumiu um estágio de desenvolvimento a ponto de não se poder prescindir dela como “instrumento de comunicação”.<sup>72</sup>

Neste papel de “instrumento de comunicação” apontamos o almanaque, *Kalender*, como principal aglutinador de todos os aspectos sociais, culturais e educacionais da vida cotidiana dos teuto-brasileiros. Nele estão contidas informações históricas, narrativas folclóricas, natureza, arte, anedotas e poesias, constituindo-se em fonte de leitura para todos os tipos de público, principalmente o agricultor, para quem era mais difícil conseguir ler o jornal periodicamente. O almanaque tornou-se o meio de comunicação escrita mais popular, ao lado da Bíblia, e devido a todas estas características acima, a fonte de pesquisa mais diversificada para pesquisadores de todas as áreas.

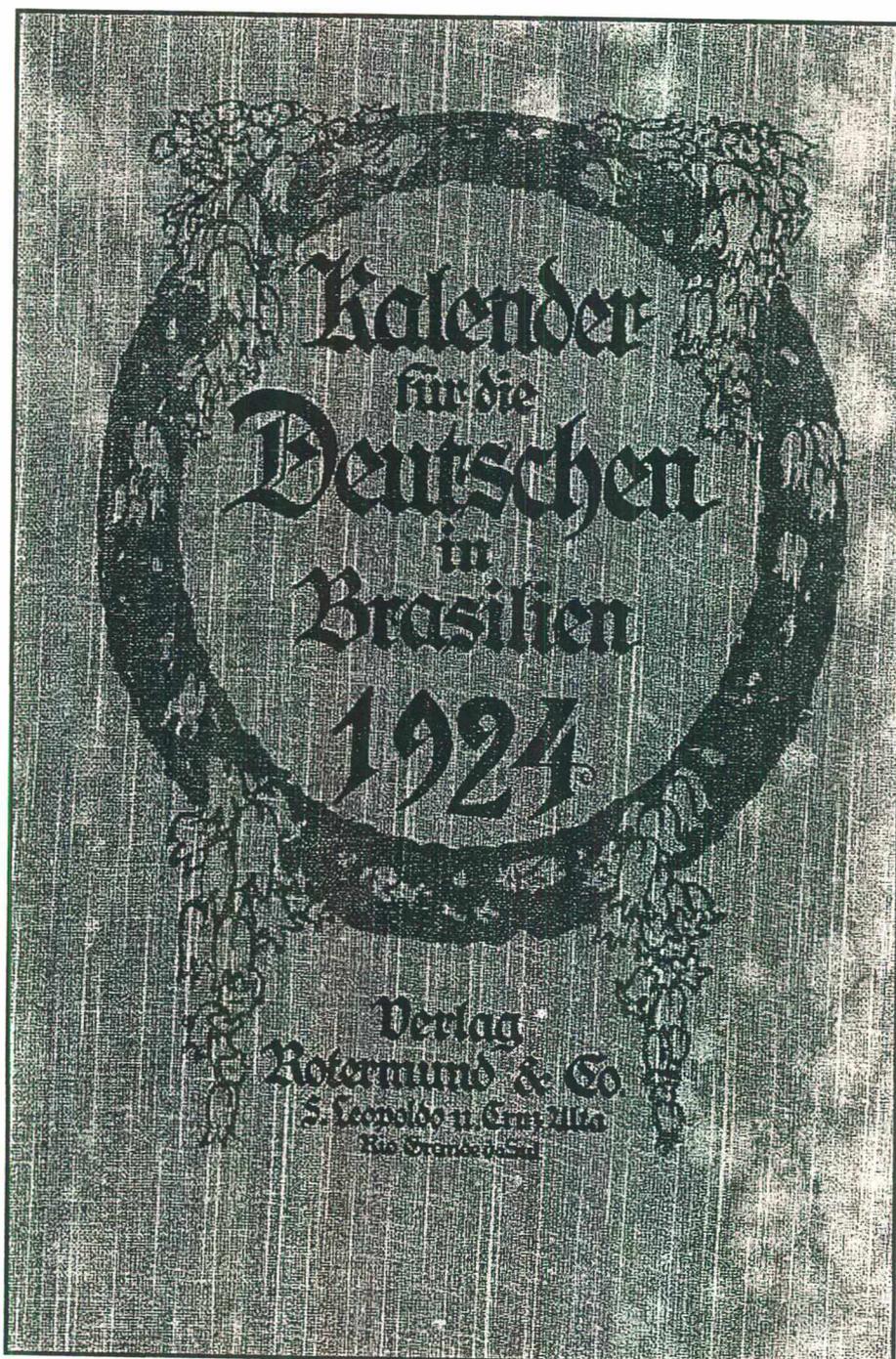
Segundo Giralda Seyferth, o “almanaque” divulgava matérias sobre: versos de poetas brasileiros consagrados, como Olavo Bilac, traduzidos para o alemão; versos de poetas teuto-brasileiros, como Ernst Niemeyer, e poetas alemães (Schiller, por exemplo); contos e pequenas novelas; textos sobre a história da colonização alemã no Brasil, sobre a História do Brasil e da Alemanha; calendários de festas religiosas e outras e calendários agrícolas.<sup>73</sup>

Inicialmente, os Almanques de maior popularidade entre a população teuto-brasileira de Santa Catarina, vinham do Rio Grande do Sul, sendo que o mais popular era o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Anuário para os Alemães no Brasil) - São Leopoldo, 1881-1949, editado pela Livraria Rotermund regularmente e de grande influência na opinião pública, tendo um longo período de atuação e sobrevivendo a várias tempestades nos períodos de guerra e nacionalização. Em Santa Catarina era muito bem conceituado, pois

<sup>72</sup> HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau, Ed. da FURB, 1993. p. 156

<sup>73</sup> SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 75.

apresentava propagandas e anúncios de estabelecimentos comerciais e educacionais locais, além da participação intensiva de vários escritores teuto-brasileiros residentes no Estado.



Capa do “Kalender für die Deutschen in Brasilien” - 1924

Este almanaque era popularmente conhecido como *Rotermund Kalender* e concentrou a maior parte da produção literária de José Deeke, em especial romances, contos e novelas como: *Waldeszauber - O Encanto das Florestas* (1924); *Doppelsinnige Worte - Palavras de Duplo Entendimento* (1924); *Silvana* (1925); *Die Freundschaft - A Amizade* (1927); *Alberto Korfeld* (1929); *Esperanto* (1931); *Um Das Brasil-Deutschum - Em Defesa da Cultura Teuto-brasileira* (1932 - pós-morte). Estas publicações no *Rotermund Kalender* ocorreram com mais intensidade pelo fato de que os Almanques teuto-brasileiros editados em Blumenau somente adquiriram uma certa periodicidade a partir da década de 1930, como será exposto a seguir.

A partir do início do século XX, diante da consolidação da imprensa específica de jornais, surgem os *Kalender blumenauenses*<sup>74</sup>, como:

1) *Der Urwaldsbote Kalender für die Deutschen in Süd-Brasilien* (Mensageiro da Selva - Almanaque para os Alemães no Sul do Brasil), Blumenau - 1900, única edição. Fundado pelo Pastor Hermann Faulhaber, imigrante que exerceu uma liderança religiosa e educacional no Vale do Itajaí, através de importantes trabalhos didáticos voltados à valorização da História do Brasil. O surgimento do *Urwaldsbote Kalender* nesta data (1900) está inserido num contexto de comemoração do cinquentenário de fundação da cidade, fato que gerou na população um sentimento de valorização à memória dos primeiros imigrantes aqui estabelecidos. Neste sentido, ocorreu uma intensa produção literária voltada à História, destacando-se principalmente o livro do *Cinquentenário de Blumenau*, escrito em alemão, italiano e português.

<sup>74</sup> SILVA, José Ferreira da. **A Imprensa em Blumenau**. Florianópolis, Gov. Estado S.C., 1977. O autor faz uma abordagem de todos os periódicos editados no Vale do Itajaí, historicizando os títulos e especificando dados do formato e influência exercida pelo mesmo.

2) *Blumenau's Illustrierter Familien-Kalender* (Almanaque Ilustrado da Família Blumenauense), Blumenau - 1914, única edição. Este *Kalender* continha muitas ilustrações e matérias relacionadas à vida colonial, além de poesias, contos e anedotas. José Deeke estreia sua participação em *Kalender* com um artigo intitulado *Die Kolonie Hansa*, onde traça um perfil da Colônia Hansa (Ibirama), na qual exercia o cargo de diretor e representante da Sociedade Colonizadora Hanseática.

3) *Blumenauer Volkskalender* (Almanaque Popular Blumenauense), Blumenau - 1933, editado durante 5 anos (1937). As páginas iniciais deste almanaque eram dedicadas à especificação dos dias, semanas e meses do ano, com destaque para as fases da lua, a meteorologia e indicação de dias propícios para o plantio de vários produtos agrícolas; posteriormente vinham os artigos voltados para questões regionais.

4) *Calendário Blumenauense*, Blumenau - 1934 e 1935, caracterizado pela edição em língua portuguesa, demonstrando que a assimilação cultural também ocorreu no sentido inverso. Este almanaque surgiu com objetivos informativos, mas atuava na região como uma espécie de referencial das indústrias e do comércio, devido à intensiva propaganda que apresentava.

5) *Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens* (Almanaque Alemão para os Estados do Sul do Brasil), Blumenau - 1934 a 1965, conhecido também como *Wille's Kalender*, pois seu proprietário era o jornalista Otto Wille, alemão que chegou ao Brasil em 1904, estabelecendo-se na Colônia Hansa. A abrangência deste Almanaque era regional, envolvendo assim os 3 Estados do sul. Passou por inúmeras mudanças ao longo de sua exis-

tência e segundo José Ferreira da Silva, pode ser considerado o Almanaque “nativo” de maior permanência e aceitação no Vale do Itajaí.<sup>75</sup>

Destacamos também como parte integrante desta imprensa, o Jornal “Blumenauer Zeitung”, primeiro jornal de Blumenau, fundado em 1881 e partidário da causa republicana, pregava um germanismo moderado até a década de 30 quando adquire então uma postura assumidamente favorável ao integralismo e nazismo, dificultando a definição de sua linha editorial, uma vez que no início do século combatia as idéias pangermânicas.

O jornal *Der Urwaldsbote* (O Mensageiro da Selva) surgiu com objetivos religiosos e foi fundado em 1893 pelo Pastor Faulhaber, porém rendeu-se às discussões políticas e a partir de 1898, quando Eugen Fouquet assumiu a redação, define sua linha e transforma-se num jornal de cunho étnico, abordando querelas políticas regionais; notícias sobre a Alemanha; notícias locais regionais e nacionais; informações sobre agricultura, medicina, religião, além de colunas destinadas a contos e romances. Estas características eram comuns a alguns periódicos europeus, os quais serviam de inspiração aos editores e jornalistas teuto-brasileiros.<sup>76</sup>

Decorrente do surgimento da imprensa no Vale do Itajaí, várias categorias de “letrados” começam a despontar representadas na figura de escritores, contistas, cronistas e redatores cuja função principal era informar e formar opiniões junto ao público leitor. Diante deste quadro, os dirigentes locais perceberam a “arma cultural” que representava a Imprensa e resolveram investir numa literatura voltada para o lado social, moral, político e educacional.

---

<sup>75</sup> SILVA, J. F. da. *A Imprensa...* op. cit. p. 39.

<sup>76</sup> SEYFERTH, G. *Imigração...* op. cit. p. 74.

Esta literatura teuto-brasileira, na sua maioria, não era produto de profissionais da área de letras ou literatura, pois exerciam profissões diversas e, com raras exceções, puderam viver especificamente da literatura. Seus criadores conheciam a vida quotidiana da colônia e muitos deles viveram durante algum tempo entre os colonos, tornando-se grandes conhecedores dos problemas e desejos dos mesmos. Segundo Manfred Kuder, geralmente eram professores, pastores, padres, redatores, comerciantes, funcionários ou diretores de colônias.<sup>77</sup>

José Deeke enquadra-se perfeitamente no perfil acima citado pelo fato de ser agricultor de profissão e mais tarde, na qualidade de diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática de Ibirama, sentir-se-á na obrigação de conduzir seus colonos para uma produtividade agrícola mais orientada, conforme se pode verificar no texto *Eucalyptus, Malaria e Mosquitos*:

“... Existem lugares onde não se pode dizer de onde vem a febre, mas não há dúvida alguma de que são os mosquitos que trazem esta doença [malária], e por isso temos que primeiramente conseguir eliminá-los. Onde existe muita água parada e pântanos, devemos colocar patos e marrecos, porque eles são os que mais eliminam a criação de mosquitos. Também os pequeninos peixes gostam de comer as larvas dos mosquitos e por isso em todos os lagos onde não têm peixes está cheio de mosquitos...

Deve-se ter em vista, principalmente, a secagem dos pântanos e isto não é possível fazer somente com canais. Por outro lado, enchê-lo com terra é muito caro, e por isto, a plantação de *Eucalypto* é a melhor opção, ainda mais que esta madeira pode ser aproveitada posteriormente”.<sup>78</sup>

<sup>77</sup> KUDER, Manfred. *Die Deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Apud: FREITAS, Ingrid A. Assmann de. *A Máscara cai: o imigrante alemão no contexto da obra ammoniana*. (Dissertação de mestrado em letras na UNESP - Assis, 1989)

<sup>78</sup> DEEKE, José. *Eucalyptus - Malária - Mosquitos*. In: *Der Urwaldsbote - "Kolonie, Haus und Hof"*, Blumenau: maio, 1926. p. 1.

Tradução: Werner H. Tönjes - Arquivo da autora.

Justifica-se então a publicação de tantos artigos<sup>79</sup> voltados para o cultivo de produtos agrícolas, nos quais didaticamente informava aos colonos como tirar melhor proveito da terra. Com isso também exercia seu papel de colonizador, fazendo o possível para garantir o estabelecimento dos imigrantes nas Colônias do Vale do Itajaí. Estes artigos eram publicados no *Kolonie, Haus und Hof*, Suplemento Agrícola do Jornal *Der Urwaldsbote*, que possuía enorme popularidade na área colonial rural e “juntamente com os *Kalender* constituíam a única fonte de informação [de que dispunham] ...”<sup>80</sup> Este Suplemento Agrícola começou a ser editado mensalmente a partir de julho/1911 e seu último número data de junho/1920. O cabeçalho deste jornal continha a ilustração de um semeador, indicando assim sua função de orientador dos colonos, através de artigos, conselhos e sugestões referentes ao cultivo dos lotes coloniais.<sup>81</sup>

O idioma utilizado na escrita dos artigos literários não era o *Hochdeutsch* (Alto Alemão), mas sim a “língua teuto-brasileira”, originária do contato com a língua portuguesa e por este motivo intensamente criticada pelos alemães. Assim sendo, adquiriu características próprias, tratando temas voltados para o cotidiano das colônias, através da narrativa das experiências dos colonos mais “letrados”.<sup>82</sup>

Esta literatura teuto-brasileira desenvolveu-se timidamente até a 1ª. Guerra Mundial, quando a língua alemã no Brasil sofreu rupturas em seu processo de continuidade, devido à proibição do uso de outras línguas em detrimento da língua portuguesa. Mas entendemos que após este período, a literatura se fortaleceu e a Alemanha passou a ser encarada com mais distância, aumentando a ligação espiritual dos indivíduos com o Brasil.

<sup>79</sup> Veja lista de artigos publicados no Anexo, números 78.1 a 78.51.

<sup>80</sup> SEYFERTH, op. cit. p. 54.

<sup>81</sup> SILVA, op. cit. p. 56.

<sup>82</sup> SEYFERTH, G. *Imigração...* op. cit. p. 75-76.

Em seu artigo *Gelegenheits-Kommers in Urwald* (Oportunidades Comerciais na Selva), José Deeke escolhe uma poesia declamada por 4 teuto-brasileiros para 3 alemães recém-chegados, para demonstrar que a pátria a ser considerada por eles agora, deveria ser o Brasil:

*Brasilien, du schönes Reich,*

*Kein anderes auch nur kommt dir gleich,*

*Wir alle sind, oh Vaterland,*

*Ergeben dir, mit Herz und Hand*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Wir pflanzen Bohnen, Knollen, Mais,*

*Wir haben Tabak, Zucker, Reis.*

*Wir haben stets was für den Topf,*

*Wer hier verhungert, ist ein Tropf.*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Wir gehen fischen, gehen jagen,*

*An Sonn und arbeitsfreien Tagen*

*Mandi, Trahir und der Cará,*

*Sind für uns Kolonisten da.*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Tapire, Rehe und sonstiges Wild,*

*Die holen wir uns, wenn es nur gilt,*

*Tukan, Makuk und der Jacú,*

*Die fliegen uns deutschen Kolonisten zu!*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Brasil, bela terra*

*Nenhum país é igual a ti*

*Nós todos somos, ó pátria*

*Entregues a ti com o coração nas mãos*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Nós plantamos feijão, aipim, milho,*

*Nós temos tabaco, açúcar, arroz*

*Nós temos algo dentro da panela*

*Quem passa fome aqui é um bobo*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Nós vamos pescar, nós vamos caçar*

*Nos domingos e dias de folga*

*Mandi, traíras e carás*

*Estão a disposição dos colonos*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Antas, veados e outra caça,*

*Nós as buscamos quando queremos*

*Tucanos, macucos e o jacu,*

*Voam para os colonos alemães*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Drum sind wir dir, Brasilien, gut,  
Und leben froh und wohlgenut,  
In deutscher Sprach und Sittenrein,*

*Brasilianische Bürger woll'n wir sein.*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!*

*Por causa disto te agradecemos, ó Brasil*

*E vivemos aqui felizes e dispostos*

*Falando a língua alemã e mantendo/*

*costumes alemães,*

*Pretendemos ser cidadãos brasileiros.*

*/: Heep, heep - heep, heep, hurrah!...<sup>83</sup>*

A poesia acima destaca a gratidão pelo alimento e a abundância que caracterizam a natureza brasileira, transformando-a no elemento que representa e fortalece uma nova relação com o Brasil, carregada de orgulho e esperança por um futuro melhor. Isto se reflete claramente na criação literária, que passa a evidenciar um grande desejo de formar uma literatura em solo brasileiro, com características desta terra, que aos poucos começou a adquirir um “status” de pátria.

Resultante desta mentalidade adquirida, surgem novas coleções literárias dedicadas aos teuto-brasileiros, dentre as quais destacamos a *Südamerikanische Literatur*, cujo objetivo era apoiar aqui a literatura teuto-brasileira e fornecer leitura adequada aos leitores de ascendência alemã, através de temas voltados à vida, ambiente e mundo filosófico da nova pátria.<sup>84</sup>

Esta coleção *Südamerikanische Literatur* serviu de instrumento para a publicação da obra mais importante de José Deeke: *Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte* - O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento, em três volu-

<sup>83</sup> DEEKE, José. *Gelegenheits-Kommers in Urwald*. (Oportunidades Comerciais na Selva) In: “*Hausfreund*” (Suplemento literário do jornal “*Der Urwaldsbote*”), Blumenau, 30/4/1921. p. 17-19.

*Tradução*: Curt W. Hennings. Note-se que a poesia é um estilo que dificulta o processo de tradução para o português, por isso em alguns momentos perde o sentido original, portanto, reproduzimos o texto em alemão.

<sup>84</sup> FREITAS, Ingrid A. Assmann de. *A Máscara cai: o imigrante alemão no contexto da obra ammoniana*. Assis, UNESP, p. 46 (Dissertação de mestrado em Letras).

mes. A publicação ficou a cargo da Editora Rotermund, com a qual o autor firmou um contrato vendendo os direitos autorais para a citada editora.



Capa original em alemão do livro “O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento”, editado em 1917

É necessário dizer que a partir da década de 20, começam as publicações em forma de livros, em função do surgimento das tipografias em Blumenau, caso da Tipografia Baumgarten, onde o autor publicou livros voltados à História da Colônia Hansa Hammonia (Ibirama). Estes trabalhos, conforme já demonstramos na primeira parte deste capítulo, apresentavam características próprias, especialmente uma preocupação com as fontes documentais, marcadas por uma distância em relação à liberdade com que escrevia textos de romances e crônicas.

Os temas voltados à literatura teuto-brasileira foram objeto de análise para vários autores, entre eles Manfred Kuder<sup>85</sup>, que classifica a produção literária teuta da seguinte maneira: a lírica, o drama e narrativas para a juventude (*Jugenderzählung*), narrativas de colônia (*Koloniegeschichten*), de imigração (*Einwanderungs-erzählungen*), de memórias (*Erinnerungserzählungen*), de aventuras (*Abenteuerliche Erzählungen*), as narrativas históricas (*Historische Erzählungen*), crônicas (*Chroniks*), biografias (*Biographien*) e descrições de viagem (*Reisebeschreibungen*).

Tomamos emprestada esta classificação para situar a produção literária de José Deeke:

- 1) Narrativas de Colônia - *Um das Brasil Deuschtum*;
- 2) Narrativas de memórias - série *Erinerungen*, publicada no *Hausfreund*.<sup>86</sup>
- 3) Narrativas de aventuras - *Am Lagerfeuer*.<sup>87</sup>

<sup>85</sup> KUDER, Manfred. **Die Deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien**. p. 25-46. In: FREITAS, Ingrid A. Assmann de. **A Máscara cai: o imigrante alemão no contexto da obra ammoniana**. (Dissertação de mestrado em letras na UNESP - Assis, 1989) p. 25.

<sup>86</sup> Anexo, itens 28, 29 e 30.

<sup>87</sup> Anexo, itens 31, 34, 35, 36...

4) Narrativas Históricas - *Die Hanseatische Kolonie in Staat Santa Catarina*.<sup>88</sup>

5) Crônicas - *Alberto Korfeld*<sup>89</sup>.

6) Descrições de Viagem - *Reiseur:annehmlichkeiten*<sup>90</sup>.

Diante de tanta variedade na produção, optamos pela escolha de obras que enfocam o pensamento, o cotidiano, a cultura e maneira de agir dos teuto-brasileiros, caminhando para uma definição da identidade dos descendentes de imigrantes alemães.

Cabe esclarecer que a questão literária e estética das obras não será analisada, pois não é esse nosso objetivo, e além disso outros estudos já se dedicaram a trabalhar esta área.

Valburga Huber, em seu trabalho *Saudade e Esperança* afirma, com propriedade, que:

“... As tendências literárias da Alemanha mal se refletem no Brasil, embora os escritores alemães tenham vindo para cá nas épocas mais diversas. A maioria dos escritores vêm de uma camada que tem pouco a ver com as tendências literárias consagradas pela crítica, mas sim, muito mais com as tendências menores, que têm longo efeito temporal no povo e são por isso mesmo incontroláveis. Daí o fato de a literatura teuto-brasileira ser considerada de pouco valor estético”.<sup>91</sup>

Esta ausência de “valor estético” a que se refere Valburga Huber, está ligada a vários fatores, entre eles a carência de formação profissional por parte dos escritores, fornecendo-lhes uma suposta autonomia para criar o enredo de suas obras de ficção.

<sup>88</sup> Anexo, itens 10 e 11.

<sup>89</sup> Anexo, item 26.

<sup>90</sup> Anexo, item 40.

<sup>91</sup> HUBER, Valburga. Op. cit. p. 26.

No entanto, conforme nos mostra Roger Chartier, o escritor não cria seus trabalhos totalmente livre da dependência: “dependência em face das regras de mercado”, responsável pela definição de sua condição e dependência “diante das determinações não conhecidas que impregnam a obra e fazem com que ela seja concebível, comunicável, decifrável”.<sup>92</sup>

A produção literária de Deeke visava orientar e educar seus “consumidores” para a importância da cultura teuto-brasileira e sua utilização no dia a dia do leitor. Esta literatura, no entender de José Deeke, deveria ser o elemento desencadeador de resultados concretos, na medida em que provocasse mudanças de atitudes nos leitores, a partir daquilo que lessem.

No caso específico de José Deeke, sua meta principal era a orientação para possíveis situações que pudessem ocorrer na vivência cotidiana dos leitores, estreitando desta maneira a relação entre autor-leitor, pois como afirma Michel de Certeau:

“... O texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhes escapam... O texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça, o pretexto de uma lei que legitima, como “literal”, a interpretação de profissionais e de clérigos *socialmente* autorizados”.<sup>93</sup>

Voltemos então nosso olhar para a figura do leitor, que não era visto por Deeke apenas como mero espectador, mas sim como agente de transformação, pois cada leitor confronta-se com o texto a partir de um conjunto de concepções e regras próprias.

<sup>92</sup> CHARTIER, Roger. *A Ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade Brasília, 1994. p. 9.

<sup>93</sup> CERTEAU, op. cit. p. 261. (Grifo do autor)

Chartier, em seu trabalho *A Ordem dos Livros*, coloca a leitura enquanto um ato de rebeldia e explica:

“... Os artificios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas, são infinitos.

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores.”<sup>94</sup>

Ainda podemos destacar que, diferentemente das obras escritas, o processo de leitura não deixa marcas definidas e inscreve-se de maneira diversa nos indivíduos, dispersando-se em uma infinidade de atos singulares executados pelos leitores, que por sua vez conseguem se libertar dos entraves e regras que visavam submetê-lo.<sup>95</sup>

É exatamente pelo fato de que “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”<sup>96</sup> e que na leitura, a figura do leitor é fundamentalmente aquela para quem o autor escreve e com quem ele se preocupa, que optamos pela valorização histórico-sociológica desta literatura.

Segundo Valburga Huber, as características da criação literária teuto-brasileira revelam um atraso cronológico evidente, podendo ser considerada uma manifestação tardia do *Romantismo*, principalmente porque acentua a grandeza da natureza tropical, a primavera eterna, a variedade de flores<sup>97</sup>.

<sup>94</sup> CHARTIER, R. *A Ordem...* op. cit. p. 7-8.

<sup>95</sup> Idem. p. 11.

<sup>96</sup> Ibidem.

<sup>97</sup> HUBER, Valburga. Livro p. 117-118.

É importante ressaltar que o Romantismo está ligado a um corpo de idéias que circulavam na Europa do séc. XIX, influenciando os pensadores e poetas, incitando-os a uma extremada paixão pelo passado:

“... Voga imensa das narrativas populares e das lendas: em 1812, os Irmãos Grimm publicam as ‘Antigas poesias alemãs’; redescobrem-se as sagas escandinavas, o ‘romancero’ espanhol, os *Nibelungen*, as poesias dos trovadores...”<sup>98</sup>

Esta recriação do passado calcou-se na Idade Média da mesma forma que os humanistas calcaram-se na Antigüidade: no entanto, reencontraram um passado e consideraram-no definitivamente perdido.<sup>99</sup>

As idéias românticas foram desenvolvidas especialmente na Alemanha, onde autores do Romantismo alemão utilizavam em suas produções, valores que evocavam o legendário passado do Sacro Império Romano Germânico, trazendo à tona a valorização das paisagens, costumes e especialmente da língua alemã.<sup>100</sup>

Portanto, podemos afirmar que o Movimento Romântico alemão semeou os primeiros ideais para a formação de uma “Nação Alemã”, trabalhando questões folclóricas, voltadas para os cantos populares.

Todavia, no campo da historiografia, houve uma redescoberta dos documentos, que viriam reforçar um passado germânico, coroadado de glórias e heróis.

<sup>98</sup> CARBONELL, C. op. cit. p. 92.

<sup>99</sup> Idem. p. 94.

<sup>100</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo e Identidade étnica...* op. cit. p. 19.

Todas estas características contribuíram para a construção de uma idéia de nacionalidade, sustentada pela língua alemã que, pelo fato de ser original, conferia-lhes uma pretensa “superioridade” cultural e desencadeava concepções de unidade patriótica, as quais culminariam posteriormente, para a idealização de uma ideologia voltada à pureza racial.

Assim, a germanidade se construiu e modelou o pensamento dos alemães no final do séc. XIX e no séc. XX, impregnando a mentalidade cultural dos imigrantes que vieram para o Brasil e procuraram transmitir estes costumes aos seus descendentes. Eis aí a origem da preservação, dentre alguns teuto-brasileiros, de vestígios da abordagem romântica em seus trabalhos literários.

No Brasil, o Movimento Romântico também é pautado pela busca do caráter nacional em vários segmentos culturais e suas idéias centrais estão calcadas na valorização da natureza e do homem que com ela melhor se identifica - o Indígena.

Em geral, o Romantismo visava alcançar um grande público e neste sentido influenciou a literatura teuto-brasileira, que adquiriu características próprias, tendo como temática básica a própria experiência da **imigração**:

“Não se pode dizer que há alusão, influência ou ligação da literatura teuto-brasileira com os autores de língua alemã.... A Europa estava bastante longínqua, em termos literários e geográficos, dos escritores das colônias. Estes talvez fossem lidos, mas a literatura que produziam aqui parecia estar toda destinada ao público simples que a consumia, daí sua simplicidade e despreensão. É uma literatura que se ufana do novo, do futuro a construir, a partir da aventura da imigração. É romântica no tema central, nos temas menores e na linguagem. Tardia e essencialmente romântica...”<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> HUBER, Valburga. Op. Cit. p. 121.

Este *Romantismo* está presente no estilo de José Deeke, pois o mesmo escrevia com comprometimento e seu texto freqüentemente demonstrava sua personalidade, suas convicções, seus conflitos e desejos. Por isso, para não se expor tão abertamente, adotava nomes fictícios, seja para designar lugares ou pessoas. Neste caso, com um exercício de imaginação, percebemos que sempre é possível contextualizar a situação e canalizar sua produção para a busca da realidade, em função de ser sutil, portanto de difícil identificação, o limite entre a ficção e o real.

Em quase todos os seus contos ele parece personificar-se em um de seus personagens, geralmente aquele que defende a manutenção da cultura teuto-brasileira, o exercício do direito de voto para consolidar a cidadania brasileira e uma intensiva educação voltada para questões culturais relevantes, para que os descendentes de imigrantes alemães não se tornassem meros “fantoques” nas mãos de “inescrupulosos” políticos.<sup>102</sup>

Inicialmente, os textos de José Deeke pareciam tratar do assunto “cultura teuto-brasileira” de maneira tímida, mas com o passar do tempo e o conseqüente amadurecimento do autor, o mesmo assume posturas claras e definidas, bem como intencionalidade na defesa da conservação do caráter teuto-brasileiro, conforme veremos mais adiante.

---

<sup>102</sup> DEEKE, J. **Am Lagerfeuer**. *Ao Redor da Fogueira do Acampamento*. Blumenau, 1922. Tradução: Edith Sophia Eimer. p. 102.

## 2.4 – A Construção da sociedade pelo viés da Literatura:

### Contos de José Deeke

A análise dos contos de José Deeke pressupõe a eleição de determinados aspectos trabalhados pelo autor em seus textos literários. A nós interessa destacar elementos ligados à esfera social, educacional e, em alguns casos, amorosa, em virtude do caráter predominantemente romântico da sua abordagem.

De acordo com a perspectiva *romântica*, podemos afirmar que existe uma valorização da cultura popular<sup>103</sup> na literatura. Renato Ortiz, ao discutir a transformação dos românticos em “folcloristas”, menciona os Irmãos Grimm, pensadores alemães, e sua colaboração para a literatura, a partir da utilização e recriação de histórias coletadas diretamente da “boca dos camponeses”.<sup>104</sup>

Os Irmãos Grimm consideravam os contos como uma espécie de epopéia familiar, pois acreditavam que neles se “exprimem as crenças, as aspirações, os pensamentos da coletividade; a história de um povo...”.<sup>105</sup>

Conforme já mencionamos, os contos teuto-brasileiros identificam-se com o Movimento Romântico, e nesse sentido, a experiência e as práticas cotidianas são a matéria prima dos escritores.

---

<sup>103</sup> Cultura popular entendida não no sentido classista do termo, mas sim, como uma cultura “não oficial” e não erudita.

<sup>104</sup> ORTIZ, R. op. cit. p. 24.

<sup>105</sup> Idem.

Para Herder, “não existe um critério abstrato para analisar fenômenos literários e culturais. O crítico deve procurar interpretá-los com a ‘alma flexível’, compreender os sentimentos de um povo a partir de sua real vivência”.<sup>106</sup>

A partir destas considerações, afirmamos que a valorização da literatura teuto-brasileira encontra respaldo, notadamente, na esfera social, onde problematiza atitudes comportamentais espontâneas, as quais são encontradas com menos freqüência nos trabalhos históricos, que normalmente retratavam com ênfase a história política e dos grandes homens.

Deeke, no conto *Um das Brasil-Deutschum - Cultura Teuto-brasileira*, utiliza-se de uma conversa entre Peter Dräger (teuto-brasileiro) e Franz Siedler (alemão recém-imigrado), para demonstrar sua preocupação em relação à orientação aos filhos de imigrantes para as questões educacionais, como se pode verificar no seguinte diálogo:

“O fato de meus compatriotas mostrarem-se tão desinteressados me preocupa constantemente, pois eles não são bobos. A maioria sabe ler e escrever tão bem quanto eu, mas falta-lhes o estímulo certo para a continuação da sua instrução e assim nada mais aprendem, e o pior, acabam esquecendo aquilo que a escola lhes ensinou...

...Mas de qualquer maneira não desisto e meu pensamento encontrará um meio de libertar estes bravos filhos de colonos do seu desinteresse...”<sup>107</sup>

Para tentar solucionar esta situação, Peter propõe a criação de uma *Sociedade Recreativa e Educativa*, na qual os jovens, que não se interessavam nem pelos artigos de jornais locais, poderiam ouvir fábulas, discutir política brasileira e conscientizar-se de sua fun-

<sup>106</sup> FREITAS, I. A. op. cit. p. 51.

<sup>107</sup> DEEKE, José. *Um das Brasil-Deutschum - A Cultura Teuto-brasileira*. In: **Kalender für die Deutschen in Brasilien**. São Leopoldo, Rotermund & Co, 1932. *A Tradução*: Curt W. Hennings. p. 7.

ção como cidadão através do exercício do direito de voto. Seria uma espécie de associação voltada para os interesses comuns da sociedade teuto-brasileira.

Ainda pode-se destacar o aspecto educacional quando o autor faz uma diferenciação entre as Escolas das colônias e as Escolas da cidade, garantindo que na cidade os alunos tinham maior oportunidade para desenvolver a cultura e o gosto pela educação. Para exemplificar, citou o caso da personagem “Else”, moça culta e decidida que havia estudado num internato da cidade e por este motivo era evitada pelas colegas da colônia, que julgavam-na uma “princesa” e também pelos rapazes que, conforme cita o autor, assumiam uma atitude de raposa<sup>108</sup>, ou seja, já que não podiam alcançá-la, partiam para o desprezo.

Peter Dräger representa um personagem solitário, ligado ao amor de maneira tímida, moralmente impecável e respeitador, além de demonstrar um apego excessivo pela natureza brasileira.

Interessante destacar que Peter Dräger apaixonou-se por Else (moça culta) desde a data de seu aniversário, quando então lhe conheceu e a partir de suas colocações em defesa da cultura teuto-brasileira, achou que poderia contar com ela para seus objetivos culturais.

Porém, a moça interpretou erroneamente seu comportamento e interesse por ela, garantindo que se ele a pedisse em casamento, ela jamais aceitaria. Claro que o desenrolar da história mostra que ambos se apaixonam, mas ele é tímido e tem medo de receber uma negativa, e ela é firme e posiciona-se com cautela aguardando a manifestação de Peter, que somente acontece no final do romance:

---

<sup>108</sup> Aqui o autor se refere à fábula “A Raposa e as Uvas”, quando a raposa tenta alcançar as uvas e não consegue, passa a menosprezá-las.

“ \_ Meu coração está tão apaixonado pela Srta. que... Bem, a Srta. havia me proibido de pedi-la em casamento e não suportei mais o papel de amigo indiferente, disse Peter.

\_ Quando neguei ao Sr. o pedido de casamento, foi primeiramente uma brincadeira, no mais, não o conhecia, disse Else timidamente.

O rosto de Peter voltou a iluminar-se.

\_ Na época, a Srta. não me conhecia, mas hoje me conhece. Ainda me negaria a um pedido de casamento?, disse feliz.

Else baixou os olhos e não respondeu, mas de repente Peter sentia a quantas ela estava e puxou-a violentamente para seus braços”.<sup>109</sup>

O autor sempre trabalha questões pessoais, sendo que o casamento entre teuto-brasileiros e alemães novos<sup>110</sup> é um dos temas mais freqüentes. Geralmente o alemão-novo se apaixona por uma moça teuto-brasileira e decide simplesmente pedir aos pais sua permissão para o casamento. Neste caso, normalmente a moça repudia o pedido no início, enquanto isso seu pretendente deve passar pelo processo de aculturação, amoldando seu espírito e sentimentos aos costumes locais, conforme explica o texto a seguir:

“... Aqui se faz de outra maneira, quando se gosta de uma moça, simplesmente se aproxima dela, dança com ela, ‘anda com ela’... Não se deve fazer pedido de casamento sem ter previamente consultado a moça”.<sup>111</sup>

Este comentário acima foi feito pelo pai da moça e retrata um comportamento que evidencia uma certa liberdade concedida às filhas solteiras, que podiam freqüentar bailes e passear à noite sem a vigilância contínua das mães ou outros parentes mais velhos. Segundo

<sup>109</sup> DEEKE, José. *Um das Brasil-Deutschum...*, op. cit. p. 31.

<sup>110</sup> “Alemães-novos” era o nome designado aos imigrantes alemães recém-chegados e que ainda não haviam assimilado os costumes da sociedade brasileira local.

<sup>111</sup> DEEKE, José. *Um das Brasil-Deutschum...*, op. cit. p. 22.

Emílio Willems, as relações sexuais pré-nupciais eram constantes e a virgindade das moças não significava mais um requisito fundamental para o casamento.<sup>112</sup>

Neste romance, o alemão-novo (Siedler) segue o conselho do pai da moça (Clara) e começa a sair com ela para passear, dançar e enfim consegue conquistá-la para aceitar o pedido de noivado.

Ainda podemos destacar que na maioria de seus trabalhos, aparece outra categoria, o “*Deutschländer*” (alemão-novo), apontada por Deeke enquanto “causador de encrencas”. Para René Gertz, normalmente os alemães-novos nunca são olhados com benevolência pelos teuto-brasileiros:

“Ele é ridicularizado quando quer colocar a canga no rabo do boi em vez de colocá-la na nuca e, é hostilizado quando vem dizer que os descendentes de alemães não sabem falar direito e adotam costumes brasileiros, e quer impor sua liderança na comunidade como representante da germanidade não degradada...”<sup>113</sup>

Contrário ao que se pode pensar, os alemães-novos não eram vistos como elementos “reforçadores” à manutenção da cultura alemã, mas sim, como arrogantes e “destruidores” em potencial do elemento teuto-brasileiro habitante das colônias alemãs do sul do Brasil. Isto porque desdenhavam do *modus vivendi* teuto-brasileiro, especialmente no quesito “cultura”, alegando que “espiritualmente morre-se de fome”<sup>114</sup> no Brasil.

Deeke, em seu trabalho *Alberto Korfeld*, num diálogo entre dois irmãos recém chegados da Alemanha, aflora esta discussão:

<sup>112</sup> WILLEMS, E. op. cit. p. 320.

<sup>113</sup> GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1991. p.19.

<sup>114</sup> DEEKE, J. *Alberto Korfeld*. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. São Leopoldo, Rotermund & Co, 1929. Tradução: Curt W. Hennings. p. 2.

“... O que nos faltará aqui é o contato com pessoas do nosso nível social, pois poderemos suportar o contato com pessoas sem cultura por algum tempo, mas se for por um tempo muito longo, vamos nos repugnar...”

Os velhos colonos têm alguma cultura, principalmente porque vieram da Alemanha, mas já estão completamente ‘acolonados’, pois vivem a vida cultural de 20 ou 30 anos passados...”<sup>115</sup>

Deeke utiliza-se da fala desses alemães para ressaltar a questão cultural, demonstrando o sentimento de superioridade que povoava a mentalidade dos recém-chegados à Colônia.

No entanto, este quadro se reverte na história, quando o personagem central, - Alberto Korfeld - representante típico do elemento teuto-brasileiro, com suas atitudes ponderadas, demonstrará aos alemães-novos a necessidade de mudanças na sua mentalidade, aconselhando aos mesmos que assimilassem os costumes da sociedade local e esquecessem seu passado na Alemanha.

O autor retrata o alemão-novo como um elemento que se ufana da sua formação e origem alemãs e despreza o teuto-brasileiro. Critica sua ausência de senso prático e sobretudo sua pretensa inteligência superior, que os leva a agir na “suposição de que as classes laboriosas aqui estejam à espera do fornecedor de frases feitas da Europa” para garantir a continuidade dos “negócios alemães” no Brasil.<sup>116</sup>

Nos contos e romances de José Deeke, existe uma predominância quantitativa da categoria “alemão-novo”. Isto se deve aos fatores culturais, já mencionadas anteriormente, com destaque para o aspecto pedagógico, onde o autor, que também era diretor da Colônia

<sup>115</sup> Idem, p. 2.

<sup>116</sup> WILLEMS, E. op. cit. p. 126.

Hansa Hammonia, procurava orientar os recém-chegados da Alemanha no processo de adaptação à cultura, economia e sociedade teuto-brasileira.

Importante acrescentar que inicialmente, os alemães-novos aparecem dotados de arrogância e sentimento de superioridade, no entanto, com a convivência frente aos novos costumes, seu comportamento sofre transformações e converte-se para a prática local.

Nossa pretensão não é detalhar todos os aspectos sociais imbricados nos trabalhos literários de José Deeke, mas sim, através desta amostragem, ressaltar a importância da literatura para o resgate da História do Cotidiano das colônias alemãs de Santa Catarina.

Evidenciamos também que as manifestações literárias representam para o pesquisador uma fonte inesgotável, que favorece diferentes formas de abordagens, sobretudo para desmistificar comportamentos e revelar momentos do cotidiano da sociedade teuto-brasileira.

Assim, procuramos trazer à tona componentes das práticas sociais das colônias alemãs de Santa Catarina, representadas pelos “construtores da memória” em seus trabalhos, através de fragmentos do real e da sua própria concepção de mundo.

## Capítulo III

### IDENTIDADE CATARINENSE:

#### Teuto-brasileiros em busca da Cidadania

“A procura dos critérios ‘objetivos’ de identidade ‘regional’ ou ‘étnica’ não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objeto de *representações mentais*, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objetuais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores”.<sup>1</sup>

#### 3.1 – Os descaminhos da etnia: Germanidade X Açorianidade

A história da imigração europeia no Brasil vem sendo pesquisada sob formas variadas e diferentes propostas. No entanto, existe uma ligeira tendência por parte de alguns pesquisadores que trabalham a questão da colonização alemã em Blumenau, enfocar a prosperidade, capacidade e vontade para o trabalho, vocação inata para o campesinato e industrialização, destacando a contribuição alemã para o “progresso” do Brasil.

A imagem de Blumenau no cenário nacional é veiculada enquanto *Vale europeu*, propagandeada pela arquitetura enxaimel, comidas típicas alemãs e festas tradicionais de

---

<sup>1</sup> BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990. p. 112.

“chope”, que procuram atrair o turista para este pedaço de “Europa” no Brasil. Blumenau é apresentada como um “pequeno paraíso, uma pérola do capitalismo, dirigida por empresários conscientes e empreendedores, e habitada por operários trabalhadores e ordeiros. Todos, empresários e operários, são herdeiros do espírito laborioso e pioneiro de seus ancestrais alemães, que vieram trazer ‘civilização’ para um país jovem e *despovoado*”.<sup>2</sup>

Este discurso do “espírito empreendedor e laborioso” procura modelar uma imagem de harmonia e, num certo sentido, de homogeneidade para a sociedade blumenauense, excluindo-se desta forma as desavenças políticas, culturais e econômicas, como se as mesmas não estivessem inseridas no cotidiano da população local.

Em contrapartida a essa abordagem, intencionamos apontar os lugares que sustentam diferentes discursos, procurando analisar as controvérsias e conflitos entre etnias, notadamente entre os luso-brasileiros e teuto-brasileiros, as quais geraram polêmicas e criaram estereótipos em torno do direito à cidadania e nacionalidade brasileira.

A idéia do europeu enquanto elemento *civilizador*, arraigada no cenário mundial a partir dos grandes descobrimentos, nos remete a pensar um processo de *reformulação das condutas* e padrões de comportamentos para a elite, que buscava adotar aquilo que mais se adequasse às suas próprias necessidades sociais: maneiras e linguagens redefinidas que a distinguisse das camadas inferiores da sociedade.<sup>3</sup>

A intenção da elite deveria ser propagada pelos intelectuais, para que as condutas reformuladas atingissem o público e pudessem ser efetivadas nas relações quotidianas.

---

<sup>2</sup> WOLFF, C. *As Mulheres...* op. cit. p. 5.

<sup>3</sup> ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. P. 17.

Nesse sentido, as normas comportamentais deveriam acionar no indivíduo um sentido de autocontrole, para que as atividades mais “animalescas” fossem progressivamente eliminadas, despertando assim, sentimentos de vergonha naqueles que não seguissem os padrões de sociabilidades ditados pelo processo civilizatório.<sup>4</sup>

Já no século XVIII, a partir dos ideais da Revolução Francesa, surge a filosofia humanista de Rousseau, cujas premissas básicas eram: pensar a humanidade enquanto totalidade e pressupor a igualdade e liberdade, levando à conseqüente unidade do gênero humano.<sup>5</sup>

Porém, na Europa do final do século XVIII, mesmo ainda prevalecendo a visão humanista de “unidade do gênero humano como postulado”<sup>6</sup>, começam a despontar idéias de hierarquia racial e aos poucos, timidamente, delineia-se uma visão etnocêntrica, que ganhará força no final do século XIX e será amplamente discutida pelo viés do racismo.

Neste caminho, os “homens de letras”, responsáveis pela propagação das novas concepções sociais, aliaram-se aos naturalistas e viajantes, principais interessados em *desbravar* terras desconhecidas, com o intuito de procurar semelhanças na diversificada cultura *primitiva* dos povos americanos.<sup>7</sup>

Para Flora Süssekind, são os viajantes que nos ensinam a ver e organizam para os “olhos nativos a própria paisagem, definindo maneiras de descrevê-la”.<sup>8</sup> Nessa perspectiva, podemos afirmar que existe uma divergência de métodos entre os naturalistas e viajantes,

---

<sup>4</sup> ELIAS, N. op. cit. p. 193.

<sup>5</sup> SCHWARTZ, L. op. cit. p. 45.

<sup>6</sup> SCHWARTZ, L. op. cit. p. 46-47.

<sup>7</sup> *Primitiva* no sentido de começo do gênero humano. Ver: SCHWARTZ, L. op. cit. p. 44.

<sup>8</sup> SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 39.

pois “ao viajante cabe narrar, fixar tipos e quadros locais, ao naturalista caberia classificar, ordenar, organizar em mapas e coleções o que se encontra pelo caminho”.<sup>9</sup>

O sul do Brasil foi alvo de constantes análises, tanto de naturalistas, quanto de viajantes, sendo que estes últimos foram os responsáveis pela elaboração de narrativas de viagens, construindo descrições detalhadas dos hábitos, costumes e sociabilidades dos imigrantes.

Wilhelm Lacmann, viajou pelas áreas de colonização alemã no Brasil, durante um ano (1903-1904) e registrou suas impressões na obra *Ritte und Rasttage in Südbrasilien*<sup>10</sup>, enfatizando os elementos culturais e os costumes dos *aculturados* alemães e seus descendentes no Brasil. Lacmann, evidentemente, percebe estas regiões “com óculos de um europeu que já vivenciara todo um processo de industrialização, que calcava-se num discurso marcado pela cultura do trabalho, dentro da ótica capitalista”<sup>11</sup> e trazia em seu imaginário, um desejo “civilizador”, reforçado por um sentimento de repreensão àquilo que chamava de “falta de boas maneiras da raça luso-brasileira”.<sup>12</sup>

No entanto, as únicas virtudes dos luso-brasileiros apontadas por Lacmann estavam relacionadas à hospitalidade e à gentileza do homem simples do campo, que segundo ele, mesmo descalço, beija a mão da dona de casa com a mesma nobreza de um “cavalheiro europeu”<sup>13</sup>, como se a elite fosse a única classe capaz de agir educadamente.

---

<sup>9</sup> Idem. p. 45.

<sup>10</sup> LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no Sul do Brasil*. Berlin, 1906. In: *Revista “Blumenau em Cadernos”* - Tomo XXXVIII (Nr. 11/12). Blumenau, Fundação Cultural de Blumenau, nov./dez. 1997. p. 9-55. Tradução: Curt W. Hennings.

<sup>11</sup> SERPA, Élio Cantalício. *As Elites Locais e a Reformulação das Condutas e das Sociabilidades em Lages durante a primeira República*. Florianópolis, 1995. p. 15. (Relatório final do Projeto de Pesquisa)

<sup>12</sup> LACMANN, W. op. cit. p. 20.

<sup>13</sup> Idem. p. 19.

Em geral, os viajantes alemães não eram condescendentes ao registrar a conduta dos *brasileiros*, especialmente em relação à paciência, ociosidade, corrupção do funcionalismo público e à chamada “falta de cultura”, todas características levantadas por W. Lacmann:

“Para o brasileiro, paciência tornou-se uma questão vital e a antipatia contra a pressa, tornou-se característica da sua personalidade... O brasileiro não gosta de trabalho. A raiz da inatividade do povo brasileiro reside na sua despreziosa falta de ambição... Chamo a atenção à corrupção sem fim do funcionalismo público: arbitrariedades de toda espécie, abuso de poder, suborno... As características culturais são marcadas pela superficialidade. Sua oratória é considerável, mas não consegue definir claramente o assunto...”<sup>14</sup>

Essas observações de Lacmann demonstram seu apego àquilo que Norbert Elias chamou de “*processo civilizador*” e revelam um discurso influenciado pelas novas orientações intelectuais da Europa, a saber:

- 1) teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin;
- 2) análises biológicas e medições craniométricas para análise dos povos, praticada sobretudo pela Antropologia Física;
- 3) determinismo geográfico, onde o clima e o solo (*meio*) eram os fatores determinantes para o desenvolvimento cultural de uma nação;
- 4) determinismo de cunho racial - “darwinismo social”, teoria que negava o processo de miscigenação, condenando qualquer tipo de cruzamento. Seus adeptos viam a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social;

---

<sup>14</sup> Idem. p. 19-25.

5) *Eugenia* - via de mão dupla, que realizava dois papéis distintos: como ciência, pretendia intervir na reprodução humana, visando um controle hereditário e, como movimento social, preocupava-se em estimular casamentos entre grupos oriundos da mesma origem, com o intuito de construir uma raça “pura”.<sup>15</sup>

Dentro desta reflexão, vamos considerar um pouco das impressões de Lacmann em relação aos teuto-brasileiros. No aspecto físico, constatou uma “metamorfose na aparência dos colonos de Blumenau”<sup>16</sup>, responsabilizando as condições climáticas pelo elevado número de indivíduos altos e magros, revelando sua crença no determinismo geográfico. Contudo, acreditava que não se podia falar em “degeneração da raça, pois mantiveram-se as características do tipo germânico, com a presença de olhos azuis e cabelos louros acima da proporção em relação à Alemanha...”<sup>17</sup>

Nesse caso, devemos nos reportar novamente às transformações que delinearão uma nova visão para a raça e a nacionalidade no final do século XIX, cujo “profeta” mais radical foi o Conde de Gobineau, que previa a “impossibilidade de progresso para algumas sociedades compostas por sub-raças mestiças não civilizáveis”.<sup>18</sup>

Giralda Seyferth apresenta essas idéias como decorrentes do nacionalismo alemão, respaldadas pelo chamado *mito ariano*, caracterizado pela “supervalorização da capacidade de trabalho dos alemães e a idéia da superioridade do sangue alemão ou ariano, com a consequente noção de prejuízo dos casamentos interétnicos”.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 55-61.

<sup>16</sup> LACMANN, W. op. cit. p. 27.

<sup>17</sup> Idem p. 27.

<sup>18</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 64.

<sup>19</sup> SEYFERTH, G. op. cit. p. 38.

Retornando ao nosso viajante, Lacmann, percebemos que o mesmo reporta-se com orgulho àquilo que considera “capacidade e superioridade” do alemão para o trabalho, atribuindo à má alimentação, a ausência de força física do brasileiro, desencadeando neste último um sentimento de *despretensiosidade*. Diz ainda que: “Também não tem a força de vontade e perseverança do alemão. Ele necessita de pausas para descanso durante o trabalho, e depois de alguns dias ou semanas, recolhe-se para descansar por um bom tempo...”.<sup>20</sup>

Novamente entra em cena a imagem da positivação do imigrante alemão, visto como “homem laborioso”, disciplinado e que certamente traria riquezas para o Brasil, diferentemente dos latinos.<sup>21</sup>

Os colonos teutos eram vistos como “ideais” para dar continuidade ao processo imigrantista durante o Império, pois promoveriam o chamado *branqueamento* da população, em contraposição aos mestiços brasileiros, considerados *desqualificados* para o trabalho e, seguindo a lógica da teoria racial, classificados como *povos inferiores*.

Para Karl von Martius, naturalista alemão que em 1844 se encarregou de escrever uma *História do Brasil*, o desenvolvimento do país seria concretizado na medida em que ocorresse o aperfeiçoamento específico das três raças que compunham o Brasil:

“Ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação”.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> LACMANN, W. p. 29.

<sup>21</sup> FROTSCHER, M. op. cit. p. 130.

<sup>22</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 112.

José Deeke também compartilhava destas opiniões, e apresentava certas afirmações que conduzem-nos a caracterizá-lo num perfil de interpretação preconceituosa.

Para Deeke, os brancos deveriam servir de referência aos demais, atuando enquanto elementos *civilizadores*, em função de sua própria “superioridade”. No entanto, na sua concepção, nem todos estavam aptos a exercer este papel, pois deveria haver uma hierarquia, ou seja, lusos eram inferiores aos teutos, principalmente no quesito cultura e trabalho. Quanto aos índios, defendia o “aldeamento”, para que não mais constituíssem uma ameaça aos brancos e pudessem ser catequizados e civilizados.<sup>23</sup>

Em relação aos negros, Deeke exibia posições ambíguas:

“(…) Eu sinto um arrepio em minha pele quando leio esta notícia no Diário Oficial, o Juiz de Direito da 1ª. Vara Cível no Rio de Janeiro, acolheu uma denúncia em que 70 escravos velhos e 12 escravos nascidos livres de 4 até 10 anos, estão sendo postos a venda. Isso não seria nada fora do normal, caso não fosse um negócio feito com seres humanos e que ainda acontece debaixo da proteção das leis...”<sup>24</sup>

O autor não concordava que os escravos fossem tratados como mercadorias vendáveis, porém no âmbito intelectual, considerava que “todas as grandiosas descobertas dos tempos modernos ficavam por conta dos brancos”<sup>25</sup>, prevalecendo a concepção de que o mulato era incapaz, em função da sua condição de *raça inferior*.

É fundamental lembrar que as idéias do *darwinismo social* e de *eugenia*, veiculadas na Europa do final do século XIX, também chegaram ao cenário brasileiro, influenciando

<sup>23</sup> DEEKE, José. *Was Alte Zeitungen Erzaehlen*. (O que contam os velhos jornais) In: “*Der Urwaldsbote*” (Hausfreund) - 07/10/1922. Tradução: Werner H. Tönjes - p. 3.

<sup>24</sup> Idem p. 2.

<sup>25</sup> DEEKE, J. *Um das Brasil...* op. cit. p. 53.

do nossos *homens de letras*, porém sua interpretação do racismo científico era adaptada, pois acreditavam que a raça branca “superior” deveria prevalecer no processo de “amalgamento racial”.<sup>26</sup>

O ideário da elite intelectual brasileira era o de “*branqueamento progressivo*” da população, chegando inclusive a fazer prognósticos e previsões da quantidade de tempo que levaria para o negro desaparecer.<sup>27</sup>

Nesse sentido, os brasileiros buscavam “descolorir-se” para se aproximar do ideal branco e Gilberto Freire<sup>28</sup>, ao levantar questões sociais à tese do embranquecimento, alega que os homens brancos geraram muitos mestiços e que o “sistema social tradicionalista contribuiu para impedir que os homens de pele escura fossem progenitores tão ativos quanto os brancos”<sup>29</sup>, que por sua vez receberam privilégios num sistema de “exploração sexual”, para transformar a realidade social brasileira mestiça, numa sociedade cada vez mais branca.

Em contrapartida, no Vale do Itajaí, prevalecia uma ideologia étnica voltada para a teoria pangermanista, que defendia a superioridade da raça germânica; a união de todos os alemães do mundo, unidos através de uma associação - *Alldeutsche Verband*<sup>30</sup> e o expansionismo imperialista, voltado para a idéia de transformar Colônias alemãs no Brasil em verdadeiros “quistos étnicos”, investindo veementemente contra o processo de assimilação dos teuto-brasileiros na região do sul do Brasil.

---

<sup>26</sup> SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994. p. 105.

<sup>27</sup> SEYFERTH, G. op. cit. p. 66.

<sup>28</sup> Gilberto Freire escreveu a obra “*Casa Grande & Senzala*”, formulando uma teoria que caracterizava o Brasil como berço da “democracia racial”, no entanto enfatizava a herança do branco, em detrimento ao legado do índio e do negro.

<sup>29</sup> SKIDMORE, T. op. cit. p. 105.

<sup>30</sup> SEYFERTH, G. *Identidade étnica*, ... op. cit. 103-122.

Diante do quadro exposto acima, frisamos que a generalização é passível de erros, por isso afirmamos que nem toda a população teuta de Santa Catarina aderiu aos preceitos da Liga Pangermânica. No entanto, a maioria da elite intelectual de Blumenau procurava “doutrinar” seus leitores, com o intuito de inculcar-lhes os ideais pangermanistas. Especialmente o jornal *Der Urwaldsbote*, cuja característica principal, a partir de 1898, era a adesão ao “germanismo”.

Todo este processo desencadeou um movimento intelectual brasileiro contra o chamado “perigo alemão”, iniciado durante os primeiros anos da República e acentuado no decorrer da 1ª. Guerra Mundial.<sup>31</sup>

Silvio Romero, estudioso da sociedade brasileira, abordava a busca da “particularidade nacional”, que segundo o autor deveria se revelar através de “fatores internos”, como o meio e a raça. Portanto, colocava-se contrário às “forças estranhas”, ou seja, na sua concepção, as influências estrangeiras e o uso da cultura européia deveriam ser alijadas da nação brasileira, para que não *contaminassem* a construção da realidade social do Brasil.<sup>32</sup>

Nesse caminho, criticou severamente a política imigrantista do Império e na sua obra *O allemanismo no sul do Brasil. Seus perigos e meios de os conjurar*, propõe uma restrição à colonização alemã, alegando ameaça à integridade nacional, sugerindo uma assimilação forçada para as colônias no sul do Brasil, a fim de possibilitar a formação de uma “nação brasileira homogênea”.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Em 1910, no Governo estadual de Vidal Ramos, Blumenau passou pelo primeiro processo de “nacionalização”, cuja área de atuação mais intensa foi a educacional, através da fundação dos “Grupos Escolares”, com a preferência para o ensino da língua portuguesa. Acrescente-se a isso, que os jornais alemães passaram a ser editados na língua portuguesa e alemã, tornando-se bilíngüe até 1914.

<sup>32</sup> ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo, Brasiliense, 1994. p. 17.

<sup>33</sup> SEYFERTH, G. **Identidade étnica...** op. cit. p. 110.

No bojo de todas estas discussões, encontravam-se presentes diferentes concepções de nacionalidade. A base deste antagonismo residia no fato de que para os teuto-brasileiros, a nacionalidade se adquire pelo direito de sangue (*jus sanguinis*), portanto é herdada e, para os luso-brasileiros, o fator determinante é o *jus solis*, ou seja, quem nasce no Brasil é brasileiro<sup>34</sup>.

A caracterização do elemento teuto-brasileiro estava intimamente ligada ao *Deutschtum*, ou seja, à preservação dos costumes alemães em território brasileiro. Havia uma preocupação especial com a manutenção da língua alemã, e uma insistência dos “germanistas” de que “a língua alemã deve dominar soberana no lar, primar na escola e participar da vida pública”.<sup>35</sup> Nesse sentido, a língua tornou-se uma grande barreira para o processo de assimilação e aculturação dos alemães, enfim, o principal elemento diferenciador étnico das comunidades do Vale do Itajaí, como também “coração” dos conflitos entre luso e teuto-brasileiros.

A imprensa jornalística foi o palco do acirramento entre os “nativistas” e “germanistas”, e o cerne do combate girava em torno da insistência dos teuto-brasileiros na manutenção do *Deutschtum*, sempre usando sua pretensa “superioridade” para o trabalho como justificativa. Em contraponto, os luso-brasileiros exigiam uma aculturação e o posicionamento dos descendentes de alemães, de maneira que permitisse sua inclusão na categoria “brasileiro”. Era uma disputa acirrada, cujo prêmio seria o exercício pleno da cidadania brasileira.

---

<sup>34</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo...* op. cit. p. 55.

<sup>35</sup> Da série de artigos intitulada “Das Deutschtum in Südbrasilien”, publicada no *Der Urwaldsbote*, ano 9, ns. 28-31, jan./fev. 1902. Apud: SEYFERT, G. *Nacionalismo...* op. cit. p. 62.

Pierre Bourdieu, ao se referir à força mobilizadora excepcional que impulsiona a questão da Identidade, nos revela:

“Os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o ser social, tudo o que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como ‘nós’ por oposição a ‘eles’, aos ‘outros’ e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal...”<sup>36</sup>

A luta pela conquista e definição da identidade fez com que os teutos se mobilizassem, predispondo-se a vencer os conflitos étnicos, com o intuito de livrar-se do rótulo de “estrangeiros”, evidenciando posturas ambíguas ao requererem para si o direito de “ser brasileiro e permanecer alemão”.<sup>37</sup>

José Deeke considerava-se teuto-brasileiro e como tal, escreveu alguns artigos que tratavam de *Assuntos Teuto-brasileiros*, normalmente utilizando-se de aspectos cotidianos e políticos para expressar ao leitor sua opinião a respeito destas questões:

“Nós, teuto-brasileiros, sabemos exatamente o significado desta expressão. Nós sabemos que não podemos ser metade alemães e a outra metade brasileiros. Nós, nascidos aqui, somos simplesmente brasileiros e não há dúvidas a este respeito. Devemos esperar tudo de nossa pátria, o Brasil, - pois a Alemanha, terra dos nossos pais, nada mais pode nos dar...

Mas isto não se refere exclusivamente à cidadania. Encarando num sentido lato, o aspecto é outro - pois nós, teuto-brasileiros, podemos muitas vezes ser úteis ao *Deutschtum* como os alemães natos, os austríacos, os suíços de língua alemã e outros mais”.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> BORDIEU, P. op. cit. p. 124.

<sup>37</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo...* op. cit. p. 73.

<sup>38</sup> DEEKE, José. *Deutschbrasilianisch*. (Assuntos Teuto-brasileiros) Curitiba, “Die Neue Heimat”, 31/8/1923. p. 346-350. Tradução: Curt W. Hennings.

Aqui, ele próprio incentiva os teuto-brasileiros a, no que se refere à cidadania, serem brasileiros. No entanto, em se tratando de aspectos culturais, a preservação dos costumes e da língua alemã, deveriam ser pontos de continuidade e pertencimento à comunidade étnica, encarando a nação como uma grande família. Estas idéias revelam uma ambigüidade em relação à identidade que o teuto-brasileiro deveria assumir: alemã ou brasileira?

Eis uma dúvida que permanece ainda hoje no imaginário dos descendentes de alemães, conforme nos mostra o antropólogo Sálvio Müller, a partir de seus estudos sobre a “brasilidade”:

“Afiml, somos, ou não somos brasileiros? Se somos, a que título, sob que razões? Na brasilidade, qual o lugar da “diferença”? ou somos todos iguais? O assunto é polêmico; provoca muitas discussões e toca num ponto delicado dentro de nós e nos causa incômodo. Sentimos necessidade de nos orgulhar de nossas origens, ao mesmo tempo que, em certas ocasiões, gostaríamos de esquecê-la por nos evocar experiências desagradáveis. Temos a impressão que ser brasileiro implica em ser menor, em não ter atingido a maioria entre tantos outros que parecem tê-la conseguido”.<sup>39</sup>

O autor das palavras acima nos remete a pensar os fenômenos culturais do Vale do Itajaí enquanto abrangentes, construídos e solidificados por meio de significados e símbolos que se imprimiram na mentalidade dos teuto-brasileiros, por sua vez ansiosos para dar sentido à sua vivência comunitária.

Dentre estes símbolos, destacamos a *Escola Alemã*, enquanto instituição fundamental para a preservação do *Deutschum*, pois diante do “perigo” iminente de um possível desenvolvimento do processo de assimilação à cultura brasileira, por parte da população teuta,

<sup>39</sup> MÜLLER, Sálvio A. *Cultura e Identidade dos descendentes de alemães: uma identidade-problema?* In: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX, n. 8, ago./1998, p. 24.

era preciso “desenvolver mecanismos tendentes a corroborar para a manutenção de sua identidade, evitando ou ao menos retardando a assimilação”.<sup>40</sup>

Dentro da escola, o instrumento de manutenção da cultura germânica era o livro didático, cujo conteúdo procurava despertar na criança a consciência para uma comunidade nacional alemã e ao mesmo tempo para uma cidadania brasileira.

Segundo Maria Luiza Renaux, “a cartilha escolar adotada nas colônias alemãs ainda no começo do século XX ilustra o biculturalismo dessas comunidades e o recorte entre a casa e a rua, a vida privada e a vida pública dos teuto-brasileiros”.<sup>41</sup>

Em relação ao conteúdo da cartilha, podemos afirmar que havia uma dedicação especial ao ensino da gramática - alemã e portuguesa -, contemplando áreas como a ciência e também a História do Brasil.

Importante referir também os saltos quantitativos na economia das cidades de colonização alemã em Santa Catarina, especificamente na região do Vale do Itajaí, em contraposição à região litorânea, que por sua vez vinha sentindo os impasses do desenvolvimento.<sup>42</sup>

Hermetes R. de Araújo, ao estudar os reajustamentos sociais e a reformulação das condutas em Florianópolis no início da Primeira República, nos revela as práticas remodeladoras da cidade, pautadas na preocupação com a higiene e sanitarismo. Foi neste período que surgiu também a figura do “homem do litoral”, elemento construído e inventado, em oposição às elites locais de Florianópolis e caracterizado por esta mesma elite enquanto,

---

<sup>40</sup> KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro - Florianópolis*. Florianópolis, Papa-livro, 1994. p. 102.

<sup>41</sup> RENAUX, Maria Luiza. *As Falsas Europas: Colônias Alemãs no sul do Império - Maneira de Educar*. In: *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. p. 332.

<sup>42</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina*. São Paulo, PUC, 1991. (Tese de Doutorado) p. 151.

“... tipo específico que seria portador de características essencialmente negativas, como a incapacidade, a indolência, a decadência, o atraso, etc., o que contribuiu fortemente para criar um campo de verdades e justificar os desejos de intervenção tutelar das elites, manifestados no período.”<sup>43</sup>

Diante deste quadro, podemos afirmar que a “elite do litoral”, procurava uma justificativa para o suposto atraso econômico do litoral frente aos paradigmas do progresso e da modernidade, ambos surgidos no âmbito da Primeira República no cenário nacional.

Contudo, atribuía esta “estagnação” litorânea à índole “fatalista e simples” de seus habitantes, em especial à classe menos favorecida, que era caracterizada como: “arraigada às crenças e superstições, conformada e até satisfeita”.<sup>44</sup>

Em oposição aos habitantes do “Litoral”, os habitantes do “Vale” reafirmavam sua capacidade para o trabalho, respaldados no contínuo desenvolvimento econômico da região imigrantista. E é exatamente pelo viés da prosperidade econômica catarinense e brasileira, que os teuto-brasileiros requerem para si o direito de “permanecer alemães”.

O artigo do Jornal *Der Urwaldsbote*, escrito por Eugeu Fouquet, resume este pensamento:

“... onde o alemão é ativo, ganha para si uma posição visível. O luso-brasileiro, porém, deixa correr a água de Deus sobre o solo de Deus, economicamente fica para trás, enquanto o alemão caminha para frente... Essa supremacia econômica, e aquela que é dada primorosamente pela Escola Alemã, isto é, a supremacia do espírito, ocasiona o procedimento do luso-brasileiro, que pretende mostrar a deslealdade do imigrante alemão contra a nova pátria...”<sup>45</sup>

<sup>43</sup> ARAÚJO, Hermetes R. **A Invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo, PUC, 1989. (Dissertação de Mestrado) p. 14.

<sup>44</sup> FLORES, M. B. R. **Teatros da vida...** op. cit. p. 154.

<sup>45</sup> Artigo publicado no *Der Urwaldsbote*, ano 9, ns. 28-31, jan./fev. 1902. Apud: SEYFERT, G. **Nacionalismo...** op. cit. p. 57.

O orgulho teuto-brasileiro não girava apenas em torno da questão do “trabalho”, o aspecto “cultura”, principalmente após a fase inicial da Colônia Blumenau, já no final do século XIX, muitas vezes era até mais valorizado, especialmente enquanto característica étnica.

Deeke, ao assumir para si um compromisso com o público, também se manifestou a este respeito:

“Os verdadeiros lusos, classe de pouca cultura, via de regra só sabe escrever o nome, quando não, são analfabetos completos. Os teuto-brasileiros lêem suas publicações em alemão e conseqüentemente estão sempre bem informados sobre os assuntos em voga...”<sup>46</sup>

O comentário refere-se asperamente contra a “falta de cultura” do elemento luso-brasileiro, em contraposição aos descendentes de alemães que praticam o hábito da leitura através de suas publicações, demonstrando uma clara intenção em menosprezar o “outro” em detrimento de seu próprio grupo.

É importante mencionar que os agentes da construção intelectual, neste caso o escritor José Deeke, procuram investir todas as suas forças, simbólicas ou não, na elaboração estratégica de uma identidade social, conforme nos mostra Pierre Bordieu:

“... Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida quotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da **assimilação** a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estraté-

<sup>46</sup> DEEKE, J. *Deutschbrasilianich*. (Assuntos Teuto-Brasileiros - I). In: *Der Urwaldsbote* - Hausfreund, n. 46, 18/11/1922. Tradução: Curt W. Hennings.

A.H.J.F.S. - Coleção Famílias - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51.

gias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima”.<sup>47</sup>

Apoiados nesta idéia, apontamos a assimilação como foco dos conflitos culturais interétnicos, pois do lado teuto, havia a resistência à assimilação e do lado luso, a “contra-resistência”.

No bojo do processo de aculturação, ainda podemos mencionar o discurso luso-brasileiro que classificava o colono teuto como cidadão de segunda classe, impedindo-o de participar da vida política brasileira e gozar do direito à cidadania, conforme veremos adiante.

A identidade cultural dos teuto-brasileiros se construiu nos descaminhos da etnia, pois as idéias germanistas foram tecidas e moldadas à medida que o indivíduo pertencente à comunidade étnica “alemã” entrou em contato com outras etnias e assimilou novos costumes. Este processo de assimilação aconteceu no âmbito do conflito entre luso-brasileiros e teuto-brasileiros, sendo que estes últimos, à medida que a “miscigenação” cultural se estabelecia, criavam e recriavam os costumes e tradições de seus antepassados, esculpindo uma identidade própria.

---

<sup>47</sup> BORDIEU, P. op. cit. p. 124. (*Grifo do autor*)

### 3.2 – Combates pela Cultura: Identidade e Cidadania na comunidade Teuto-Brasileira

A temática da cidadania encontra-se presente nas obras de José Deeke, à medida que o autor busca para si a responsabilidade de orientação cultural para os “consumidores” de sua produção literária, portanto é decorrente das relações conflituosas entre teuto-brasileiros, luso-brasileiros e alemães-novos.

Partimos do pressuposto de que Deeke escrevia carregando consigo a noção de que suas palavras impressas nos textos, ao entrarem em contato com seu público leitor, não desencadeariam um “processo mecânico de decifração, mas uma elaboração ativa do intelecto”<sup>48</sup>, permitindo aos leitores desenvolver uma espécie de “exercício espiritual”, treinando o indivíduo não para a “literatura, mas para a vida”.<sup>49</sup>

Para o escritor José Deeke, sua meta seria atingida, caso provocasse mudanças comportamentais em seus leitores, a partir dos questionamentos e comentários propostos em sua obra, os quais normalmente estavam identificados com o cotidiano vivenciado pela comunidade teuto-brasileira.

Dentro desta perspectiva, trabalhava questões culturais, educacionais, compondo tramas voltadas para a instrução ao exercício da cidadania e construção da identidade teuto-brasileira.

---

<sup>48</sup> DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 289.

<sup>49</sup> Idem. p. 291.

No entanto, cabe ressaltar que nossa abordagem sobre a identidade e cidadania não estará centralizada na figura de José Deeke, apenas utilizaremos sua produção intelectual para trabalhar um tema que compunha o imaginário coletivo das populações alemãs em Santa Catarina.

É relevante destacar que falar de identidade e cidadania implica entender que ambas não se constroem num sentido único, mas sim, formam-se num espaço de sentido múltiplo, pois evocam dimensões de uma cultura plural e conflitante, portanto, vinculadas ao coletivo e à diversidade cultural.

A questão da cidadania e seu espaço de trabalho gira em torno da disputa pela “*memória social*”, cujo objetivo é desmontar os “mecanismos de institucionalização do significado que a sociedade constrói a respeito de si mesma, de seus cidadãos, de suas diferenças, de suas identidades e de suas desigualdades”.<sup>50</sup>

Num sentido semelhante, a **Identidade** também evoca pluralidades, portanto deve ser encarada enquanto diferença, conforme nos revela Renato Ortiz, em seu livro *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*:

“Toda identidade é uma construção simbólica, ou seja, não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”.<sup>51</sup>

Da mesma maneira foi organizada a identidade teuto-catarinense, com elementos da cultura germânica e brasileira, unindo diversidades culturais e concepções sociais, no afã de encontrar similitudes.

---

<sup>50</sup> PAOLI, Maria Célia. *Memória, História e Cidadania: o direito ao passado*. In: **O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo, DPH, 1992. p. 25-28.

<sup>51</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira...* op. cit. p. 8.

Portanto, acreditamos que não existe uma identidade teuto-brasileira “original” e unitária, mas sim pontos de referências, sinais e indícios que nos permitem destacar as semelhanças de um universo cultural múltiplo.

A partir destas colocações, poderíamos dizer que ser teuto-brasileiro representava falar o alemão como língua materna, mas aprender português para efeitos comerciais; ter sangue alemão, mas ser leal politicamente ao Brasil e não à Alemanha.<sup>52</sup>

No entanto, a elite política catarinense considerava os colonos alemães cidadãos de 2ª. classe e desqualificados para o exercício da cidadania brasileira, sob o argumento de serem “estrangeiros não assimilados”<sup>53</sup>, principalmente em função do idioma, conforme nos mostra Deeke:

“É necessário que nos empenhemos na divulgação do idioma nacional, juntamente com o fomento do idioma alemão e sua cultura. Pois o Brasil não pode ser contrário ao fato de que queiramos conservar a nossa língua-mãe, mas no mínimo pode também exigir que nós entendamos bem a língua nacional. No entanto, isto também é do nosso interesse, pois no Brasil, sem o idioma português, com certeza seremos sempre considerados cidadãos de segunda classe”.<sup>54</sup>

Com isso afirmamos que o autor tinha consciência de seu papel de “construtor de mentalidades” perante a comunidade, conforme demonstra no texto a seguir:

“...É necessário que nós [teuto-brasileiros] nos levantemos e agarrremos o pequeno dedo mindinho com as duas mãos, procurando mais dedos e talvez a mão toda. Afinal, o que queremos? Nós aqui nascidos e naturalizados, somos brasileiros! Quando continuamos retraídos e frustrados, nada conseguimos! Devemos tentar conseguir o único direito que temos a par dos muitos deveres, o direito de voto...”.<sup>55</sup>

<sup>52</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo...* op. cit. p. 77.

<sup>53</sup> SEYFERTH, G. *Identidade Étnica...* op. cit. p. 113.

<sup>54</sup> DEEKE, J. *A Conservação do caráter alemão no Brasil*. In: *Der Urwaldsbote*, n. 23, Blumenau, 17 Setembro de 1929. Tradução: Edith Sophia Eimer. p. 4.

<sup>55</sup> DEEKE, José. *Aus der Revolution von 1893*. (Sobre a Revolução de 1893) In: *Hausfreund*, Blumenau 26/02/1921. p. 10-15. Tradução: Curt W. Hennings.

O texto explicita a intenção do autor em defesa dos teuto-brasileiros, conclamando-os para a ação através do exercício da cidadania pelo voto, pois defendia que a representatividade política era um meio para atingir um fim, ou seja, era necessário um político teuto-brasileiro para defender seus direitos. Seu discurso lembra um pai aconselhando seu filho diante de uma adversidade da vida, pois o tom é de repreensão, mas ao mesmo tempo soa como um aviso amigável e revela toda sua preocupação com o futuro da cultura alemã no Brasil.

Neste caminho, a maioria dos escritores comprometidos com a cultura teuto-brasileira e em especial a imprensa, procuravam incentivar seus leitores à prática da cidadania, convocando os alemães a adquirir nacionalidade brasileira e aos teuto-brasileiros a exercer o direito de voto.

“Após a [1ª.] Guerra, o bloqueio contra os elementos de língua alemã caiu no esquecimento e atualmente o registro de eleitores entre os teutos é incentivado pelas próprias autoridades. Mas os colonos ainda mantêm uma posição de rejeição em relação à aquisição do título de eleitor. No entanto, seria muito desejável que todos os teuto-brasileiros se deixassem registrar nas listas de eleitores, tendo em vista que os elementos de origem italiana estão integralmente registrados...”<sup>56</sup>

Segundo Giralda Seyferth, esta mobilização política dos teutos foi mais intensa a partir da República, decorrentes de alguns fatores, a saber:

- 1) Emergência de uma classe dominante nas áreas de colonização, onde comerciantes e empresários buscam vantagens econômicas através da política;
- 2) Aumento da facilidade do processo de naturalização;

<sup>56</sup> DEEKE, J. *Deutschbrasilianisch II*. (Assuntos Teuto-brasileiros II). In: *Der Urwaldsbote, Hausfreund*, n. 47, Blumenau, Dezembro, 1922. p. 5. Tradução: Curt W. Hennings.

3) Contato mais sistemático com a população brasileira e uma quebra progressiva do isolamento das comunidades teuto-brasileiras.<sup>57</sup>

A diferenciação social, fruto do fomento econômico da região do Vale do Itajaí, fez com que a elite teuta buscasse implantar representantes de origem germânica na política catarinense e até nacional, pois era uma via de mão dupla para esta elite, que assim poderia resolver duas questões: a sobrevivência da comunidade teuto-brasileira e a garantia de privilégios econômicos e sociais, bem como melhorias para as áreas de colonização alemã.

Acrescente-se a isso que, Blumenau, no período de 1900 a 1920, era considerado um grande município, em função da área territorial que abrangia (aproximadamente 10.610 km<sup>2</sup>), incluindo a maioria das cidades que hoje constituem o Vale do Itajaí, sendo as principais: Gaspar, Timbó, Indaial, Rio do Sul, Rodeio, Ascurra e Ibirama.

Nesse sentido, seu contingente eleitoral era uma “arma em potencial”, portanto, os intelectuais teutos organizaram uma campanha, visando arregimentar eleitores para efetivar a participação da população nas eleições, garantindo a cidadania brasileira aos descendentes de alemães, através do “voto étnico”.

Deeke menciona que em 1905 procedeu-se a elaboração de uma nova lista de eleitores, onde foram distribuídos modelos de “requerimentos em grande quantidade e propagandistas voluntários [teuto-brasileiros] procuravam instruir os candidatos a eleitor”.<sup>58</sup>

No âmago deste processo, havia as exigências a respeito do domínio da língua portuguesa para exercício do direito de voto. Naturalmente, em função de sua descendência germânica, Deeke aponta para o fato de que a oposição, por encontrar-se na condição de mi-

---

<sup>57</sup> SEYFERTH, G. *Identidade étnica...* op. cit. p. 114.

<sup>58</sup> DEEKE, J. *Deutschbrasilianisch II...* op. cit. p. 4.

norria e sob orientação de um luso-brasileiro, Dr. José Bonifácio da Cunha, procurou promover a desativação do direito já anteriormente adquirido pelos eleitores teutos.

Portanto, a luta pela representatividade política estava imbricada nos conflitos étnicos e as desavenças políticas, repletas de acusações:

“De um modo geral, do lado luso-brasileiro, a opinião sempre está vinculada à política. O político que tem um eleitorado teuto-brasileiro, via de regra, concede a estes todos os direitos civis, enquanto que se os teuto-brasileiros são seus adversários, afirma: ‘Esta gente não deveria exercer o direito do voto, muito menos ser elegível a qualquer cargo, pois eles não dominam a língua vernácula de maneira suficiente. Não entendem o que lhes é lido, não sabem o que assinam’”.<sup>59</sup>

Normalmente o luso-brasileiro era acusado pelos teutos de realizar promessas de benfeitorias na época da eleição, mas não cumprir com sua obrigação durante seu mandato, daí seu interesse em eleger representantes que fossem úteis ao *Deutschtum*.

Em seu conto *A Caminho da Política: experiências de um adepto da política*, Deeke também denuncia fraudes eleitorais e “tratamentos gentis” por parte de alguns políticos eleitos para atrair mais adeptos ao seu partido:

“O Sr. Governador era uma pessoa inteligente e atraía seus adversários para seu partido com um tratamento gentil de concessões de terras e outros ‘benefícios’...”

Mas também houve revezes, pois velhos combatentes partidários sentiram-se preteridos pelo tratamento dispensado aos ex-adversários e retiraram-se do Partido. No entanto, inicialmente não formaram uma oposição, mas praticavam abstinência, isto é, não colaboravam e ficavam alheios às eleições. Mas, isto pouco incomodava aos donos do poder, pois os poucos votos perdidos não pesavam e nos distritos coloniais eram compensados com mortos e ausentes...”.<sup>60</sup>

<sup>59</sup> DEEKE, J. *Deutschbrasilianisch I*. op. cit. p. 1.

<sup>60</sup> DEEKE, J. *Auf dem wege der Politik - was ein “politischer Anhaenger” erlebte*. (*A Caminho da Política: vivências de um adepto da política*) In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, São Leopoldo, Rotemund & Co., 1923. P. 231-261. Tradução: Curt W. Hennings. p. 2.

É importante ressaltar que o “Sr. Governador”, a quem Deeke se refere na citação acima, não se encontra devidamente nomeado em seu texto. No entanto, indícios levam-nos a apontar para a figura de Hercílio Pedro da Luz, que exerceu em Blumenau o cargo de “Chefe da Inspetoria de Terras e Colonização”, órgão responsável pelo assentamento, o qual exigia contato constante e direto com os colonos, fato que contribuiu para o desenvolvimento de uma influente liderança na comunidade. Em 1893, durante a Revolução Federalista, liderou marcha para Desterro em prol da “Legalidade” e em 1894, tornou-se Governador do Estado.

Em Blumenau era tido como “simpatizante dos valores étnicos e defensor da população de origem alemã”<sup>61</sup>, recebendo apoio do jornal *Der Urwaldsbote*, que até a 1ª. Guerra Mundial identificava-se com os preceitos pangermanistas.

O envolvimento de alguns intelectuais teuto-brasileiros com questões políticas, incluindo José Deeke, ocorria com o intuito de despertar em seus “compatriotas” uma consciência em torno da cidadania brasileira. Para tanto, escreviam sobre a importância em eleger candidatos identificados com os costumes alemães no Brasil, compondo uma conjuntura que nos remete a pensar a preservação das tradições teuto-brasileiras dentro das “Sociedades” culturais, esportivas e recreativas, cuja função era transmitir a cultura alemã para os seus descendentes.

Toda a vida social e cultural das áreas de colonização alemã passava pelas associações, principalmente as Sociedades de Canto (*Gesangverein*), de Ginástica (*Turnverein*), de Agricultura (*Culturverein*), e especialmente as Sociedades de Tiro (*Schützenverein*).

---

<sup>61</sup> SEYFERTH, G. *Identidade Étnica...* op. cit. p. 116.

Estas Sociedades de Atiradores tornaram-se o centro catalisador da vida social, recreativa e cultural, porque nela agrupava-se grande número de pessoas para encontros sociais e festas. Além disso, o assunto tratado no ambiente da Sociedade não se referia apenas às competições de tiro, mas sobretudo tratava dos problemas comunitários, favorecendo intercâmbio de idéias e experiências que muitas vezes resultavam em ações para o aprimoramento da sociedade local.<sup>62</sup>

A importância de todas estas sociedades encontrava-se na sua função aglutinadora, ou seja, nas épocas de festas grande parte da população rural, que normalmente vivia isolada, reunia-se junto à população urbana em torno das atividades de lazer, discussões políticas e afazeres culturais, contribuindo para a construção de um sentimento de pertencimento à comunidade étnica.

Deeke preocupava-se com o desinteresse dos jovens pelos aspectos culturais e políticos, alegando que existia um desconhecimento generalizado sobre os acontecimentos do município e do Estado. Referia-se também ao fato de que na época das eleições, oportunidade para todo “cidadão honrado expressar sua opinião”, a maioria dos jovens não comparecia, apontando o comodismo e a displicência como possíveis causas para o descumprimento do exercício eleitoral. No entanto, sua inquietação maior referia-se à perda do *Brasil-Deutschtum*.<sup>63</sup>

Na maioria dos textos que enfocam questões de cidadania, identidade e preservação do *Deutschtum*, Deeke propõe a congregação dos teuto-brasileiros numa Sociedade Recrea-

---

<sup>62</sup> PETRY, Sueli Maria Vanzuita. *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau*. Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982. p. 47.

<sup>63</sup> DEEKE, J. *Um das Brasil...* op. cit. p. 16. *Brasil-Deutschtum*: cultura alemã no Brasil, conforme termo utilizado por José Deeke.

tiva e Educativa, para fomentar a prática da leitura e induzir os jovens a tomar conhecimento e discutir os rumos da situação política municipal e estadual.

O elemento que perpetuaria o trabalho desta Sociedade Educativa seria a publicação de um jornal bilingüe (alemão e português), para esclarecer os *lusitanos dos inocentes objetivos* dos teuto-brasileiros e ao mesmo tempo informar os colonos dos acontecimentos.

Deeke sugeriu a constituição de uma fundação para arrecadar doações de sócios da Sociedade Educativa, instituições brasileiras e organizações alemãs, a fim de tornar possível a existência do jornal, cujo perfil foi idealizado da seguinte forma:

“É necessário que o jornal não apresente somente artigos especialmente elaborados, mas sim procure levar aos leitores novidades de seu interesse, para que aos poucos os brasileiros possam familiarizar-se com os acontecimentos ao redor dos descendentes de alemães e possam tornar público, em benefício de sua pátria brasileira. Se fosse possível seria bom que a revista trouxesse ilustrações, especialmente do Brasil, pois isto aumentaria sua simpatia entre os leitores...”<sup>64</sup>

As colocações permitem-nos destacar objetivos implícitos: em primeiro lugar, pela descrição, concluímos que a proposta estava baseada nos moldes dos Almanques - *Kalender* e, neste caso, para que o público se sentisse atraído era necessário dosar os artigos culturais com os de lazer, aliando-os às ilustrações, pois o público brasileiro não estava habituado com este padrão de publicação, tipicamente teuto-brasileiro.

Em segundo lugar, ao propor que a publicação fosse nas línguas alemã e portuguesa, havia uma clara intenção do autor em conquistar os brasileiros e torná-los aliados na luta

<sup>64</sup> DEEKE, J. *Conservação do caráter...* op. cit. p. 3.

contra os “nativistas”, termo normalmente utilizado pelos escritores teutos para designar os brasileiros que pregavam com veemência a assimilação cultural dos alemães no Brasil.

Contudo, além destas Sociedades recreativas, educativas e culturais, no ano de 1899, sob a liderança de Eugen Fouquet<sup>65</sup>, foi estabelecida o *Volksverein* -Associação Popular, uma Sociedade de cunho político e natureza étnica, voltada para a congregação da população colonial, “em defesa de seus direitos civis, políticos e econômicos, incentivando-a a tomar parte ativa na política, comparecendo às eleições, a fim de levar seus legítimos representantes à Câmara Municipal...”<sup>66</sup>

O *Volksverein* foi criada num contexto de disputa eleitoral para o cargo de Superintendente Municipal, sendo que o Dr. José Bonifácio da Cunha (luso-brasileiro) era o candidato do Partido Republicano e o Sr. Otto Stutzer (alemão, naturalizado brasileiro), candidato pelo Partido Federalista. O resultado do pleito foi o seguinte: Dr. Cunha, 809 votos e Sr. Stutzer, 778 - ou seja, uma diferença de apenas 31 votos.<sup>67</sup>

Esta vantagem para José Bonifácio da Cunha acirrou a disputa pelo poder e motivou seus opositores a mobilizar-se, no sentido de eleger candidatos “legítimos”, ou seja, descendentes de alemães, para dirigir o destino político de Blumenau.

Nesse caso, os imigrantes e seus descendentes deveriam assumir uma “vida pública para além dos limites do grupo étnico”, pois a conservação da germanidade deveria acontecer independentemente dos direitos e obrigações da cidadania, no entanto, estes fatores liga-

<sup>65</sup> Eugen Fouquet - redator chefe do Jornal “Der Urwaldsbote” durante 30 anos (1898-1927), formado em direito pela Universidade de Tübingen. Dotado de grande capacidade literária, aderiu aos preceitos da Liga Pan-germânica e tornou-se seu fiel escudeiro na luta pelas disputas partidárias de Blumenau.

<sup>66</sup> KILIAN, Frederico. *Eugen Fouquet, o jornalista batalhador e político*. In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XIX, n. 9, set. 1978, p. 247.

<sup>67</sup> DEEKE, J. **O Município...** op. cit. p. 194.

dos ao exercício do voto eram essenciais para garantir a preservação da cultura alemã no Brasil-Deutschum.<sup>68</sup>

O *Volkverein* conseguiu mobilizar a população e, o discurso étnico de Eugen Fouquet no “Der Urwaldsbote”, serviu de aporte para a divulgação de seus objetivos e a proliferação das idéias germanistas. Nesse sentido, em 1901 fundou-se em Blumenau o *Volkspartei* (Partido do Povo), cuja pretensão era atingir todas as áreas de colonização alemã no Estado.

O programa do *Volkspartei* previa 3 seções:

A) *Fundamentos* - propunha fidelidade à Constituição Brasileira, com garantia para os direitos individuais. B) *Exigências e empenhos* - revogação do imposto de exportação e trânsito de mercadorias; decretação de elevados impostos para terrenos improdutivos, para obrigar a povoação do município através da colonização; incentivo às atividades agrícolas e pecuária; decretação de leis proibindo o desmatamento desordenado. C) *Organização* - todo cidadão brasileiro, sem distinção de origem étnica, estava apto a associar-se ao *Volkverein* e automaticamente se tornaria membro do *Volkspartei*.<sup>69</sup>

Toda esta sistematizada organização política do partido obteve seu primeiro grande resultado positivo nas eleições de 1902, quando apoiou o candidato Alvin Schrader, filiado ao Partido Republicano chefiado por Pedro Christiano Feddersen, que se saiu vencedor na disputa contra o candidato Luiz Alteburg, também vinculado ao Partido Republicano, numa ala chefiada por José Bonifácio da Cunha.<sup>70</sup>

<sup>68</sup> SEYFERTH, G. *Identidade Étnica...* op. cit. p. 119.

<sup>69</sup> Coleção *Política - Volkverein/Volkspartei* - 11.2.1 - doc. 3. In: *Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”* (Fundação Cultural de Blumenau).

<sup>70</sup> KILIAN, F. op. cit. p. 249.

Alvin Schrader venceu três eleições seguidas, permanecendo no cargo de Superintendente Municipal de 1903 a 1915, quando então o *Volksverein* já se encontrava enfraquecida, perdendo as eleições para Paulo Zimmermann.

O *Volksverein* conseguiu adesão de grande parte da população diante de seu chamado para o exercício da cidadania, voltada para a eleição de candidatos “legítimos”, ou seja, representantes teuto-brasileiros que atuassem politicamente, muito além da esfera local, mas sobretudo estadual e possivelmente federal.

Portanto, podemos afirmar que o *Volksverein* lançou a semente para o aumento da participação teuto-brasileira na política, ampliando o número de eleitores e, aliada a uma série de fatores, conseguiu progressivamente maior representatividade, conforme nos mostram os dados a seguir:

“Entre 1902 (quando terminou o mandato de José Bonifácio da Cunha) e 1930, todos os superintendentes municipais foram teuto-brasileiros. Nomes brasileiros só aparecem entre os prefeitos nomeados de 1930 a 1945. Com uma ou duas exceções, a composição da Câmara Municipal é majoritariamente teuto-brasileira. Na Constituinte estadual de 1891, o representante eleito por Blumenau era José Bonifácio da Cunha; entre os constituintes estaduais de 1895 só havia um deputado de origem alemã; em 1910, três, e na legislatura de 1928-30, sete”.<sup>71</sup>

Deeke não participou politicamente como candidato, no entanto incitava seus “compatriotas” a estudarem o “idioma nacional” para que pudessem representar bem os descendentes de alemães perante a política nacional. Como exemplo de cidadão menciona Vic-

<sup>71</sup> PLAZZA, Walter F. **Poder Legislativo catarinense**. Florianópolis, Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984. p. 37.

tor Konder, “que ocupa um cargo tão alto e pode ousar fazer tanto pelo caráter alemão no Brasil”.<sup>72</sup>

Esta atitude revela a busca pelo herói nacional de descendência germânica, que deveria servir de modelo aos catarinenses “alemães” para que os mesmos continuassem lutando pela preservação de sua cultura no Brasil. Entrementes, também deveria representar tranquilidade para os teuto-brasileiros, pois assim eles poderiam contar com um pioneiro “compatriota” no poder político federal e “orgulhar-se” dos filhos da cultura alemã.

Contudo, Deeke lembrava que os trabalhos dos três irmãos Konder (Victor, Adolpho e Marcor) beneficiavam não apenas o “caráter alemão, mas toda a população catarinense, pois os ‘nativistas’ dificilmente poderiam culpá-los de algum deslize, por isso eram bem vistos não só pelos alemães, mas especialmente pelos luso-brasileiros”.<sup>73</sup>

O elogio às atitudes de Victor Konder em benefício do *Deutschtum* no Brasil, conduziram Deeke a destacar suas medidas favoráveis à implantação de um *Museu da Colonização Alemã*<sup>74</sup>, que seria um marco cultural comemorativo ao centenário da imigração alemã em Santa Catarina - 1929.

Nesse sentido, o *Museu* serviria como instrumento para exaltar a contribuição alemã para o “progresso” do Brasil, inserindo os teuto-brasileiros num contexto nacional e solidificando sua participação no processo de construção da nação brasileira.

<sup>72</sup> DEEKE, J. *Conservação do caráter...* op. cit. p. 4-5.

<sup>73</sup> DEEKE, J. *Drei Sterne des Brasil-Deutschtums in Santa Catharina. (Três Estrelas Teuto-brasileiras em Santa Catarina)*. In: “Aus zur Jahrhundert-Feir, Heraus gegeben von G. Arthur Koehler” (Folheto Comemorativo do centenário da imigração alemã, publicado por G. Arthur Köehler) Blumenau, 1929.  
Tradução: Edith Sophia Eimer. p. 3.

<sup>74</sup> DEEKE, J. *Conservação do caráter...* op. cit. p. 5. Esta proposta de construção de um *Museu da Colonização Alemã* no Brasil de Victor Konder não chegou a ser consolidada. Interessante destacar que José Deeke sempre que possível trazia à tona esta idéia, que somente foi efetivada em linhas básicas por ocasião da comemoração do Centenário de Blumenau - 1950.

Diante do quadro apresentado é possível fazer uma leitura de José Deeke enquanto teuto-brasileiro intelectualizado, preocupado em fomentar a participação política dos colonos nas eleições, através do incentivo ao exercício da cidadania brasileira através do direito de voto e ao aprendizado da língua portuguesa, com o intuito de evitar a desqualificação dos descendentes germânicos na esfera política nacional.

No entanto, simultaneamente trabalhava questões ligadas ao *Deutschtum*, cobrando dos jovens maior interesse pela cultura alemã, através da leitura das publicações literárias teuto-brasileiras e manutenção da língua alemã no âmbito familiar e escolar.

Em seu conto *Um das Brasil Deutschum* - Em Defesa do Patrimônio Teuto-brasileiro, Deeke ilustra em seu enredo as afirmações acima expressas. Através do personagem Peter Dräger, teuto-brasileiro preocupado com questões relacionadas aos problemas brasileiros, o autor transfere sua opinião ao público através do mecanismo de identificação, onde leitor e autor procuram projetar sua maneira de agir por intermédio dos personagens.<sup>75</sup>

“Eu admito tranqüilamente (...) que os acontecimentos políticos da Alemanha nem de longe nos interessam tanto quanto ao senhor e aos outros alemães-natos. Isto também é bastante lógico, uma vez que pela nacionalidade, somos brasileiros, nossos interesses estão aqui e não na Alemanha. Por isso, para nós, tem pouco sentido, mesmo que brigemos sobre isso, se deve-se preferir a monarquia ao invés da república para a Alemanha e se o chanceler alemão se chama Müller, Scheidemann ou Hass ...”<sup>76</sup>

Esta passagem retrata a preocupação do autor em despertar uma consciência política nos teuto-brasileiros, enfatizando que os acontecimentos da Alemanha, não deveriam ser

<sup>75</sup> HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau, Ed. FURB, 1993. p. 115.

<sup>76</sup> DEEKE, José. *Um das Brasil...* op. cit. p. 13. Tradução: Curt W. Hennings.

mais prioridade, pois sua terra natal era o Brasil e portanto, deveriam inteirar-se da situação política brasileira, porém, garantindo a preservação dos costumes alemães.

Nesse sentido, afirmamos que a identidade étnica teuto-brasileira é tecida com fios da cultura alemã e brasileira, construída nos rumos da colonização e moldada num sentimento de pertencimento à comunidade.

Segundo Giralda Seyferth, o componente que evidencia a diferença entre os teuto-brasileiros e os alemães é a “separação entre o nacional e o político, características peculiares ao nacionalismo alemão do início do século XIX e predominante na elaboração da ideologia do grupo étnico teuto-brasileiro”.<sup>77</sup>

Portanto, elementos ligados à nação alemã, como raça, língua, índole e cultura, na concepção teuta, deveriam estar vinculados ao exercício da cidadania brasileira. Nesse sentido, a identidade e a cidadania formaram-se num espaço de sentido múltiplo, através de conflitos ligados ao coletivo e à diversidade cultural.

---

<sup>77</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo...* op. cit. p. 215.

### 3.3 – O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: a etnia enquanto fator determinante da produção historiográfica

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina abrigava intelectuais interessados na produção de discursos que inserissem o Estado num contexto nacional, marcado pela tentativa de uniformização das diferenças culturais da Nação.

José Deeke, assim como todos os descendentes de africanos, alemães e italianos, não participava desta Academia, que procurou construir uma “História Oficial” para Santa Catarina, sob a perspectiva dos costumes luso-brasileiros, revelando uma tendência à exclusão das demais etnias.

O Século XIX caracterizou-se pela fecundidade e diversidade da produção historiográfica, que instituiu práticas relacionadas ao cientificismo na História. Nessa concepção, tudo começaria a existir em e pelo movimento de que o passado é uma “dimensão privilegiada” e tanto os historiadores como os filósofos tendem a afirmar um final feliz para a História, atribuindo-lhe características como:

“Reino do Espírito (Hegel), triunfo da Liberdade (Michelet), fim da Alienação (Marx), apoteose da Evolução (Quinet)... Portanto, toda reflexão deve nutrir-se do passado: não mais filosofia, mas uma história da filosofia e uma filosofia da História (Hegel), não mais ciência do direito, mas uma história do direito, não mais estética, mas uma história da estética (Schlegel)...”<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> CARBONELL, C. op. cit. p. 98.

Dentro desta perspectiva, ao longo de todo o século XIX, os historiadores envidaram esforços na busca por documentos e implementaram uma peregrinação às chamadas fontes históricas que, na abordagem positivista, significavam a matéria-prima absoluta para a escrita da História. Iniciava-se assim uma era de triunfo para os documentos!

O resultado desta “fêbre documental” é o despontar da Alemanha como centro cultural da Europa que, fortalecida com a organização de suas universidades, torna-se pioneira no ensino da História e dissemina suas práticas historiográficas para todo o continente europeu. A “sábua Alemanha”, repleta de metrópoles intelectuais, é quem “colige, reúne, publica ou expõe, aperfeiçoa as ciências auxiliares e ensina-as àqueles que, nos seus seminários, praticam a peregrinação às fontes”.<sup>79</sup>

Os Arquivos e Museus Nacionais tornaram-se instituições articuladoras de saber e de práticas sistematizadoras da massa documental. Todavia, eram indispensáveis à guarda desta documentação, constituindo-se em laboratório dos historiadores, espaço de comprovação do saber, onde o empirismo, por intermédio do documento, transformava-se em ciência histórica.

A exemplo da Europa, os intelectuais brasileiros do início do século XIX, buscavam fazer da História a “biografia da nação”, procurando assegurar às reminiscências do passado um papel determinante para legitimação e coesão do processo de escrita da história nacional.<sup>80</sup>

Foi nesse contexto, marcado pela Independência do Brasil, que surgiram as primeiras manifestações da historiografia brasileira, comprometida com a questão nacional, onde

---

<sup>79</sup> Idem. p. 99-100.

<sup>80</sup> SCHAPOCHNIK, N. op. cit. p. 8.

“História e Historiografia, ação e pensamento, Estado Nacional e suas subseqüentes representações [tornam-se] componentes de um mesmo momento pleno de historicidade”.<sup>81</sup>

Seguindo este pensamento, era necessário criar uma história “própria”, com destino independente dos parâmetros da metrópole portuguesa, garantindo a unificação da nação através de um passado que se pretendia singular<sup>82</sup>. Para tanto, era preciso desfazer a imagem de uma memória de caráter dissipado, com informações disseminadas e conflitantes, para construir, sistematizada e organizadamente, a memória histórica nacional.

Dessa maneira, surgiu a necessidade de fundar um “lugar privilegiado”, uma instituição cultural que estivesse imbuída de recolher e conservar documentos, com o intuito de desvendar a gênese da Nação brasileira, inserindo-a numa tradição de civilização e progresso.<sup>83</sup>

Nesse sentido, em 1838, surgiu o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujo objetivo era “colligir, methodizar e guardar”, para cumprir o papel de “construir a história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos”.<sup>84</sup>

É importante mencionar que a história produzida no âmbito do Instituto Histórico era de cunho oficial, pois surgiu no interior da corte, onde as pesquisas eram financiadas pelo próprio imperador, limitando desta forma a produção científica propriamente dita, pois congregava em seu interior a elite intelectual e a elite econômica e financeira do país.<sup>85</sup>

<sup>81</sup> JANOTTI, M. L. M. op. cit. p. 122.

<sup>82</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 99.

<sup>83</sup> GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional*. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, n. 1, 1988. p. 8.

<sup>84</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 99.

<sup>85</sup> Idem. p. 100.

No Brasil era uma “Sociedade de corte”, onde o processo de escrita e disciplinarização da História acontecia dentro dos muros da academia de acesso restrito, regulamentado por critérios que passam necessariamente pela teia das relações sociais e pessoais. Nesse sentido, difere da Europa, onde o mesmo processo efetuava-se no espaço universitário, de acordo com regras específicas para o exercício da escrita da História Científica.<sup>86</sup>

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro se pretendia um elemento aglutinador de todas as instituições culturais voltadas para a conservação da memória, e por isso, seus sócios trabalhavam pela construção de uma história nacional, onde os grandes vultos (heróis) e fatos singulares recebiam destaque.

Porém, com o advento da República ocorre uma proliferação de Institutos Estaduais, pois o perfil homogêneo pretendido pelo IHGB num país tão diversificado culturalmente, exigia articulações regionais.

No entanto, estes institutos possuíam intenções comuns que os identificava: criar uma história brasileira, ou melhor, dar um passado ao país e generalizar histórias de certos grupos regionais influentes, e para privilegiar esta elite, procuraram seguir a máxima “para bem lembrar é preciso muito esquecer...”<sup>87</sup>

Seguindo as idéias veiculadas pelos Institutos de São Paulo e do Rio Grande do Sul, alguns intelectuais catarinenses, liderados por José Arthur Boiteux, articularam-se para formular discursos em defesa do regional e, uniram-se em torno do “propósito de construção

---

<sup>86</sup> GUIMARÃES, M. L. S. op. cit. p. 9.

<sup>87</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 136.

de toda uma memória que fosse constituindo fatos e heróis fundantes, mitos de origem que justificassem a existência de uma identidade catarinense”.<sup>88</sup>

Surge então, em 1896, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, num contexto marcado pelo “dilaceramento” provocado pela Revolução Federalista (1893), que abriu espaço para a produção de um discurso de reconstrução do Estado, motivado pelo empenho de promover a integração territorial e social, que deveria convergir para o alcance da integração de Santa Catarina.<sup>89</sup>

Hercílio Pedro da Luz, governador de então, ansiava por construir obras em todo o Estado, para que além de conhecer geograficamente o território catarinense, pudesse atrair imigrantes, fixando-os na terra e tornando-os úteis na luta pelo “engrandecimento” do Estado.

Nesse sentido, o IHGSC transformou-se no instrumento que responderia pela construção de uma “identidade cultural produzida a partir da perspectiva das elites locais”.<sup>90</sup> Para tanto, deveria responsabilizar-se em elaborar uma história “oficial” de Santa Catarina, que revelasse a formação de um estado integrado à perspectiva da modernização, tornando-se atraente e seguro para o estabelecimento de imigrantes “empreendedores”.

Dessa maneira, o “momento catarinense era propício”, pois a “criação de uma instituição cultural parecia uma exigência”<sup>91</sup> do contexto modernizador intencionado pelas elites dirigentes.

<sup>88</sup> SERPA, É. C. *A Identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. In: “As Elites Locais e a Reformulação das Condutas e das Sociabilidades em Lages durante a primeira República.” Florianópolis, 1995. p. 2. (Relatório final do Projeto de Pesquisa).

<sup>89</sup> ARAÚJO, H. R. op. cit. p. 118-119.

<sup>90</sup> Idem p. 124.

<sup>91</sup> MEIRINHO, Jali. *Os 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XVIII, n. 1, Janeiro 1977, p. 4.

Os Estatutos do Instituto foram aprovados em setembro de 1896 e sua finalidade estava expressa no art. 1º. da seguinte maneira:

“... reunir, verificar, coligir, arquivar e publicar traduções e documentos concernentes à História, à Geografia, à Antropologia, à Arqueologia, à Etnografia e línguas indígenas da América e principalmente do Estado de Santa Catarina...”<sup>92</sup>

O IHGSC apresentava como principal objetivo, reunir os documentos relacionados à História de Santa Catarina, valorizando o regional, para assim poder criar uma identidade catarinense e desta maneira aliar-se aos propósitos do próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ou seja, fundar uma historiografia nacional e original, porém com a peculiaridade de que os diferentes temas da História Nacional somente teriam sentido, quando interligados a um enfoque local.<sup>93</sup>

Contudo, os temas produzidos e trabalhados no interior da Academia precisavam ser divulgados, como forma de consumir os desejos dos sócios do Instituto, em consonância com o discurso modernizador da elite. Assim, para consolidar seus estudos e publicar suas “descobertas” na área documental, os filiados ao Instituto criaram seu instrumento de divulgação, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, cujo primeiro número foi editado em 1902.

Pierre Bordieu, ao comentar sobre a autoridade exercida pelos autores e produtores do conhecimento, nos revela que:

<sup>92</sup> PIAZZA, Walter F. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico 1896-1996*. Florianópolis, UDESC/IHGSC, 1996. p.13.

<sup>93</sup> SCHWARCZ, L. op. cit. p. 121.

“O autor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas, *naturais*”.<sup>94</sup>

Sendo assim, os produtores de saber vinculados ao Instituto Histórico precisavam “consagrar” seus trabalhos, transformando as informações pesquisadas em “documento escrito”, ou seja, “cientificizando” a História catarinense através do estudo de biografias de personagens ilustres e genealogias, para oficializar então a produção de uma historiografia construída por e para homens da elite, excluindo, ou melhor, “esquecendo” deliberadamente de mencionar a participação de determinadas classes no processo de construção da identidade catarinense.

Élio Serpa, indica três fases distintas à Revista do IHGSC: a primeira de 1902 a 1920, a segunda de 1943 a 1944 e a terceira de 1979 até os dias atuais. Interessa-nos a fase de 1902 a 1920, que segundo o autor caracteriza-se da seguinte maneira:

“Evidencia algumas preocupações que denotam o interesse em criar todo um imaginário em torno da identidade catarinense (...) Ao olharmos o conjunto dos textos publicados percebe-se que de certa forma estes remontam a um passado distante, ausência de artigos que versem sobre os descendentes de africanos, alemães e de italianos. As páginas da Revista são ocupadas maioritariamente com luso-brasileiros ou com fatos dos quais estes tiveram participação. Pode-se dizer, então, que o discurso da Revista nesta fase estava construindo a identidade catarinense pelo passado de luso-brasileiros ilustres e estabelecidos no litoral”.<sup>95</sup>

<sup>94</sup> BORDIEU, P. op. cit. p. 114.

<sup>95</sup> SERPA, É. C. *Identidade Catarinense...* op. cit. p. 3-4.

Acrescente-se a isso a idéia de que, no início do século XIX, os debates em torno das teorias raciais encontraram respaldo nos intelectuais da academia, para quem os índios e negros deveriam estar excluídos do projeto de construção da Nação brasileira, por “não serem portadores da noção de civilização”<sup>96</sup>, qualidade exclusivamente reservada à raça branca.

No entanto, em conformidade com o objetivo de trabalhar a “história nacional como forma de unir, de transmitir um conjunto único e articulado de interpretações”<sup>97</sup>, os Institutos Históricos regionais recebiam orientação do IHGB para “esquecer” os “estrangeiros” na elaboração da história do Brasil, especialmente os alemães, em função do “perigo alemão”, mencionado anteriormente.

Dessa forma, para a elite intelectual e política luso-brasileira, os alemães continuavam sendo úteis ao “progresso” da nação, porém, devido ao fato de persistirem na preservação do *Deutschum* e resistirem com toda força ao “abrasileiramento”, foram excluídos dos discursos relacionados ao Estado.

Por outro lado, aliada a resistência à assimilação, havia a questão do uso do idioma alemão, não apenas na esfera privada, como também na comunidade escolar, intelectual e social. Fazia parte da ideologia do jornal *Der Urwaldsbote* argumentar que não havia uma brasilidade, pois “todas as outras etnias que compõem o Estado brasileiro são estrangeiras, inclusive os lusos”.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> GUIMARÃES, M. L. S. op. cit. p. 7.

<sup>97</sup> Idem p. 17.

<sup>98</sup> SEYFERTH, G. *Nacionalismo...* op. cit. p. 69.

Nesse sentido, na mentalidade teuto-brasileira, se os lusos estavam autorizados a falar seu idioma de “origem”, porque eles também não poderiam requerer para si o direito de oficializar a língua alemã enquanto idioma nacional, juntamente com a língua portuguesa?

Essa insistência dos teuto- Catarinenses na preservação da língua alemã respaldou a elaboração de publicações literárias próprias, voltadas para seu próprio cotidiano, construindo assim a sua visão de desenvolvimento do Estado, marcadamente enaltecadora do pioneirismo alemão para o progresso catarinense.

Decorrente da exclusão das “outras” etnias do âmbito da Academia, a região do Vale do Itajaí ficou silenciada pelos produtores do saber histórico em Santa Catarina.

Os intelectuais “germânicos” de Blumenau, mesmo que vinculados à elite política, não faziam parte do rol de sócios, conforme pudemos verificar nas listagens constantes da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Numa confrontação de nomes, percebemos que no período de 1902 a 1920, o único nome ligado a Blumenau era de *José Bonifácio da Cunha*, admitido como sócio no ano de 1903.

Interessante observar que Dr. Cunha havia nascido na Bahia, onde cursou Medicina, vindo para Blumenau em 1885. Envolveu-se com a política a partir da Proclamação da República e em 1890 assumiu a Intendência de Blumenau, colocando-se enquanto fiel defensor da causa republicana.<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> SILVA, José Ferreira da. *Os Administradores de Blumenau: José Bonifácio da Cunha (1890-1892)*. In: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo II, n. 12, dezembro 1959. p. 233.

José Bonifácio da Cunha era o representante de Blumenau na Assembléia Estadual, portanto, a elite teuto-brasileira vinculada ao redator do *Der Urwaldsbote*, colocava-se contrária ao fato de ser um luso-brasileiro a representar um município de colonização “essencialmente” alemã.

Estas desavenças políticas em torno das facções “nativista”, representada pelo jornal *Blumenauer Zeitung*, tendo como líder José Bonifácio da Cunha e “germanista”, vinculada ao jornal *Der Urwaldsbote* através da liderança de Eugeu Fouquet, converteram-se numa guerra político-partidária.

José Bonifácio da Cunha utilizava-se do Jornal *Blumenauer Zeitung* para escrever recados políticos a Eugen Fouquet e, esta participação na imprensa, aliada à sua influência política e descendência lusitana, rendeu-lhe sua admissão como sócio no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

No entanto, não podemos deixar de mencionar que, políticos de descendência germânica, como Victor Konder e Adolfo Konder, igualmente compunham a listagem de sócios do Instituto catarinense, porém unicamente por estarem relacionados à política e seguindo a lógica elitista, vinculada às relações de poder que normalmente deveriam ser exercidas pelos sócios em âmbito estadual.

José Deeke nunca esteve diretamente vinculado ao IHGSC, apesar de uma intensa produção relacionada à História de Santa Catarina. Porém, nossa interpretação nos conduz a apontar que além da exclusão praticada pelos luso-brasileiros, havia também uma “auto-isenção” dos teuto-catarinenses da Academia, articulada propositadamente pela sua própria classe de intelectuais.

Isto ocorria em função de seu próprio “insulamento” cultural, fundamentado em sua opção particularizada de manutenção da língua alemã e dos costumes culturais herdados de seus antepassados.

Uma possível relação de José Deeke com o IHGSC deve-se ao seu contato com autores como: José Vieira da Rosa e Lucas Alexandre Boiteux, ambos ligados ao IHGSC.

Deeke consultava a bibliografia produzida pelos escritores acima citados e moldava seus trabalhos com temáticas tipicamente exploradas pelos historiadores de Instituto, a saber: regionalismos, devido sua intensa abordagem referenciando a colonização alemã; natureza, minuciosamente explorada através de rigorosa pesquisa científica; geografia, preocupação com a denominação de lugares e definição territorial dos municípios do Vale do Itajaí, através da elaboração de mapas cadastrais.

Interessante destacar que no âmbito de seu “isolamento” cultural, os teuto-brasileiros construíram sua literatura e imprensa, voltada para seus interesses próprios e identificada com seus parâmetros locais e concepções de mundo.

Deeke foi um destes representantes intelectuais de descendência germânica, que se preocupou com a manutenção do *Deutschtum* e contribuiu com este projeto, através de sua produção histórico-literária, abordando temas essencialmente voltados ao Estado de Santa Catarina.

Dessa maneira, José Deeke estaria mostrando aos lusos que, entre os alemães também haviam elementos capacitados para a produção historiográfica, reforçando assim, o ideal teuto-brasileiro de preservação da cultura alemã e exercício da cidadania brasileira.

Aos teutos, Deeke dedicava-se àquilo que podemos considerar função “pedagógica”, ou seja, descrevia detalhadamente práticas quotidianas, muitas vezes obtidas a partir das experiências adquiridas no exercício de sua função como “Diretor de Colônia”, com o objetivo claro de inculcar nas mentalidades, especialmente dos jovens, idéias identificadas com a cultura dos “antepassados” revelando em suas obras uma predisposição a “ensinar” a prática da cidadania.

Acrescentamos ainda que os discursos do IHGSC procuravam por uma identidade catarinense, fundamentada no passado de descendentes luso-brasileiros, com o objetivo de estabelecer uma História “oficial” do Estado, construída pelo viés da “unificação” do povo catarinense, todavia, através da exclusão das etnias africanas, alemãs e italianas, que também tiveram sua parcela de participação na formação do Estado.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o momento reservado não apenas às conclusões, pois as mesmas encontram-se descritas no decorrer do trabalho, mas também às reflexões sobre a pesquisa anteriormente desenvolvida.

Ao estudar a obra de José Deeke, procuramos levar em conta que sua mentalidade de “produtor cultural” era decorrente de seu contato social com os demais membros da comunidade, bem como da posição de diretor que ocupava junto à mesma, pressuposto que nos permitiu procurar fazer um estudo histórico que trilhasse caminhos convergentes para além da pura biografia.

Nossa preferência recaiu sobre os aspectos sociais imbricados nos trabalhos literários de José Deeke e, através de uma amostragem, ressaltamos a importância da literatura e imprensa para o resgate da História do cotidiano das colônias alemãs de Santa Catarina.

Com isso, queríamos evidenciar que as manifestações literárias representam para o pesquisador uma fonte inesgotável, que favorece diferentes formas de abordagens, sobretudo para revelar comportamentos e momentos do dia a dia de uma sociedade.

Deeke escrevia seus textos de maneira *pedagógica*, procurando orientar seus leitores para a vida prática e destacando aspectos sociais, agrícolas e educacionais. Preocupava-se em manter a cultura dos “pioneiros” alemães sempre presente na memória de seus descendentes.

No decorrer deste estudo, ao tratarmos dos embates culturais interétnicos, verificamos que a identidade cultural dos teuto-brasileiros se construiu nos descaminhos da etnia,

pois as idéias germanistas foram tecidas e moldadas à medida que o indivíduo pertencente à comunidade étnica “alemã” entrou em contato com outras etnias e assimilou novos costumes.

Acrescentamos a isso, o fato de que na nossa concepção não existe uma identidade teuto-brasileira “original” e unitária, mas sim pontos de referências, sinais e indícios que nos permitiram destacar as semelhanças de um universo cultural múltiplo.

Procuramos então, caracterizar Deeke enquanto teuto-brasileiro intelectualizado, preocupado em fomentar a participação política dos colonos nas eleições, pelo viés do incentivo ao exercício da cidadania brasileira, através do direito de voto e do aprendizado da língua portuguesa, com o intuito de evitar a desqualificação dos descendentes germânicos na esfera política nacional.

Por tudo isso, concluímos que a identidade étnica teuto-brasileira é tecida com fios da cultura alemã e brasileira, construída nos rumos da colonização e moldada num sentimento de pertencimento à comunidade.

A pesquisa que desenvolvemos representa uma análise de pequena parcela da literatura teuto-brasileira do Vale do Itajaí que, na sua maioria, ainda não foi explorada pelos historiadores, sociólogos e antropólogos.

Olhamos para nosso trabalho como uma construção, ou seja, aquilo que apresentamos não pode ser considerado como definitivo ou “verdade histórica”, pois nossa subjetividade esteve presente em todos os momentos desta dissertação.

Portanto, acreditamos que a finalização não representa o término do trabalho, mas sim o início de novas etapas no processo de pesquisa e, por esse motivo, continuaremos en-

volvidos com a análise da historiografia do Vale do Itajaí, a fim de trilhar novos caminhos. Caminhos esses nem sempre conhecidos e bem delineados, porém ricos, envolventes e pouco explorados, constituindo-se em verdadeiros convites à pesquisa histórica.

## 5 - ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

- Família de José Deeke ..... p. 46
- Mapa Cadastral e estatístico do Vale do Itajaí, Itapocu, Rio Tijucas ..... p. 48
- Capa da edição em português do livro “O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento” ..... p. 62
- Lista de imigrantes da Colônia Hansa-Hammonia ..... p. 71
- Capa do “Kalender für die Deutschen in Brasilien” de 1924 ..... p. 82
- Capa original do livro “Das Munizip Blumenau” ..... p. 90

## 6 - FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 6.1 - FONTES:

#### 6.1.1- Manuscritas/Datilografadas:

**Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”** (Fund. Cultural de Blumenau) - Coleção *Política - Volksverein/Volkspartei* - 11.2.1 - doc. 3.

DEEKE, José. **Chronik der Familie Deeke.** (Crônica da Família Deeke) *Tradução:* DEEKE, Niels. **Família Deeke: crônica genealógica extensiva.** Blumenau, impressão do autor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Der Brasilianische Bundesstaat Santa Catharina: mit besonderer Hervorhebung der Deutschen Kolonisation.** Original, datilografado. Arquivo Hist. “José Ferreira da Silva” - Coleção Famílias - 3.D.7.3 - doc. 13. (Anexo 1 - item 283). *O Estado de Santa Catarina no Brasil, com destaque para a colonização alemã. Tradução parcial:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. **Der Bürgermeister.** Original, manuscrito. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” - Coleção Famílias - 3.D.7.3 - doc. 22. *Tradução:* Edith S. Eimer.

\_\_\_\_\_. **Ein Fall aus der Tyrannenzeit.** (Um episódio da Época da Tirania). In: Arquivo Hist. “José Ferreira da Silva” - Coleção Famílias - 3.D.7.3 - doc. 29. *Tradução:* Christianna Elisa Deeke Barreto.

\_\_\_\_\_. **Ein Kind der Kolonie.** (Uma criança da Colônia). Blumenau, 1904. *Tradução:* Edith Sophia Eimer, 1991.

\_\_\_\_\_. **Am Lagerfeuer.** Blumenau, 1925. **Ao Redor da Fogueira do Acampamento.** Blumenau, *Tradução:* Edith Sophia Eimer, 1995.

DEEKE, Niels. **Família Deeke: Crônica Genealógica Extensiva.** Blumenau, Edição do Autor, 1998.

### 6.1.2- Impressas:

**CENTENÁRIO DE BLUMENAU.** Blumenau, comissão dos festejos, 1950.

DEEKE, José. **Alberto Korfeld.** In: **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, São Leopoldo: Rotermund & Co., 1929. p. 80-96. *Tradução:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Am 7 September 2022.* In: **“Uhles Jahrbuch”**, São Paulo: 1923, p. 49-53. *Tradução:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *100 Jahre Kolonisation in Santa Catharina.* (100 Anos da Colonização em Santa Catarina) In: **Der Urwaldsbote**, Blumenau, 15/11/1929. *Tradução:* Edith S. Eimer.

\_\_\_\_\_. *Auf dem wege der Politik - was ein “politischer Anhaenger” erlebte.* (*A Caminho da Política: vivências de um adepto da política*) In: **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, São Leopoldo: Rotermund & Co., 1923. p. 231-261. *Tradução:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Aus der Revolution von 1893.* (Sobre a Revolução de 1893) In: **Der Urwaldsbote**, **“Hausfreund”**, Blumenau 26/02/1921. *Tradução:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Aus Meiner Schulzeit* (Do meu período Escolar). In: **Polyanthea do Colégio Santo Antônio.** Blumenau, 1927. *Tradução:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Canudinhos.* In: **Der Urwaldsbote**, **“Hausfreund”**, Blumenau: 18/12/1920. *Tradução:* Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Dem Andenden der Frauen* (À Memória das Mulheres). In: **Der Urwaldsbote**, Blumenau: 15/11/1929. *Tradução:* Edith S. Eimer.

\_\_\_\_\_. *Deutschbrasilianisch.* (Assuntos Teuto-brasileiros) Curitiba, **“Die Neue Heimat”**, 31/8/1923. p. 346-350. *Tradução:* Curt W. Hennings.

DEEKE, José. *Deutschbrasilianisch.* (Assuntos Teuto-Brasileiros - I). In: **Der Urwaldsbote** - **“Hausfreund”**, n. 46, 18/11/1922. *Tradução:* Curt W. Hennings. - A.H.J.F.S. - Coleção Famílias - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51.

\_\_\_\_\_. *Deutschbrasilianisch II.* (Assuntos Teuto-brasileiros II). In: **Der Urwaldsbote**, **“Hausfreund”**, n. 47, Blumenau, Dezembro, 1922. *Tradução:* Curt W. Hennings.

- \_\_\_\_\_. *Drei Sterne des Brasil-Deutschtums in Santa Catharina. (Três Estrelas Teuto-brasileiras em Santa Catarina)*. In: “**Aus zur Jahrhundert-Feir, Heraus gegeben von G. Arthur Koehler**” (Folheto Comemorativo do centenário da Imigração alemã, publicado por G. Arthur Koehler) Blumenau: 1929. *Tradução*: Edith Sophia Eimer.
- \_\_\_\_\_. *Die Kolonisation des Itajahy Gebietes: Betrachtungen zum 75 Jahrigen Jubiläum der Gründung der Kolonie Blumenau.* (A Colonização da Região do Itajaí, considerações para o Jubileu dos 75 Anos da Fundação da Colônia Blumenau). In: **Der Urwaldsbote**, Blumenau: fev. 1926. *Tradução*: Edith S. Eimer.
- \_\_\_\_\_. *Erhaltung des Deutschtums in Brasilien.* (A Conservação do caráter alemão no Brasil) In: **Der Urwaldsbote**, n. 23, Blumenau, 17 Setembro de 1929. *Tradução*: Edith Sophia Eimer.
- \_\_\_\_\_. *Eucalyptus - Malária - Mosquitos.* In: **Der Urwaldsbote** - “*Kolonie, Haus und Hof*”, Blumenau: maio, 1926. *Tradução*: Werner H. Tönjes. \_
- \_\_\_\_\_. *Gelegenheits-Kommers in Urwald.* (Oportunidades Comerciais na Selva) In: **Der Urwaldsbote** - “*Hausfreund*”, Blumenau: 30/4/1921. *Tradução*: Curt W. Hennings.
- \_\_\_\_\_. *Georg Knoll.* In: **Der Urwaldsbote**, “*Hausfreund*”, Blumenau: 23/9/1921. *Tradução*: Curt W. Hennings.
- DEEKE, José. *Neulingsplane* (Projetos de Principiante). In: **Der Urwaldsbote**, “*Hausfreund*”, Blumenau: 16/12/1922. *Tradução*: Curt W. Hennings.
- \_\_\_\_\_. *Paciencia.* In: **Der Urwaldsbote**, “*Hausfreund*”, s.d. *Tradução*: Curt W. Hennings.
- \_\_\_\_\_. *Reservas Florestais e Reflorestamento.* In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, n. 3, março, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Serenata de Tropeiro.* Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” - Coleção **Famílias** - Família Deeke - 3.D.7.3 - doc. 27. *Tradução*: Curt W. Hennings.
- \_\_\_\_\_. *Sonntagsjagerei.* (Caçadas de Domingo) In: **Der Urwaldsbote**, “*Hausfreund*”, Blumenau: 10/02/1923. *Tradução*: Curt W. Hennings.
- \_\_\_\_\_. *Um das Brasil-Deutschtum.* (A Cultura Teuto-brasileira) In: **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, São Leopoldo, Rotermund & Co, 1932. *Tradução*: Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Waldmann*. In: **Der Urwaldsbote**, "*Hausfreund*", Blumenau, 11/6/1921. *Tradução*: Curt W. Hennings.

\_\_\_\_\_. *Was Alte Zeitungen Erzaehlen*. (O que contam os velhos jornais) In: **Der Urwaldsbote** "*Hausfreund*", Blumenau, 07/10/1922. *Tradução*: Werner H. Tönjes.

## 6.2 - BIBLIOGRAFIA:

### 6.2.1- Artigos :

ANTONINI, Eliana Pibernat. *O Narrador: sujeito da História e da história*. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre: v. 25, n. 3, 1990.

BENJAMIN, W. *O Narrador*. In: **Obras Escolhidas**, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Doutrina das Semelhanças*. In: **Obras Escolhidas**, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGES, Vavy Pacheco. *Anos Trinta e Política: História e Historiografia*. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

DEEKE, Christiana Elisa. *A Família Deeke*. In: **Centenário de Blumenau**. Blumenau: Comissão dos Festejos, 1950.

CORRÊA, Carlos Humberto. *Restauração Republicana e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. In: **Diário Catarinense/Diário de Cultura**. Florianópolis, 05/nov./1994.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. *Os Intelectuais e o Poder na construção da memória nacional*. São Paulo: **Tempo Brasileiro**, n. 2, 1987.

FLORES, Maria Bernardete. *Páginas de Vida Pulsante*. In: **Revista "Blumenau em Cadernos"** - Tomo XXXVIII - n. 11/12, nov./dez. 1997.

GERTZ, René. *A Construção de uma nova cidadania*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas - RS: Ed. ULBRA, 1994.

GLEZER, Raquel. *São Paulo e a elite letrada brasileira no século XIX*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: EDUSP, 1989.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional*. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, n. 1, 1988.

- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *O Diálogo Convergente: políticos e historiadores no início da República*. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- KIEFER, Sabine. *Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa*. In: **Revista “Blumenau em Cadernos”** - Tomo XXXVIII, n. 6., junho 1997.
- KILIAN, Frederico. *Eugen Fouquet, o jornalista batalhador e político*. In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XIX, n. 9, set. 1978.
- LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no Sul do Brasil*. Berlin, 1906. In: **Revista “Blumenau em Cadernos”** - Tomo XXXVIII - n. 11/12, nov./dez. 1997.
- LEONZO, Nanci. *O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da História Nacional*. In: **SBPH**, São Paulo, 1986.
- MEIRINHO, Jali. *Os 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XVIII, n. 1, Janeiro 1977.
- MÜLLER, Sálvio A. *Cultura e Identidade dos descendentes de alemães: uma identidade-problema?* In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXIX, n. 8, ago./1998.
- \_\_\_\_\_. *Isolamento Cultural e formação de personalidade de base: estudo do “caso blumenauense”*. In: **Revista de Divulgação Cultural da FURB**, Blumenau, n. 34, Junho/1987.
- NADER, Pedro Eduardo Portilho. *Histórias adversas: a confrontação entre a História dos Annales e a chamada História Positivista*. In: **Revista da USP**. São Paulo: n. 23, 1994.
- PAOLI, Maria Célia. *Memória, História e Cidadania: o direito ao passado*. In: **O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.
- PIAZZA, Walter F. *Historiografia de Santa Catarina*. In: **Santa Catarina: sua História**. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Cidade Maldita**. Porto Alegre, 1994. (Texto).
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Identidade Cultural, Identidade Nacional*. In: **Tempo Social**. São Paulo: EDUSP, 1989.

- RENAUX, Maria Luiza. *As Falsas Europas: Colônias Alemãs no sul do Império - Maneira de Educar*. In: **História da Vida Privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*. In: **Revista Brasileira de História - 19**. 1990.
- SERPA, Élio Cantalício. **As Elites Locais e a Reformulação das Condutas e das Sociabilidades em Lages durante a primeira República**. Florianópolis, 1995. p. 15. (Relatório final do Projeto de Pesquisa)
- \_\_\_\_\_. *A Identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. In: **“As Elites Locais e a Reformulação das Condutas e das Sociabilidades em Lages durante a primeira República.”** Florianópolis, 1995. Relatório (Projeto de Pesquisa).
- SEYFERTH, G. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais - São Paulo**, n. 26, outubro 1994.
- SEYFERTH, Giralda. *A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas - RS: Ed. ULBRA, 1994.
- SILVA, José Ferreira da. *Os Administradores de Blumenau: José Bonifácio da Cunha (1890-1892)*. In: **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo II, n. 12, dezembro 1959.
- WEHLING, Arno. *O Historicismo e as origens do Instituto Histórico*. In: **A Invenção da História: estudo sobre o historicismo**. Rio de Janeiro: UGF/UFF, 1994.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate*. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Terceiro Milênio, n. 2, 1994.
- WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 217.

### 6.2.2- Obras:

- ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A Invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República.** São Paulo: 1989. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica/SP/
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de Velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz; EDUSP, 1987.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989.** São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.
- CARBONELL, Charles-Olivier. **Historiografia.** Lisboa: Editorial Teorema, 1992.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.** Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora UnB, 1994.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

- DEEKE, José. **Die Kolonie Hammonia zu Ihren 25 Jahrigen Bestehen: Auf Veranlassung der Festkommission bearbeitet von José Deeke.** Blumenau: Tip. Baumgarten, 1992. *Tradução*: Edith Sophia Eimer - *Colônia Hammonia no seu 25º. ano de Fundação.*
- DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento.** Blumenau, Nova Letra, 1995. *Tradução*: Edith S. Eimer.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ENTRESS, Alberto (org.) **Gedenkbuch zur Jahrhundert-feier Deutscher Einwanderung Santa Catarina.** Florianópolis, Livraria Central, 1929. *Tradução*: Gertrudes Scheltzke, 1996. *Livro Comemorativo dos Festejos do Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina.* Capítulos escritos por José Deeke.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina.** São Paulo, 1991. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em História) - PUC/SP.
- \_\_\_\_\_. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forence-Universitária, 1986.
- FREITAS, Ingrid A. Assmann de. **A Máscara cai: o imigrante alemão no contexto da obra ammoniana.** Assis - SP: 1989 Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP/Assis.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.) **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.
- FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e Trabalho Alemão: outros usos e outros produtos do labor humano..** Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História)
- GAY, Peter. **Freud para Historiadores.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GERTZ, René. **O Fascismo no sul do Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O Perigo Alemão.** Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Valter Manoel. **Formas do Pensamento Historiográfico Catarinense**. Florianópolis: 1985. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC.
- HALBSWACH, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- HUBER, Valburga. **Saudade e Esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura**. Blumenau, Ed. FURB, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Saudade X Esperança: dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura**. Rio de Janeiro: 1979. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - UFRJ.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro - Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 102.
- LALLEMANT, Robert Avé. **Viagens pela Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo - 1858**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- LE GOFF, Jacques (et alli). **A Nova História**. Portugal, Edições 70, 1989.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. **Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil**. Campinas: 1993. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- MAYER, Arno J. **A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas - RS: Ed. ULBRA, 1994.

- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Ática, 1985.
- ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da Identidade Nacional**. Campinas: Pontes, 1993.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Românticos e Folcloristas**. São Paulo: Olho d'Água, 1992.
- PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.
- PIAZZA, Walter F. **Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico 1896-1996**. Florianópolis: UDESC/IHGSC, 1996. ↙
- PUFF, Lia Carmen. **O Processo de Tradução do Conto "Uma Enteada da Natureza" de Gertrud Gross Hering**. Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) UFSC.
- RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. Florianópolis: Ed. UFSC. Blumenau: Ed. FURB, 1986.
- ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. V. 2 - Porto Alegre**: Editora Globo, 1969.
- SALIBA, Elias Thomé. **As Utopias Românticas**. São Paulo: Brasiliense, 1991. \_
- SCHAPOCHNIK, Nelson. **Letras de Fundação: Varnhagen e Alencar - Projetos de Narrativa Instituinte**. São Paulo: 1992. Dissertação (Mestrado em História) USP. ↙
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1990.

- \_\_\_\_\_. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis, Fundação Cata-rinense de Cultura, 1981.
- SILVA, José Ferreira da. **A Imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Gov. Estado - SC, 1977.
- \_\_\_\_\_. **História de Blumenau**. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1988.
- SILVA, Zedar Perfeito da. **O Vale do Itajaí**. Rio de Janeiro: Min. da Agricultura, 1954.
- SKIDMORE, Thomas E. **O Brasil visto de fora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: Ed. UnB, 1995.
- WEBER, João Hernesto. **A Nação e o Paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- WHITE, Hayden. **Meta-história: a Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- WILLEMS, Emílio. **Assimilação e Populações Marginais no Brasil**. São Paulo, Brasiliana, 1940.
- \_\_\_\_\_. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. São Paulo: Brasiliana, 1980.
- WOLFF, Cristina S. **As Mulheres da Colônia Blumenau - Cotidiano e Trabalho (1850-1900)**. São Paulo: 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## **7 - LOCAIS PESQUISADOS**

- Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” - Blumenau/SC.
- Arquivo Particular “Niels Deeke” - Blumenau/SC.
- Biblioteca “Martinho Cardoso da Veiga” - FURB - Blumenau/SC.
- Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller” - Blumenau/SC.
- Biblioteca Central da UFSC - Florianópolis/SC.

## **ANEXOS**

**RELAÇÃO PARCIAL DAS OBRAS  
DE AUTORIA DE JOSÉ DEEKE**

Assunto: História

- 01 - **DEEKE, JOSÉ.** EIN KIND DER KOLONIE. (*Um Filho da Colônia*)  
Alemão - Datilografado - **Inédita** - 162 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 869 D295e  
Obs.: Descrição da infância, juventude, iniciação profissional e recordações íntimas do autor no cotidiano da Colônia Blumenau, utilizando nomes fictícios.  
Época aproximada: 1914.
- 02 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE HANSEATISCHEN KOLONIE IN STAATE SANTA CATHARINA, BRASILIEN, ZUR AUSKUNFTERTEILUNG AN AUSWANDERUNGSLÜSTIGE, VEROFFENTLINCHUNG DER HANSEATISCHEN KOLONISATIONS GESELLSCHAFT. m. b. H., BLUMENAU. (*A Colônia Hanseática no Estado de Santa Catarina, Brasil, Publicação com o objetivo de fomentar a Emigração*)  
Alemão - Impresso - Blumenau, Tip. Baumgarten, 1920 - 11p.  
Obs.: A mesma obra foi impressa 1 ano depois (1921).  
Citada pelo Livro do "Centenário de Blumenau" - Edição da Comissão dos Festejos - Blumenau, 1950 - p. 452.
- 03 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE HANSEATISCHEN KOLONIE IN STAATE SANTA CATHARINA, BRASILIEN, ZUR AUSKUNFTERTEILUNG AN AUSWANDERUNGSLÜSTIGE, VEROFFENTLINCHUNG DER HANSEATISCHEN KOLONISATIONS GESELLSCHAFT. m. b. H., BLUMENAU. (*A Colônia Hanseática no Estado de Santa Catarina, Brasil, Publicação com o objetivo de fomentar a Emigração*)  
Alemão - Impresso - 1921 - 16 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 D311h  
Obs.: A mesma obra foi impressa com aditivos e completada, aumentada e publicada 5 anos depois (1927).
- 04 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE HANSEATISCHEN KOLONIE. (*A Colônia Hanseática*)  
Alemão - Impresso in "Uhle's Kalender" - Curitiba - 1921 - p. 73-75  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 UHL KAL
- 05 - **DEEKE, JOSÉ.** ZUR GESCHICHTE DER KOLONISATION MIT DEUTSCHEN AM UNTEREN ITAJAHY - Vor der Gründung Blumenaus. (*Para a História da Colonização Alemã no Baixo-Itajaí - Antes da Fundação de Blumenau*)  
Alemão - Impresso in "BLUMENAUER ZEITUNG" - n° 8 - Ano 41 - 26 de janeiro de 1922 - p. 2.  
Loc.: A.H.J.F.S. - BZ 25 (Seção Periódicos)

- 06 - **DEEKE, JOSÉ.** WAS ALTE ZEITUNGEN ERZAEHLEN. (*O que contam os antigos jornais*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - n° 40 - Blumenau, 7/10/1922 - Série "Erinnerungen" = "Recordações"  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 51
- 07 - **DEEKE, JOSÉ.** DEUTSCHBRASILIANISCH. (*O Brasileiro de Origem Germânica*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" - Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote" - n° 46 - São Paulo, 18/11/1922 - 1ª parte e n° 47 - 2ª parte.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 51
- 08 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE KOLONIE HAMMONIA ZU IHREN 25 JAHRIGEN BESTEHEN: Auf Veranlassung der Festkommission bearbeitet von José Deeke - Direktor Der Hanseatischen Kolonien Hammonia - 1897-1922. (*A Colônia Hammonia no seu 25º ano de Fundação: elaborado para a Comissão de Festejos por José Deeke - Diretor da Companhia Colonizadora Hanseática em Hammonia - 1897-1922*).  
 Alemão - Impresso - Blumenau, Tip. Baumgarten, 1922 - Traduzida - 112 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 DEE-DIE  
Tradução: A.H.J.F.S. in "Blumenau em Cadernos" - Tomo XXIX - n° 11/12 - p. 318-333 - 1988.
- 09 - **DEEKE, JOSÉ.** EIN FALL AUS DER TYRANNEN ZEIT. (*Um Caso da Época dos Tiranos*)  
 Alemão - Manuscrito - Traduzida - Inédita - 7 p.  
 Loc.: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" (A.H.J.F.S.) - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 43.  
 Obs.: Época aproximada: 1922.
- 10 - **DEEKE, JOSÉ.** DEUTSCHBRASILIANISCH. (*O Brasileiro de Origem Germânica*)  
 Alemão - Impresso in "Die Neue Heimat" - Curitiba, 31/08/1923 - p. 346-350.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 51
- 11 - **DEEKE, JOSÉ.** RELAÇÃO DAS DATAS HISTÓRICAS E INFORMAÇÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DA COLÔNIA BLUMENAU - Até o ano de 1925.  
 Português - Manuscrito (existente no Instituto Hans Staden) - São Paulo - 27 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 D311d
- 12 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE KOLONISATION DES ITAJAHY-GEBIETES: Betrachtungen zum 75 Jahreigen Jubiläum der Gründung der Kolonie Blumenau. (*A Colonização da Região do Itajaí, considerações para o Jubileu dos 75 Anos da Fundação da Colônia Blumenau*)  
 Alemão - Impresso in "Der Urwaldsbote" - Blumenau, fevereiro/1926 (edição festiva) - 6 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - UR 52/UR 53 (Seção de Periódicos)
- Subtítulos:  
 1- Die Kolonisation des Itajahy-Gebietes (*A Colonização da Região do Itajaí*)  
 2- Die Mitarbeiter Dr. Blumenaus (*Os Colaboradores do Dr. Blumenau*)

- 3- Politisches, Wirtschaftliches und Soziales (*Políticas, Econômicas e Assistenciais*)
- 4- Dir Wirtschaftliches Entwicklung Blumenau (*A Evolução Econômica de Blumenau*)
- 5- Übersicht über die Entwicklung des evangelischen Gemeindelebens in Blumenau  
(*Aspectos sobre o Desenvolvimento da Comunidade Evangélica em Blumenau*)
- 6- Geschichte der Evangelisch-Lutherischen Pfarrgemeinde Indaial (*História da Paróquia Evangélica Luterana de Indaial*)
- 7- Kurze statistische und historische Ausstellung über die Einwanderung deutscher Kolonisten Katholischer Konfession in Blumenau (*Resumida Exposição Histórica e Estatística sobre a Imigração dos Colonos Alemães de Confissão Católica em Blumenau*)
- 8- Unsere Kolonie Schulen (*Nossas Escolas Coloniais*)
- 9- Ein Besuch bei den Botokuden am Rio Plate (*Uma Visita aos Botocudos no Rio Plate*).  
Obs.: Contém 39 estampas.
- 13 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE HANSEATISCHEN KOLONIE IN STAATE SANTA CATHARINA, BRASILIEN, ZUR AUSKUNFTERTEILUNG AN AUSWANDERUNGSLÜSTIGE, VEROFFENTLINCHUNG DER HANSEATISCHEN KOLONISATIONS GESELLSCHAFT. m. b. H., BLUMENAU. (*A Colônia Hanseática no Estado de Santa Catarina, Brasil, Publicação com o objetivo de fomentar a Emigração*)  
Alemão - Impresso - 1927 - 19 p. - 2 mapas - sem citação do nome do autor.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **COLONIZAÇÃO/IMIGRAÇÃO** - Sociedade Colonizadora Hanseática - Diversos - 2.3.5.7. - doc. 08.  
Obs.: Contém 2 mapas; livro sem citação do nome do autor.
- 14 - **DEEKE, JOSÉ.** DER TAYÓ BERG. (*O Morro do Taió*)  
Alemão - Impresso in "Der Urwaldsbote" - n° 8 - Blumenau, 26/07/1929 - 1 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - UR 63/UR 64 (Seção de Periódicos)
- 15 - **DEEKE, JOSÉ.** GESCHICHTE DES BUNDESSTAATES SANTA CATHARINA - Kurzer Überblick von José Deeke. (*História do Estado de Santa Catarina - Sinopse de José Deeke*)  
Alemão - Impresso in "Aus Zur Jahrhunder-Feier, Herausgegeben von G. Artur Koehler" - (2 Heft) - ("Folheto Comemorativo das Festividades do Centenário da Imigração Alemã" - publicado por G. Arthur Koehler) - Blumenau, 1929 - p. 2-8  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 61
- 16 - **DEEKE, JOSÉ.** HUNDERT JAHRE DEUTSCHTUM IN SANTA CATHARINA. (*Cem Anos de Teuto-Brasileiros em Santa Catarina*)  
Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1930" - São Leopoldo - Rotermund & Co. - p. 39- 48.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 17 - **DEEKE, JOSÉ.** BLUMENAUER UNKUEMER. (*Excêntricos Blumenauenses*)  
Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 9 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 39.  
Obs.: Sem data.

Assunto: Romance

- 18 - **DEEKE, JOSÉ. SILVANA.** (*Silvana*)  
Em Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1925" - São Leopoldo - Rotermund & Co. - p. 149-169.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 19 - **DEEKE, JOSÉ. DIE INDIANERIN.** (*A Índia*)  
Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 191 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 77.  
Obs.: Época aproximada da obra - 1926.
- 20 - **DEEKE, JOSÉ. CARLOS DA CAPA BLANCA: Die Geschichte eines Verschollenen.** (*Carlos da Capa Blanca: a História de um Expatriado - olvidado pelos seus conterrâneos*)  
Alemão - Datilografado - **Inédita** - 256 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 869 D311c  
Obs.: Época aproximada da obra - 1930.

Assunto: Novela

- 21 - **DEEKE, JOSÉ. OKKULTISMUS.** (*Ocultismo*)  
Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 30 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 64.  
Obs.: Época aproximada da obra - 1927
- 22 - **DEEKE, JOSÉ. ALBERTO KORFELD.** (*Alberto Korfeld*)  
Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1929" - São Leopoldo - Rotermund & Co. - p. 80- 96.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 23 - **DEEKE, JOSÉ. ESPERANTO.** (*Esperanto*)  
Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1931" - São Leopoldo - Rotermund & Co. - p. 87- 104.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k

Assunto: Conto

- 24 - **DEEKE, JOSÉ. GEORG KNOLL**. (*Georg Knoll*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") São Paulo, 23/09/1921 - p. 3-4.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 25 - **DEEKE, JOSÉ. WAHRE TRAUME** - "Erinnerungen von José Deeke". (*Sonhos Re-  
 ais - Recordações por José Deeke*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - São Paulo, 30/9/1922 - p. 5-8  
 Loc.: Arquivo "Niels Deeke" (A.N.D.)
- 26 - **DEEKE, JOSÉ. NEULINGSPLANE**. (*Projetos Iniciais*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - n° 49 - São Paulo, 9/12/1922 - 1ª parte e n° 50 - São Paulo, 16/12/1922 - 2ª parte)  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 27 - **DEEKE, JOSÉ. SONNTAGSJAGEREI**. (*Caçadas de Domingo*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - n° 63 - São Paulo, 10/02/1923 - 1ª parte e n° 64 - 2ª parte.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 28 - **DEEKE, JOSÉ. DER JABOTICABABAUM**. (*A Jaboticabeira*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - São Paulo, 26/05/1923 - 2 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 29 - **DEEKE, JOSÉ. GESPENSTER**. (*Fantasma*)  
 Alemão - Impresso in "Die Neue Heimat" - Curitiba, Julho de 1923 - p. 288-291.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 30 - **DEEKE, JOSÉ. DER WALDNARR**. (*O Bobo da Floresta*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - n° 47 - São Paulo, 24/11/1923 - 4 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 31 - **DEEKE, JOSÉ. AM 7 SEPTEMBER 2022**. (*Em 7 de Setembro 2022*)  
 Alemão - Impresso in "Uhle's Jahrbuch - 1923" - São Paulo - p. 49-53.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 UHL KAL

- 32 - **DEEKE, JOSÉ.** EINE JADGESCHICHTE. (*Um Conto de Caçada*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - São Paulo, s.d.  
 Loc.: A.N.D.  
 Obs.: Época aproximada - 1923.
- 33 - **DEEKE, JOSÉ.** WALDESZAUBER - Skisse von José Deeke. (*O Feitiço das Flores-  
 tas - Resumo de José Deeke*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1924" - São Leopoldo  
 - Rotermund & Co. - p. 113-117.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 34 - **DEEKE, JOSÉ.** DOPPELSINNIGE WORTE. (*Frases de Duplo Entendimento*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1924" - São Leopoldo  
 - Rotermund & Co. - p. 235-243.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 35 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE FREUNDSCHAFT. (*A Amizade*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1927" - São Leopoldo  
 - Rotermund & Co. - p. 161-209.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 36 - **DEEKE, JOSÉ.** IEDEM DAS SEINE. (*A cada qual o que é seu*)  
 Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 15 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 69.  
 Obs.: Época aproximada da obra - 1928.
- 37 - **DEEKE, JOSÉ.** REISEUNANNEHMLICHKEITEN. (*Desprazeres de Viagem*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1931" - São Leopoldo  
 - Rotermund & Co. - p. 195-229.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k
- 38 - **DEEKE, JOSÉ.** UM DAS BRASIL-DEUTSCHTUM. (*Em Defesa do Patrimônio  
 Teuto-Brasileiro*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1932" - São Leopoldo,  
 Rotermund & Co - p. 49-71.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k  
 Obs.: Abordagem dos aspectos dualistas, políticos, ideológicos e raciais.
- 39 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE HEXE. (*A Bruxa*)  
 Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 21 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 68.
- 40 - **DEEKE, JOSÉ.** DER FALSCHER HUNDERTER. (*O Falso Milionário*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbo-  
 te") - São Paulo, s.d.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51

- 41 - **DEEKE, JOSÉ.** HERMANN WOLTERTS KUNSTREISE - Humoreske. (*Hermann Wolterts e sua hábil viagem*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - 1ª parte 2 p. - 2ª parte 3p. - São Paulo, s.d.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 42 - **DEEKE, JOSÉ.** PACIENCIA. (*Paciência*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - São Paulo, s.d. - 1ª parte 4 p. - 2ª parte 3 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51

Assunto: Política

- 43 - **DEEKE, JOSÉ.** AUF DEM WEGE DER POLITIK - Was ein "politischer Anhaenger" erlebte. (*A Trajetória da Política - O que um partidário político conviveu*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1923" - São Leopoldo - Rotermund & Co - p. 231- 261.  
 Loc.: A.H.J.F.S. V 059 K14k  
 Obs.: História da última década do século XIX.
- 44 - **DEEKE, JOSÉ.** ERHALTUNG DES DEUTSCHTUMS IN BRASILIEN. (*Preservação do Teuto-Brasileiro no Brasil*)  
 Alemão - Impresso in "Der Urwaldsbote" - N° 23 - Blumenau, 17/09/1929 - p. 1  
 Loc.: A.H.J.F.S. - UR 63/UR 64 (Seção de Periódicos)
- 45 - **DEEKE, JOSÉ.** DREI STERNE DES BRASIL - DEUTSCHTUMS IN SANTA. (*Três Estrelas Teuto-Brasileiras em Santa Catarina*)  
 Alemão - Impresso in "Aus zur Jahrhundert-Feir, Heraus gegeben von G. Arthur Koehler" - 2 Heft ("Folheto comemorativo das festividades do Centenário da Imigração Alemã, publicado por G. Arthur Koehler" - 2 Cadernos) - Blumenau, 1929 - p. 22-23.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 62  
 Obs.: Três estrelas: Victor, Adolpho e Marcos Konder.

Assunto: Genealogia

- 46 - **DEEKE, JOSÉ.** CHRONIK DER FAMILIE DEEKE - Zusammengestellt von José Deeke (1662 a 1925). (*Crônica da Família Deeke - organizada por José Deeke - 1662 a 1925*)  
 Alemão - Datilografado - **Inédita** - Hammonia, 1925 - 41 p.  
 Loc.: A.N.D.

Assunto: Ficção

- 47 - **DEEKE, JOSÉ.** KLIO NEMUS: Skisse. (*Klio Nemus: Resumo*)  
 Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 15 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 66.  
 Obs.: Época aproximada da obra - 1925.
- 48 - **DEEKE, JOSÉ.** DER BUERGERMEISTER. (*O Prefeito*)  
 Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 18 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 67.  
 Obs.: Época aproximada da obra - 1930.
- 49 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE LEBENSVERSICHERUNG. (*O Seguro de Vida*)  
 Alemão - Manuscrito - **Inédita** - 7 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 70.  
 Obs.: Época aproximada da obra - 1930.

Assunto: Ciências Naturais

- 50 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE SCHMAROTZERPFLANZE. (*A Parasita - Ervas de Passarinho*)  
 Alemão - Impresso in "Kalender für Die Deutschen in Brasilien - 1928" - São Leopoldo - Rotermund & Co - p. 161- 163  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 K14k

- 51 - **DEEKE, JOSÉ.** SCHOENE ORCHIDEN. (*As Bonitas Orquídeas*)  
Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - São Paulo, s.d. - 2 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51  
Obs.: Época aproximada - 1928.
- 52 - **DEEKE, JOSÉ.** DER NATURFORSCHER. (*O Pesquisador da Natureza*)  
Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - São Paulo, s.d. - 3 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51  
Obs.: Época aproximada - 1928.
- 53 - **DEEKE, JOSÉ.** HERVA MATE UND SEINE KULTUR. (*A Herva Mate e a sua Cultura*)  
Alemão - Impresso - (sem indicação de fonte)  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 60  
Obs.: Época aproximada - 1928.
- 54 - **DEEKE, JOSÉ.** HÜHNERZUCHT UND EIERERPORT. (*Criação de Galinhas e Produção de Ovos*)  
Alemão - Impresso in "Kolonie, Haus und Hof" - Suplemento Especial do Colono - Separata do Jornal "Der Urwaldsbote" - n° 59 - Blumenau, 22/01/1929.  
Loc.: A.H.J.F.S. - UR 63/ UR 64 (Seção Periódicos)
- 55 - **DEEKE, JOSÉ.** ETWAS UBER DIE BANANE. (*Algo sobre Bananas*)  
Alemão - Impresso in "Kolonie, Haus und Hof" - Suplemento Especial do Colono - Separata do Jornal "Der Urwaldsbote" - n° 98/99 - Blumenau, 06/06/1930 - 1 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - UR 66/UR 67 (Seção Periódicos)
- 56 - **DEEKE, JOSÉ.** RESERVAS FLORESTAIS E REFLORESTAMENTO.  
Português - Impresso in "Der Holzmarkt" = "Mercado de Madeiras" (Periódico da "Liga das Serrarias de Blumenau") - Ano 1 - n° 3 - Blumenau, set. 1930.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 553 H763h

Assunto: Antropologia

- 57 - **DEEKE, JOSÉ.** FALSCHER INDIANERGRABER. (*Falso Cemitério Indígena*)  
 Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - n° 37 - São Paulo, 16/09/1922.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 51
- 58 - **DEEKE, JOSÉ.** DIE BOTOKUDEN AM RIO PLATE. (*Os Botocudos no Rio Plate*)  
 Alemão - Impresso in "Uhle's Jahrbuch 1923 - São Paulo - p. 77-80 - com seis estampas - Traduzida.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 059 UHL KAL  
Tradução: A.H.J.F.S. in "Blumenau em Cadernos" - Tomo XXIX - janeiro de 1988 - p. 17-21
- 59 - **DEEKE, JOSÉ.** ETWAS VON DEN BOTOKUDEN. (*Algo dos Botocudos*)  
 Alemão - Impresso in "Der Urwaldsbote" - Blumenau 06/08/1929 - p. 02  
 Loc.: A.H.J.F.S. - UR 63/ UR 64 (Seção Periódicos)

Assunto: DIVERSOS

- 60 - **DEEKE, JOSÉ.** A SERENATA DO TROPEIRO (Toada/Poema)  
 Português - Datilografado - 1 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 72.  
 Obs.: Elaborada por volta de 1897, com motivos regionais do planalto de Santa Catarina.
- 61 - **DEEKE, JOSÉ.** PROTESTO.  
 Alemão - Impresso in "Blumenauer Zeitung" - Ano 18 - n° 40 - Blumenau, 07/10/1899 - p. 3  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 73.  
 Obs.: Protesto asseverando cumprimento de formalidades legais - suposto 1° artigo impresso do autor.
- 62 - **DEEKE, JOSÉ.** MEMORANDUM ZUR AUSTELLUNG UND UNTERHALTUNG EINER KRANKENSCHWESTER IM HOSPITAL ZU HAMMONIA - 1914. (*Memo-rando para ser observado e utilizado pelas Enfermeiras do Hospital de Hammonia*)  
 Alemão - Datilografado - Original - 3 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 74.

- 63 - **DEEKE, JOSÉ.** DIÁRIOS.  
Parcial Alemão/Parcial Português - Manuscrito - 1919 (02/01/1919), 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1929, 1930, 1931 (16/08 - última anotação) - **Inédita.**  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Em 25/08/1931 sua esposa Emma Deeke encerra o diário com o relato circunstanciado do seu passamento, em 24/08/1931.
- 64 - **DEEKE, JOSÉ.** AUS MEINER SCHULZEIT. (*Do meu Período Escolar*)  
Alemão - Impresso in "Polyanthea do Colégio Santo Antônio" - 1927 - 7 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 COL POL
- 65 - **DEEKE, JOSÉ.** SINNSPRÜCHE. (*Provérbios*)  
Alemão - Manuscrito - Hammonia, dezembro/1928. - 2 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 54
- 66 - **DEEKE, JOSÉ.** DESENHOS A NANQUIM.  
Anta (Tapir), 1/17 nat. Grosse (*Tamanho 1/17 do natural adulto*)  
Jacaré, bras. Krokodil. 1/24 - 1/48 nat. Grosse (*Tamanho 1/24 - 1/48 do natural adulto*)  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 71.
- 67 - **DEEKE, JOSÉ.** CIRCULAR AN KRANKENHAUS - HAMMONIA. (*Circular para a Administração do Hospital de Hammonia*)  
Alemão - Datilografado - Original - 2 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 75.
- 68 - **DEEKE, JOSÉ.** SATZUNGEN FÜR DAS KRANKENHAUS "SANTA CATHARINA" IN BLUMENAU. (*Estatutos do Hospital "Santa Catharina" em Blumenau*)  
Alemão - Datilografado - Original - 2 p.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção **FAMÍLIAS** - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 76.

## OBRAS SEPARADAS

- 69 - **DEEKE, JOSÉ.** DAS MUNIZIP BLUMENAU UND SEINE ENTWICKELUNGSGESCHICHTE - IN DREI BANDEN. (*O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento - Em 3 volumes*)  
 Alemão - Impresso in Verlag Rotermund & Co. - São Leopoldo, 1917 - Traduzido -  
 1ª parte: 95 p. - 2ª parte: 160 p. - 3ª parte: 109 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 D295m  
 Tradução: A.H.J.F.S. - V 981 D311m.  
 Obs.: Obra referida na Enciclopédia "BROCK-HAUS" Der Grosse Brock Haus F. A. BrockHaus - Wiesbaden Zwolf Bande - Zeiter Band - Ano 1953 - p. 178-179.

### Primeira Parte

- 69.1 - VORWORT. (*Prólogo*) - p. 05
- 69.2 - DAS HEUTIGE BLUMENAU. (*Blumenau de Hoje*) - p. 07-19.
- 69.3 - DIE ANFANGE DER KOLONISATION IN BRASILIEN. (*O Início da Colonização no Brasil*) - p. 19-29.
- 69.4 - DIE ART DER BODENVERTEILUNG VOR UND NACH DER GRÜNDUNG BLUMENAU. (*A Divisão das Terras Antes e Depois da Fundação de Blumenau*) - p. 29-34.
- 69.5 - DR. HERMANN BLUMENAU. (*Dr. Hermann Blumenau*) - p. 35- 42.
- 69.6 - DIE GRÜNDUNG BLUMENAU. (*A Fundação de Blumenau*) - p. 43-46.
- 69.7 - BLUMENAU ALS PRIVATKOLONIE. (*Blumenau como Colônia Particular*) - p. 46-66.
- 69.8 - BLUMENAU ALS REGIERUNGSKOLONIE. (*Blumenau como Colônia do Governo*) - p. 67-95.

### Segunda Parte

- 69.9 - DIE EMANZIPATION DER KOLONIE BLUMENAU: DAS VORSPIEL UND DIE NACHWEHEN. (*A Emancipação da Colônia Blumenau: o Prólogo e as Conseqüências*) - p. 05-12.
- 69.10 - DAS HOCHWASSER VON 1880. (*A Enchente de 1880*) - p. 12- 29.

- 69.11 - DAS MUNIZIP BLUMENAU BIS ZUM STURZE DER MONARCHIE. (*O Município de Blumenau até a Queda da Monarquia*) - p. 30-56.
- 69.12 - DIE ERKLARUNG DER REPUBLIK: VORKLANGE UND IHRE WIRKUNG AUF DAS MUNIZIP BLUMENAU. (*A Proclamação da República: Causas e Conseqüências no Município de Blumenau*) - p. 56-81.
- 69.13 - DIE REVOLUTIONNSJAHRE. (*O Período da Revolução*) - p. 82-160.

### **Terceira Parte**

- 69.14 - NACH DER REVOLUTION. (*Após a Revolução*) - p. 05-15.
- 69.15 - DIE NEUERE ZEIT. (*Os Tempos mais Recentes*) - p. 16-25.
- 69.16 - DAS VERMESSUNGSWESEN UND DIE LANDVERTEILUNG IN DER KOLONIE BLUMENAU. (*O Sistema de Demarcação de Terras e a Distribuição de Lotes na Colônia Blumenau*) - p. 25-42.
- 69.17 - DIE INDIANERFRAGE. (*A Questão Indígena*) - p. 42-109.
- 70 - DEEKE, JOSÉ. "ERINNERUNGEN". ("Série Recordações")**  
**Em Alemão - Impresso in "Hausfreund" (Encarte distribuído com o Jornal "Der Urwaldsbote") - Artigos a partir do nº 45 do ano 1920**  
**Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção FAMILIAS - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 51**
- 70.1 - ERINNERUNGEN. (*Recordações*) - "Hausfreund" - nº 45 - 06/11/1920 - p. 10-12.
- 70.2 - CANUDINHOS. (*Canudinhos*) - "Hausfreund" - nº 51 - 18/12/1920 - p. 13-16.
- 70.3 - DER SCHATZ DES ALTEN CAETANO. (*O Tesouro do Velho Caetano*) - "Hausfreund" - nº 03 - 15/01/1921 - p. 17-19
- 70.4 - EINE BUGERJAGD. (*Uma Caçada de Bugres*) - "Hausfreund" - nº 06 - 05/02/1921 - p. 17-19
- 70.5 - AUS DER REVOLUTION VON 1893. (*Sobre a Revolução de 1893*) - "Hausfreund" - nº 09 - 26/02/1921 - p. 10-15
- 70.6 - GLÜCK UND UNGLÜCK. (*Sorte e Azar*) - "Hausfreund" - nº 14 - 02/04/1921 - p. 13-14

- 70.7 - GELEGENHEITS-KOMMERS IN URWALD. (*Oportunidades de Comércio na Selva*) - "Hausfreund" - n° 18 - 30/04/1921 - p. 17-19
- 70.8 - WALDMANN. (*Mateiro*) - "Hausfreund" - n° 23 - 11/06/1921 - p. 17-19
- 70.9 - SPRECHENDE PAPAGEIEN. (*Papagaios Falantes*) - "Hausfreund" - n° 28 - 09/07/1921 - p. 11-12
- 70.10 - AUF DER ORCHIDEENSUCHE. (*Acerca da Procura de Orquídeas*) - "Hausfreund" - n° 33 - 13/08/1921 - p. 10-12
- 70.11 - AM RIO URUGUAY. (*No Rio Uruguay*) - "Hausfreund" - n° 46 - 12/11/1921 - p. 16-21
- 70.12 - DAS DORF. (*A Aldeia*) - "Hausfreund" - n° 08 - 18/02/1922 - p. 18-22

- 71 - **DEEKE, JOSÉ. AM LAGERFEUER**. (*Ao Redor da Fogueira*)  
Em alemão - Datilografada - **Inédita** (com publicação do n° 71.12 - "Der Minhocão"  
- 3 Tomos  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 DEE LAG  
Obs.: Época aproximada: 1927.

### **1º TOMO**

- 71.1 - AUF KAMPWEGEN. (*Nos Caminhos do Planalto*) - p. 1-12.
- 71.2 - DIE ENTDECKUNG DES SPITZKOPFES. (*A Descoberta do Spitzkopf*) - p. 12-20.
- 71.3 - REISETAGE. (*Jornadas de Viagem*) - p. 21-22.
- 71.4 - AUF DER FAZENDA "CAMPO DO RETIRO". (*Na Fazenda "Campo do Retiro"*) - p. 22-32.
- 71.5 - LANDMESSERLEBEN. (*Vida do Topógrafo-Agrimensor*) - p. 32-36.
- 71.6 - DER CAIPORA. (*O Caipora*) - p. 36-74.
- 71.7 - ZURUCK NACH DEM CAMPO DO RETIRO. (*De Volta ao Campo do Retiro*) - p. 75-78.
- 71.8 - NACH HAUSE. (*Para Casa*) - p. 78-84.

**2º TOMO**

- 71.9 - ZU HAUSE. (*Em Casa*) - p. 86-91.
- 71.10 - DER AUFBRUCH. (*A Partida*) - p. 91-94.
- 71.11 - DIE ERKUNDUNGSFAHRT. (*As Trilhas de Reconhecimento*) - p. 94-104.
- 71.12 - DER MINHOCÃO. (*O Minhocão*) - p. 105-118.  
Impresso in "Kalender für die Deutschen in Brasilien - 1933" - São Leopoldo - Rotermond & Co. - p. 217-266)
- 71.13 - EIN ABSTECHER. (*Um Demarcador*) - p. 118-123.
- 71.14 - MANIOCA. (*Mandioca*) - p. 123-126.
- 71.15 - RUECKKEHER. (*O Retorno*) - p. 126-132.
- 71.16 - UNTER DEN BOTOKUDEN. (*Sob os Botocudos*) - p. 132-147.
- 71.17 - DER TRANSPORT DES GEFAEHRLICHEN GLASBALLONS. (*O Transportes dos Perigosos Garrações*) - p. 147-154.
- 71.18 - BRASILIANISCHES. (*Brasileiros*) - p. 154-163.
- 71.19 - HEIMKEHR. (*Regresso ao Lar*) - p. 163-166.

**3º Tomo**

- 71.20 - WIEDER HINAUS. (*Novamente Fora*) - p. 168-178.
- 71.21 - AUF URWALDSWEGEN. (*Nos Picadões da Selva*) - p. 178-194.
- 71.22 - DER GEIST VON BARRA MORTA. (*O Espírito da Barra Morta*) - p. 194-241.
- 71.23 - AM RIO DOS MONOS. (*No Rio dos Bugios*) - p. 241-247.
- 71.24 - SCHICKSALSFÜGUNGEN. (*Disposições do Destino*) - p. 247- 256.

- 72 - DEEKE, JOSÉ. Títulos dos trabalhos literários constantes na obra consubstanciada por Gottfried Entres in "GEDENKBUCH ZUR JAHRHUNDERT-FEIR DEUTSCHER EINWANDERUNG IN SANTA CATARINA". (*Livro Comemorativo dos Festejos do Centenário da Imigração Alemã em Florianópolis*). Livraria Central - Alberto Entres e Irmão - 1929.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 ENT GED
- 72.1 - ERZÄHLUNGEN DES INDIANERDOLMETSCHERS JEREMIA ÜBER SEINE ERLEBNISSE UNTER DEN BOTOKUDEN. (*Conto do Intérprete Indígena Jeremias, sobre sua Vida com os Botocudos*) - p. 18-28.  
Tradução in:  
\* "Calendário Blumenauense - 1934" - p. 93-102 sob o título "Aventuras de Jeremias".  
\* "Revista O Vale do Itajaí - Centenário de Blumenau" - 02/09/1950 - p. 57-61 sob o título "Aventuras de Jeremias"
- 72.2 - ERSTE ANFÄNGE DER KOLONISATION SANTA CATHARINAS - PERIODE BIS 1848. (*Primórdios da Colonização em Santa Catarina - Período até 1848*) - p. 28, 28A, 28B, 29
- 72.2.1 - S. PEDRO DE ALCANTARA, die erste deutsche Kolonie in Santa Catharina. (*São Pedro de Alcantara, a Primeira Colônia Alemã em Santa Catarina*) - p. 29-31.
- 72.2.2 - DIE DEUTSCHEN VON MAFRA UND CORRISCO. (*As Colônias Alemãs Mafra e Corrisco*) - p. 32-33.
- 72.2.3 - DIE ALTEN KOLONIEN AM RIO ITAJAHY. (*As Antigas Colônias no Rio Itajaí*) - p. 33-34.
- 72.2.4 - DIE KOLONIE VARZEA GRANDE. (*A Colônia Varzea Grande*) - p. 34.
- 72.2.5 - KOLONIE PIEDADE. (*Colônia Piedade*) - p. 34.
- 72.2.6 - KOLONIE SANTA ISABEL. (*Colônia Santa Isabel*) - p. 34.
- 72.2.7 - KOLONIE LEOPOLDINA. (*Colônia Leopoldina*) - p. 35.
- 72.2.8 - AUSBREITUNG DES DEUTSCHTUMS AUSSERHAB DER KOLONIEN. (*Expansão dos Teuto-Brasileiros além da Colônia*) - p. 35.
- 72.3 - DIE INTENSIVERE DEUTSCHE KOLONISATION IN SANTA CATHARINA - PERIODE VON 1848 BIS 1900. (*A Intensiva Colonização Alemã em Santa Catarina - Período de 1848 até 1900*)
- 72.3.1 - DIE KOLONIE BLUMENAU. (*A Colônia Blumenau*) - p. 40- 43.
- 72.3.2 - DIE KOLONIE DONA FRANCISCA. (*A Colônia Dona Francisca*) - p. 50-53
- 72.3.3 - DIE KOLONIE SÃO BENTO. (*A Colônia São Bento*) - p. 53-54.
- 72.3.4 - ANDERE BEDEUTENDE SIEDLUNGEN. (*Outros Estabelecimentos Coloniais Importantes*)
- SANTA THEREZA, DIE MILITARKOLONIE. (*Santa Thereza, A Colônia Militar*) - p. 56.
- KOLONIE THERESOPOLIS. (*Colônia Theresopolis*) - p. 57.
- KOLONIE ANGELINA. (*Colônia Angelina*) - p. 57.
- DIE KOLONIE BRUSQUE, FRÜHER ITAJAHY. (*A Colônia Brusque, Anteriormente denominada Itajaí*) - p. 58-59.
- VERSCHIEDENE ERWAHNENSWERTE KOLONIEGRÜNDUNGEN. (*Várias Fundações Coloniais Dignas de Menção*) - p. 60, 60A, 60B, 61, 62.

- NEUGESTALTUNG DES KOLONISATIONSWESENS. (*A Nova Configuração do Carácter Colonizador*) - p. 62-63.
- DIE KOLONIE LUCENA, HEUTE ITAYOPOLIS. (*A Colônia Lucena, Hoje Itaiópolis*) - p. 63-64.
- PORTO UNIÃO. (*Porto União*) - p. 64.
- DIE HANSEATISCHEN KOLONIEN. (*A Colônia Hanseática*) - p. 64, 64a, 64b, 65, 66.
- KOLONIE JARAGUÁ. (*Colônia Jaraguá*) - p. 66.
  
- 72.4 - DIE KOLONISATION IM 20 JAHRHUNDERT. (*A Colonização no Século XX*) - p. 70.
- 72.4.1 - DIE NUCLEOS COLONIAES ANNITAPOLIS, ESTEVES JUNIOR UND RIO BRANCO. (*Os Núcleos Anitápolis, Esteves Junior e Rio Branco*) - p. 70.
- 72.4.2 - AUSBREITUNG DER PRIVATKOLONISATION. (*A Difusão da Colonização Privada*) - p. 72, 72a, 72b, 73, 74, 75.
  
- 72.5 - DAS KOLONISATIONSPROBLEM VON HEUTE. (*Os Problemas Atuais da Colonização*) - p. 100-102.
  
- 72.6 - WIEVIEL DEUTSCHSPRACHIGE LEBEN IN SANTA CATHARINA? (*Quantas Pessoas que falam o Alemão vivem em Santa Catarina?*) - p. 102-103 (Tabela).
  
- 72.7 - DIE FAUNA VON SANTA CATHARINA. (*A Fauna de Santa Catarina*) - p. 117-127.
  
- 72.8 - DIE FLORA VON SANTA CATHARINA. (*A Flora de Santa Catarina*) - p. 127-129.
- 72.8.1 - PALMENARTEN. (*Variedades de Palmas*) - p. 129.
- 72.8.2 - SCHLINGSFLANZEN. (*Trepadeiras - Cipós*) - p. 130.
- 72.8.3 - FARNE. (*Fetos*) - p. 130.
- 72.8.4 - ANDERE PFLANZENARTEN. (*Outras Variedades de Vegetais*) - p. 130.
- 72.8.5 - FRÜCHTE DES URWALDS. (*Frutas Silvestres*) - p. 131.
- 72.8.6 - MEDIZINPFLANZEN. (*Plantas Medicinais*) - p. 132.
  
- 72.9 - LANDWIRTSCHAFT UND VIEHZUCHT IN SANTA CATHARINA. (*Agricultura e Pecuária em Santa Catarina*)
- 72.9.1 - LANDWIRTSCHAFT. (*Agricultura*) - p. 146-149.
- 72.9.2 - VIEHZUCHT. (*Pecuária*) - p. 150-152.
  
- 73 - DEEKE, JOSÉ. DER BRASILIANISCHE BUNDESSTAAT SANTA CATHARINA: mit besonderer Hervorhebung der Deutschen Kolonisation - Setembro de 1929. (*O Estado de Santa Catarina no Brasil, com destaque para a Colonização Alemã*)  
 Alemão - Datilografado - 81 p.  
 Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção FAMÍLIAS - Família Deeke - 3.D.7. - doc. 63.

Obs.: Este título serviu para abrigar uma parte do texto que se destinava ao lançamento da obra que o autor pretendia denominar com o subtítulo: " **A Renovada História de Santa Catarina**", inconclusa em virtude de seu falecimento.

- 73.1 - EINLEITUNG. (*Introdução*) - p. 3
- 73.2 - LAGE, GRENZEN UND GROESSE. (*Posição Geográfica, Divisão Política e Dimensões Territoriais*) - p. 4.
- 73.3 - PHISISCHE BESCHAFFENHEIT UND KLIMA. (*Composição Física e Clima*) - p. 4-5.
- 73.4 - POLITISCHE ORGANISATION, BEVOELKERUNG. (*Densidade Populacional*) - p. 5-7.
- 73.5 - BILDUNG UND UNTERRICHT, RELIGION. (*Educação e Cultura, Religião*) - p. 7.
- 73.6 - LANDWIRTSCHAFT, VIEHZUCHT, JAGD UND FISCHEREI. (*Agricultura, Pecuária e Pesca*) - p. 7-8.
- 73.7 - HANDEL, VERKEHR, INDUSTRIE UND BERGBAU. (*Comércio, Comunicação, Indústria e Mineração*) - p. 8.
- 73.8 - DIE FLORA VON SANTA CATHARINA. (*A Flora de Santa Catarina*) - p. 9-17.
- 73.8.1 - PALMENARTEN. (*Espécies de Palmeiras*) - p. 17.
- 73.8.2 - STRAEUCHER UND BUESCHE. (*Arbustos e Sebes*) - p. 17.
- 73.8.3 - SCHLINGPLANZEN. (*Cipós*) - p. 17-18.
- 73.8.4 - FARNE. (*Fetos*) - p. 18.
- 73.8.5 - GRAMMINEEN. (*Gramíneas*) p. 18.
- 73.8.6 - ANDERE PFLANZENARTEN. (*Outras Variedades Vegetais*) - p. 18-20. -
- 73.9 - DIE FAUNA SANTA CATHARINAS. (*A Fauna de Santa Catarina*) - p. 21.
- 73.9.1 - SAEUGETIERS - AFFEN. (*Simeos - Macaco*) - p. 21.
- 73.9.2 - FLEDERMAEUSE (CHIROPTERA INSECTIVORA). (*Morcegos - Chiroptera Insectivora*) - p. 21.
- 73.9.3 - KATZENTIERE. (*Felinos*) - p. 22.
- 73.9.4 - BAEREN. (*Ursos*) - p. 22.
- 73.9.5 - WOELFE UND FUECHSE. (*Lobos e Raposas*) - p. 22.
- 73.9.6 - MARDER (MUSTELA). (*Martas*) - p. 22-23.
- 73.9.7 - NAGETIERE (GLIERES, RODENTIA). (*Roedores*) - p. 23.
- 73.9.8 - SCHWEINE. (*Suinos*) - p. 23.
- 73.9.9 - TAPIRE, HIRSCHE UND REHE. (*Anta, Veados e Antílopes*) - p. 23-24.
- 73.9.10- ZAHNLUECKER (EDENTATA, BRUTA). (*Desdentados*) - p. 24.
- 73.9.11- BEUTELTIER (MARSUPIALIA). (*Marsupiais*) - p. 24.

- 73.9.12- WASSERTIERE. (*Animais Aquáticos*) - p. 25.
- 73.9.13- VOEGEL. (*Pássaros*) - p. 25-29.
- 73.9.14- REPTILIEN, AMPHIBIEN. (*Répteis, Anfíbios*) - p. 29- 30.
- 73.9.15- FISCHE. (*Peixes*) - p. 30-31.
- 73.9.16- INSEKTEN UND ANDERE KLEINTIERE. (*Insetos e Outros Pequenos Animais*)  
- p. 31.
- 73.10 - DIE UREINWOHNER SANTA CATHARINAS. (*Antigos Moradores de Santa Catarina*) - p. 32-38.
- 73.11 - GESCHICHTE DES STAATES SANTA CATHARINA. (*História do Estado de Santa Catarina*).
- 73.11.1- DIE ANFAENGE VON 1500 BIS 1640. (*O Início de 1500 até 1640*) - p. 38-43.
- 73.11.2- DIE ERSTEN SIEDLUNGEN IN SANTA CATHARINA: VON 1640 BIS 1738.  
(*Os Primeiros Assentamentos Coloniais em Santa Catharina: de 1640 até 1738*) - p. 44-47.
- 73.11.3- SANTA CATHARINA ALS CAPITANIA: VON 1738 BIS 1822. (*Santa Catarina como Capitania: de 1738 até 1822*) - p. 47-53.
- 73.11.4- DIE PROVINZ SANTA CATHARINA: VON 1822 BIS 1889. (*A Província de Santa Catarina: de 1822 até 1889*) - p. 54- 64.
- 73.11.5- DER BUNDESSTAAT SANTA CATHARINA: VON 1889 BIS AUF DEN HEUTIGEN TAG. (*O Estado de Santa Catharina: de 1889 até os Dias de Hoje - 1929*) - p. 64-81.
- 74 - **DEEKE, JOSÉ**. "SANTA CATHARINAS GESCHICHTE". (*História de Santa Catarina*)  
**Alemão - Datilografado - Original - Inédito - 74 p.**  
**Loc.: A.H.J.F.S. - Coleção FAMÍLIAS - Família Deeke - 3.D.7 - doc. 65.**  
**Obs.: Estudo referente a "História de Santa Catarina", cujo conteúdo encontra-se parcialmente inserido no "Gedenkbuch zur Jahrhundert-feir Deutscher Einwanderung in Santa Catarina" de Gottfried Entres.**  
**Época aproximada: 1929.**
- 74.1 - ERSTE ANFANGE DER KOLONISATION SANTA CATHARINAS: PERIODE 1515 BIS 1848. (*Primórdios da Colonização de Santa Catharina Período 1515 até 1848 - Introdução*) - 3 p.  
**Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 28, 28A, 28B, 29.**
- 74.1.1 - S. PEDRO DE ALCANTARA, die erste deutsche Kolonie in Santa Catharina. (*São Pedro de Alcantara, a Primeira Colônia Alemã em Santa Catarina*) - 3 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 29-31

74.1.2 - DIE DEUTSCHEN VON MAFRA UND CORRISCO. (*As Colônias Alemãs Mafra e Corrisco*) - 3 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 32-33

74.1.3 - DIE DEUTSCHEN VON MAFRA UND CORRISCO. (*As Colônias Alemãs Mafra e Corrisco*) - 2 p.

74.1.4 - DIE ALTEN KOLONIEN AM RIO ITAJAHY. (*As Antigas Colônias no Rio Itajaí*) - 2 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 33-34

74.1.5 - DIE KOLONIE VARZEA GRANDE. (*A Colônia Varzea Grande*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 34

74.1.6 - KOLONIE PIEDADE. (*Colônia Piedade*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 34

74.1.7 - KOLONIE SANTA ISABEL. (*Colônia Santa Isabel*) - 2 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 34

74.1.8 - KOLONIE LEOPOLDINA. (*Colônia Leopoldina*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 35

74.1.9 - AUSBREITUNG DES DEUTSCHTUMS AUSSERHALB DER KOLONIEN. (*Expansão dos Teuto-Brasileiros além da Colônia*) - 2 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 35

74.2 - DIE INTENSIVERE DEUTSCHE KOLONISATION IN SANTA CATHARINA - PERIODE VON 1848 BIS 1900. (*A Intensiva Colonização Alemã em Santa Catarina - Período de 1848 até 1900*)

74.2.1 - DIE KOLONIE BLUMENAU. (*A Colônia Blumenau*) - 5 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "**Gedenkbuch**" - p. 40-43

74.2.2 - DIE KOLONIE DONA FRANCISCA. (*A Colônia Dona Francisca*) - 4 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 50-53

- 74.2.3 - DIE KOLONIE SÃO BENTO. (*A Colônia São Bento*) - 3 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 53-54.
- 74.2.4 - SANTA THEREZA, DIE MILITAERKOLONIE. (*Santa Thereza, a Colônia Militar*) - 1 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 56-57.
- 74.2.5 - KOLONIE THERESOPOLIS. (*Colônia Theresopolis*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 57.
- 74.2.6 - KOLONIE ANGELINA. (*Colônia Angelina*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 57-58.
- 74.2.7 - DIE KOLONIE BRUSQUE, FRÜHER ITAJAHY. (*A Colônia Brusque, anteriormente denominada Itajaí*) - 3 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 58-59.
- 74.2.8 - ANDERE KOLONIEGRÜNDUNGEN AUS ALTER ZEIT. (*Outras Antigas Fundações Coloniais*) - 3 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 60-62.
- 74.2.9 - NEUGESTALTUNG DES KOLONISATIONSWESENS. (*A Nova Configuração do Caráter Colonizador*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 62-63.
- 74.2.10- DIE KOLONIE LUCENA, HEUTE ITAYOPOLIS. (*Colônia Lucena, Hoje Itaiópolis*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 58-59.
- 74.2.11- PORTO UNIÃO. (*Porto União*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 64
- 74.2.12- DIE HANSEATISCHEN KOLONIEN. (*A Colônia Hanseática*) - 4 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 64, 64a, 64b, 65, 66.

- 74.2.13- KOLONIE JARAGUÁ. (*Colônia Jaraguá*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 66.
- 74.3. - DIE KOLONISATION IM 20 JAHRHUNDERT - Introdução. (*A Colonização no Século XX*) - 1 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 70.
- 74.3.1 - NUCLEO ANNITAPOLIS. (*Núcleo Anitápolis*) - 3 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 70-71.
- 74.3.2 - NUCLEO ESTEVES JUNIOR. (*Núcleo Esteves Junior*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 71.
- 74.3.3 - NÚCLEO RIO BRANCO. (*Núcleo Rio Branco*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 71-72
- 74.3.4 - AUSBREITUNG DER PRIVATKOLONISATION. (*A Difusão da Colonização Privada*) - 3 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 72, 72a, 72b, 73, 74, 75.
- 74.3.5 - DAS KOLONISATIONSPROBLEM VON HEUTE. (*Os Problemas Atuais da Colonização*) - 2 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 100-102.
- 74.3.6 - DIE LANDWIRTSCHAFT IN SANTA CATHARINA. (*Agricultura em Santa Catarina*) - 5 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch", sob o título "Landwirtschaft und Viehzucht in Santa Catharina" - p. 146-149.
- 74.3.7 - DIE VIEHZUCHT IM STAATE SANTA CATHARINA. (*Pecuária em Santa Catarina*) - 4 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch", sob o título "Landwirtschaft und Viehzucht in Santa Catharina" - p. 150-152.
- 74.4 - HERVA MATE. (*Herva Mate*) - 5 p.
- 74.5 - DIE FLORA VON SANTA CATHARINA. (*A Flora de Santa Catarina*) - 8 p.  
Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 127-132.
- 74.5.1 - KURZE ÜBERSICHT. (*Aspectos Gerais*) - 8 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 127-129.

74.5.2 - PALMENARTEN. (*Variedades de Palmas*) - 2 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 129.

74.5.3 - SCHLINGSFLANZEN. (*Trepadeiras - Cipós*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 129-130.

74.5.4 - FARNE. (*Fetos*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 130.

74.5.5 - ANDERE PFLANZENARTEN. (*Outras Variedades de Vegetais*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 130.

74.5.6 - FRÜCHTE DES URWALDS. (*Frutas Silvestres*) - 1 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 130-131.

74.5.7 - MEDIZINPFLANZEN. (*Plantas Mediciniais*) - 2 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - p. 131-132.

74.6 - DIE FAUNA VON SANTA CATHARINA - Kurze Übersicht. (*A Fauna de Santa Catarina - Aspectos Gerais*) - 9 p.

Obs.: Artigo original com acréscimos a partir do mesmo constante no "Gedenkbuch" - P. 117-126.

Assunto: **TRABALHOS CARTOGRÁFICOS - PLANTAS, MAPAS E LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS**

- 75 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA DO PERÍMETRO DA 1ª SEÇÃO DO EX-PATRIMÔNIO DO CONDE E DA CONDESSA D'EU NO VALE DO RIO ITAPOCU, DA QUAL É CONCESSIONÁRIA A SOCIEDADE COLONIZADORA HANSEÁTICA DE HAMBURG. (Escala 1:100.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim - papelão.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Registrada sob nº 210 - Perímetro no Itapocu.  
Terras fronteiriças: Campos dos Ferreiras, São Bento, Terras de Jourdan, Terras devolutas - assinalando no conteúdo o perímetro da Hansa.  
Época aproximada: 1895.
- 76 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA RIO TUBARÃO, RIO CAPIVARY, RIO CACHOEIRINHAS, RIO PINHEIROS, RIO BELLO, RIO NOVO, RIO DO ORATÓRIO, RIO LA-GEADO - Localidades: Orleans, Lauro Müller, Rio Braço do Norte, Pedras Grandes, etc. - Século XIX. (Escala 1:100.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim - papel vegetal - bastante danificado  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Época aproximada: 1898.
- 77 - **DEEKE, JOSÉ.** PERFIL LONGITUDINAL DOS "CAMINHOS BONPLAND" DA COLÔNIA "HANSA", HUMBOLDT E BISMARCK DA EX-COLÔNIA DE SÃO BENTO - Distrito Itapocu, 04/02/1900. (Escala longitudinal 1:100.000 / Escala Vertical 1:50.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Partindo da Povoação Humboldt até a divisa das águas no caminho Bismarck.
- 78 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA CIDADE DE BLUMENAU - 1900. (Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.
- 79 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DAS LINHAS MOEMA E IRACEMA - NÚCLEO LUCENA. (Escala 1:50.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim - papel vegetal.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.:  
1) Destaque para Ponto de fuga Morro Itayol.  
2) Provável descida do Rio Itajaí - Linhas Moema, Linha Costa Carvalho, Linha Iracema, Linha Paraguassu.  
3) Época aproximada: 1900.

- 80 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DE CONTINUAÇÃO DA LINHA MOEMA. (Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Eingetragen unter n° 199.3 (*Registrado na H.K.G. sob n° 199.3*)  
Época aproximada: 1900.
- 81 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DE CONTINUAÇÃO DA LINHA MOEMA. (Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Eingetragen unter n° 199.4 (*Registrado na H.K.G. sob n° 199.4*)  
Época aproximada: 1900.
- 82 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA LINHA COSTA CARVALHO - NÚCLEO LUCENA.  
(Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Eingetragen unter 199.4 (*Registrado na H.K.G. sob n° 199.4*)  
Época aproximada: 1900.
- 83 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA LINHA COSTA CARVALHO - NÚCLEO LUCENA.  
(Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Eingetragen unter 199.5 (*Registrado na H.K.G. sob n° 199.5*)  
Época aproximada: 1900.
- 84 - **DEEKE, JOSÉ.** ESTRADA HUMBOLDT.  
Original - feito a mão - tinta nanquim - papel vegetal - bastante danificado.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Época aproximada: 1903.
- 85 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA POVOAÇÃO DE NEU BREMEN - levantada durante os meses de abril e maio de 1904. (Escala 1:6.000)  
Original - Impresso in Hamburg, L. Friederichsen & Co. - colorido.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 309.
- 86 - **DEEKE, JOSÉ.** KARTE DES DISTRIKTES ITAJAHY HERCÍLIO DER KOLONIE HANSA. (*Mapa dos Distritos Itajaí Hercílio e Colônia Hansa*) - Dez. 1904. (Escala 1:40.000)  
Original - Impresso in Hamburgo, L. Friederichsen & Co.  
(*Mapa dos Distritos Itajaí Hercílio da Colônia Hansa*)  
Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 034
- 87 - **DEEKE, JOSÉ.** ESBOÇOS DE SÃO BENTO. (Escala 1:25.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.

Loc.: A.N.D.

Obs.: Caminho dos Bugres, Rio Humboldt, Ribeirão do Pato Tonto, Caminho do Sarai-va.

Época aproximada: 1904.

- 88 - **DEEKE, JOSÉ.** LOTES COLONIAIS: LINHA MOEMA, RIO NEGRINHO, RIO BITUVA, RIO ANTINHAS, TERRA DE DAMASIO XAVIER PAES E JOSÉ BAUER.

Original - feito a mão - tinta nanquim - esboço.

Loc.: A.N.D.

Obs.: Época aproximada: 1904.

- 89 - **DEEKE, JOSÉ.** KARTE DES DISTRIKTES ITAPOCU DER KOLONIE HANSA. (*Mapa do Distrito Itapocu da Colônia Hansa*) - 1904. (Escala 1:40.000)

Original - Impresso in Hamburg, L. Friederichsen & Co..

Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 307.

- 90 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA EM CORES DE BLUMENAU E MUNICÍPIOS VIZINHOS - 1905. (Escala 1:500.000 metros)

Original - Editora "A Municipalidade de Blumenau" - Impressão de: "Lith. H. Wagner & E. Debes", Leipzig.

Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 005.

- 91 - **DEEKE, JOSÉ.** KARTE DER KOMARK BLUMENAU UND DER BENACHBARTEN MUNIZIPIEN. (*Mapa da Comarca de Blumenau e seus municípios vizinhos*) - 1905. (Escala 1:1.000.000)

Loc.: A.H.J.F.S. - Livro: WETTSTEIN, Dr. Phil. "BRASIL IEN UND DIE DEUTSCH-BRASILIANISCHE KOLONIE BLUMENAU" (Verlag von Friedrich Engelmann - 1907) - última página - V 981 W543b.

- 92 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA DO BRASIL - Hammonia, 21/07/1909 - sem indicação de escala.

Original - feito a mão - tinta nanquim - assinado e colorido pelo autor.

Loc.: A.N.D.

Obs.: com destaque e indicação da Parada dos Corpos do Exército Brasileiro em Tempo de Paz.

Localização dos: A) Regimentos de Infantaria; B) Regimentos de Cavalaria, Regimentos Artilharia; C) Batalhões de Caçadores; D) Companhia de Caçadores; E) Batalhões de Artilharia; F) Batalhão Isolado; G) Batalhão de Engenheiros; H) Sedes de Inspeção.

- 93 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DAS LIGAÇÕES ENTRE IRACEMA - PONTA DO RIO SÃO JOÃO - IRACEMA - RIO HERCÍLIO. (Escala 1:20.000)

Original - feito a mão - tinta nanquim.

Loc.: A.N.D.

Obs.:

- 1) Destaque para a posse das Terras Justificadas no ano de 1893 por Manoel Carvalho.
- 2) Terras legitimadas por Antonio Pereira dos Santos e Dulcio Joaquim de Oliveira.
- 3) Confrontações Colônia LUCENA contendo a Linha São Pedro e Linha Iracema - Linha Candido de Abreu e Rio dos Banhados.
- 4) Época aproximada: 1910.

- 94 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DAS LINHAS MOEMA E IRACEMA - NUCLEO LUCENA. (Escala 1:50.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim - papel vegetal.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Contendo pontos de fuga para os saltos grandes do Rio Hercílio - descida provável do Itajahy e linha paraguassu. Valle superior do Rio Hercílio, com ponto de fuga para o morro Itayol, com linha Costa Carvalho.  
Época aproximada: 1910.
- 95 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA COLONIAL DA PARTE NORDESTE DE SANTA CATHARINA - Hammonia, 8/05/1912. (Escala 1:500.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Destaque para Terras Particulares, terras concedidas às Companhias, Terras devolutas - convenções Patrimônios Municipais, relevo altimétrico.
- 96 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPPA DO DISTRITO DE HAMMONIA - 1914. (Escala 1:300.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim. - Loc.: A.N.D.
- 97 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA COLORIDA DA SEDE DO DISTRITO DE HAMMONIA COM ARREDORES - Caminhos Vicinais e Particulares - 1915. (Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.
- 98 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA SEDE DO DISTRITO DE HAMMONIA COM ARREDORES - 1915. (Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - colorido.  
Loc.: A.N.D.
- 99 - **DEEKE, JOSÉ.** GRANDE MAPA REGISTRANDO TODOS OS RIOS, RIBEIROS, SERRAS, LOTES DEMARCADOS, COMPREENDENDO TODO O PERÍMETRO DA CONCESSÃO HANSEÁTICA E SUAS CONFRONTAÇÕES.  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.

Obs.:

- 1) Destaque para Reserva dos índios e Posto Duque de Caxias.
- 2) A concessão SIMÕES no Rio da Prata pressionou os Botocudos sobre a Colonização Hanseática.
- 3) Época aproximada entre 1917 a 1922.

100 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA CIDADE DE BLUMENAU - Demarcando a área de 75,40 hectares ou 301,60 morgen.

Original - feito a mão - tinta nanquim - papel vegetal.

Loc.: A.N.D.

Obs.:

- 1) Destaque para bairro Boa Vista.
- 2) Extraído da Planta Cadastral da cidade de Blumenau, organizada por José Deeke em 1918.

101 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA DA COLÔNIA HAMMONIA. (Escala 1:400.000).

Original - feito a mão - tinta nanquim - esboço.

Loc.: A.N.D.

Obs.: Destaque para assentamentos e áreas de Floresta Virgem.

Época aproximada: 1919.

102 - **DEEKE, JOSÉ.** ESBOÇO TERRAS CONCESSÃO NAPOLEÃO POETA, COM DESTAQUE DA SERRA PITOCO E RIO PERIMBÓ E NO SUDESTE O RIO DO SUL COM SEUS AFLUENTES.

Original - feito a mão - tinta nanquim.

Loc.: A.N.D.

Obs.: Trata-se da concessão de N. Poeta presumivelmente de 1919.

103 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA DO NOROESTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - 07/07/1920 - sem indicação de escala

Original - feito a mão - tinta nanquim - pintado com lápis de cor - assinado pelo autor.

Loc.: A.N.D.

104 - **DEEKE, JOSÉ.** ESBOÇO DOS LOTES SITUADOS NA BOA VISTA - BLUMENAU (SC). (Escala 1:2.500 m)

Loc.: A.N.D.

Original - feito a mão - tinta nanquim.

Obs.: Assinalando terras de Luiz Rischbieter, Heinrich Rischbieter, José Deeke, com 96.106,5 m<sup>2</sup>; Hermann Maas, Willy Scheefer, Leopold Rabe, Theophilo Zadrozny.

Época aproximada: 1920.

- 105 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA RUA SÃO PAULO E RIO ITAJAÍ-AÇÚ E ESTRADA DE FERRO. (Escala 1:5.000 m)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Contendo proprietários dos lotes assinalados.  
Época aproximada: 1920.
- 106 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DOS LOTES MEDIDOS NA ESTRADA FELIPPE SCHMIDT - em MOEMA-PLATE. (Escala 1:10.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim - papel específico para cartografia da Cia. Hanseática.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: eingetragen unter n° 200 (*Registrado na H.K.G. - Hanseatische Kolonisations Gesellschaft - n° 200*)  
Época aproximada: 1920.
- 107 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA CADASTRAL DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU, DESDE A SEDE ATÉ BADENFURT.  
Original - feito a mão - desenhado a lápis.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Assinalando os lotes na Boa Vista, o seu próprio (José Deeke) e de seus parentes.  
Época aproximada: 1920.
- 108 - **DEEKE, JOSÉ.** ESBOÇO TERRAS DE LUIZ BERTOLI E CO. DELIMITANDO-SE COM A CONCESSÃO SIMÕES E TERRAS DE V. GAERTNER, ATRAVESSADAS PELO RIO GRANDE.  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Época aproximada: 1921.
- 109 - **DEEKE, JOSÉ.** KARTE DER KOLONIE HAMMONIA. (*Mapa da Colônia Hammonia*) - 27/09/1920 (Escala 1:300.000)  
Original - Impresso in DIE HANSEATISCHEN KOLONIE IN STAATE SANTA CATHARINA, BRASILIEN, ZUR AUSKUNFTERTEILUNG AN AUSWANDERUNGSLÜSTIGE, VEROFFENTLICHUNG DER HANSEATISCHEN KOLONISATIONS GESELLSCHAFT. m. b. H. (*A Colônia Hanseática no Estado de Santa Catarina, Brasil, Publicação com o objetivo de fomentar a Emigração*) - BLUMENAU - 1921.  
Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 D311h  
Obs.: Refere-se à região da Hansa-Hammonia (atual Ibirama).
- 110 - **DEEKE, JOSÉ.** KARTE DER KOLONIE HANSA. (*Mapa da Colônia Hansa*) - 01/10/1920 (Escala 1:300.000)

Original - Impresso in DIE HANSEATISCHEN KOLONIE IN STAATE SANTA CATHARINA, BRASILIEN, ZUR AUSKUNFTERTEILUNG AN AUSWANDERUNGSLÜSTIGE, VEROFFENTLICHUNG DER HANSEATISCHEN KOLONISATIONS GESELLSCHAFT. m. b. H. (*A Colônia Hanseática no Estado de Santa Catarina, Brasil, Publicação com o objetivo de fomentar a Emigração*) - BLUMENAU - 1921.

Loc.: A.H.J.F.S. - V 981 D311h

Obs.: Refere-se à região da Hansa-Humboldt (atual Corupá).

- 111 - **DEEKE, JOSÉ.** RASCUNHOS DE LEVANTAMENTO - DESTAQUE CONCESSÕES BREVES - 17.363,2817 Hectares, confrontando-se com Hering e Bazanella, com Paulo Zimmermann, com Emilio Wehmuth, Rio subida - EFSC. (Escala 1:100.000)

Original - feito a mão - tinta nanquim - esboço.

Loc.: A.N.D.

Obs.: Terras Joaquim Moratelli com 2.400 Hectares no Ribeirão do Bode - Rio Ilse, Morro Ilse.

Época aproximada: 1922.

- 112 - **DEEKE, JOSÉ.** ESBOÇO DA CONCESSÃO DE CARLOS NAPOLEÃO POETA E PAULO ZIMMERMANN EM CONJUNTO.

Original - feito a mão - tinta nanquim - assinalado o Rio Itajaí do Sul.

Loc.: A.N.D.

Obs.: Época aproximada: 1922.

- 113 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA DAS TERRAS COLONIZADAS E NÃO COLONIZADAS NA PARTE NORDESTE DE SANTA CATHARINA - 30/06/1924. (Escala 1:500.000)

Original - Impresso in Blumenau, Tip. Baumgarten - três cores.

Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 035

- 114 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU - Organizado por José Deeke por Ordem do Sr. Superintendente Municipal Curt Hering - 1924. (Escala 1:250.000)

Original - Impresso in Lithographie und Buch von F. A. Brockhaus Leipsig - colorido.

Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 007.

- 115 - **DEEKE, JOSÉ.** EVANGELISCHE KIRCHE HAMMONIA. (Igreja Evangélica de Hammonia)

Desenho da fachada e interior - projeções arquitetônico- estruturais - Planta Baixa e disposição solar - 01/02/1927.

Original - feito a mão - tinta nanquim.

Loc.: A.N.D.

- 116 - **DEEKE, JOSÉ.** DELINEAMENTO CAMINHO DO PINHAL - HANSA. Hammonia, 13/04/1928. (Escala 1:50.000)  
Loc.: A.N.D.
- 117 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA CONTENDO DELINEAMENTO DOS LOTES DA EX-COLÔNIA ANGELINA. (Escala 1:100.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.N.D.  
Obs.: Destaque para terras de *Cícero Rodrigues Brasil*; Rio Tijucas; Rio das Cachoeiras; Rio do Engano; Rio Garcia; Ribeirão do Major; Rio Boa Esperança; Rio Coqueiro; Rio Schubert; destaque da *Sesmaria Dr. Schutel*, no Rio Bonito; Rio do Scharff; Rio das Antas; Estrada S. Isabel; Estrada São José, no Ribeirão das Congonhas; Estrada para a Vargem dos Pinheiros.  
Época aproximada: 1928.
- 118 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA CADASTRAL E ESTATÍSTICO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO ITAJAÍ, VALE DO ITAPOCU, VALE DO ITAJAÍ MIRIM E DO VALE DO TIJUCAS - Até 1928 - Elaborado através do "Sistema Soldner". (Escala 1:100.000)  
Original - feito a mão - tinta nanquim.  
Loc.: A.H.J.F.S. (Grande Mapa encartado)  
Obs.:  
1) Contendo projeção de todos os lotes inclusos num perímetro envolvendo a área aproximada de 30.000 km<sup>2</sup>.  
2) O Ministério da Guerra do Brasil fez uso do Mapa durante a 2ª Guerra Mundial.  
3) Não consta o livro de registro das referências cadastrais.
- 119 - **DEEKE, JOSÉ.** PLANTA DA REDE DE ESTRADAS ENTRE OS LUGARES DE URU E SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA - 1929. (Escala 1:100.000)  
Original - Impresso.  
Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 247.
- 120 - **DEEKE, JOSÉ.** MAPA CADASTRAL E ESTATÍSTICO DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU - Dezembro de 1938 - (Escala 1:100.000)  
Cópia  
Loc.: A.H.J.F.S. - Mapoteca - n° 009.  
Obs.:  
1) Copiado de um trabalho organizado por José Deeke em 1924.  
2) Contendo a projeção dos lotes nos atuais municípios de Blumenau e Massaranduba.  
3) Não consta o livro de registro das referências cadastrais.

**ORGANIZAÇÃO:** *Cristina Ferreira (Arquivo Histórico de Blumenau).*  
*Niels Deeke (Arquivo Niels Deeke)*